This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

In Memory of
STEPHEN SPAULDING
1907 – 1925
CLASS of 1927
UNIVERSITY OF MICHIGAN

In Memory of
STEPHEN SPAULDING
1907 – 1925
CLASS of 1927
UNIVERSITY OF MICHIGAN

GABINETE HISTORICO,

QUE

A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA,

O SENHOR REI

D. JOÃO VI.

EM O DIA DE SEUS FELICISSIMOS ANNOS,

13 DE MAIO DE 1818,

OFFERECE

Fr. CLAUDIO DA CONCEIÇÃO,

Ex-Definidor, Examinador Synodal do Patriarchado de Lisboa, Prégador Regio, e Padre da Provincia de Santa Maria d'Arrabida.

TOMO VI.

DESDE 1710 ATE' 1717.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1820.

Com Licença.

amizade, a que o mesmo Rei respondeo com reciprocas expressões, por outra tambem escripta da sua propria mão.

Aconselhado o Senhor Rei D. João V. pelos Medicos a fazer huma jornada para recuperar a sua saude, sahe do Paço a 14 de Junho, desembarca no mesmo dia em Coina com seus Irmãos os tres Infantes, e em pouco tempo chegárão á Villa de Azeitão. Visitão nessa tarde o Convento do meu Padre S. Domingos, e no outro dia se dirigírão ao meu Convento de Nossa Senhora d'Arrabida. Vão no dia 19 á Villa de Cezimbra vêr huma pescaria: o modo com que forão recebidos nesta Villa. Voltando a Azeitão, vai ElRei dar cumprimento a huma promessa, que fizera ao Senhor Jesus do Bom Fim, na Villa de Setubal. Sua grandiosa entrada pública nesta Villa, e os obsequios que lhe fizerão os seus moradores. Visita os Conventos, Fortalezas, e tudo que era digno de memoria nesta Villa. Passa de Setubal á

Villa de Palmella; assiste no Convento dos Freires de S. Tiago á festa da Visitação de Nossa Senhora, que nesse dia se celebrava. De Palmella passa a Coina, e dahi a Lisboa.

Dá-se noticia da fundação da Igreja do Menino Deos; do luto que se tomou pela morte do Imperador José I., e do modo com que o Bispo Capellão-Mór D. Nuno da Cunha de Ataide recebeo o Barrete de Cardeal.

Sahe o Governador das Armas da Provincia do Alemtéjo Pedro Mascarenhas de Carvalho em campanha. Intenta o Marquez de Bay ganhar o pequeno Castello de Barbacena, e o não consegue pela boa disposição do Capitão Francisco de Carvalho, que o governava com cincoenta soldados infantes, mandados pelo Capitão Jeronymo da Silveira. Intentando depois o mesmo Marquez de Bay com tres mil granadeiros surprender Arronches, Praça mal fortificada, situada da outra parte do Caya, o Tenente Coronel André Ferreira da Cos-

ta, que a governava, rechaçou os inimigos de tal sorte, que os obrigou a retirarem-se com perda de mortos, e feridos. A militar disposição do Governador das Armas, Pedro Mascarenhas, fez com que o Marquez de Bay se retirasse sem poder conseguir cousa alguma, a pezar da superioridade do seu Exercito. Recebeo Milord de Portmorre, General das Tropas de Inglaterra, ordem para se retirar.

Fazendo-se suspensão de Armas entre França, Hespanha, e Inglaterra no Congresso de Utrecht, e ficando os Portuguezes excluidos deste Tratado, e só em campo, foi preciso procurar os meios possiveis para a guerra defensiva, não só na Provincia do Alemtéjo, mas em todas as mais. O modo com que isto se fez, e as providencias que se derão. Recommendão-se reclutas na Provincia d'Entre Douro e Minho, para quatro Regimentos de Infantaria, que com o do Porto tinhão ficado em Alemtéjo, e para dez de Cavallaria

da mesma Provincia. Manda-se fazer a mesma diligencia no Algarve, para quatro Regimentos de Infantaria, e hum de Cavallaria. Na Provincia da Estremadura, que governava o Duque de Cadaval, se encarregárão as reconducções.

Sitio da Praça de Campo-Maior. Gloria dos defensores commandados pelo Conde da Ribeira. Retirada do Marquez de Bay, depois de dar tres assaltos á Praça sem nada poder conseguir, perdendo neste sitio considerável número de gente, com pouca perda da nossa parte. Premios que ElRei deo aos defensores da Praça de Campo-Maior. Manda o mesmo Rei reparar as ruinas da Igreja de S. João Baptista, a quem deo huma alampada de prata. Premêa o Infante D. Francisco ao Conde da Ribeira, pelos gloriosos serviços alcançados na defensa daquella Praça.

Chegada de huma frota do Brazil de setenta navios com cincoenta milhões de cruzados, em que vierão as agradaveis noticias de que ficava

socegada a Capitania de Pernambuco das desordens lá succedidas, pela actividade do seu Governador, e se tinhão reparado no Rio de Janeiro os damnos padecidos na invasão dos Francezes; da qual invasão se dá noticia.

Tratado da suspensão de Armas pelos Plenipotenciarios de Suas Magestades, Portugueza, e Christianissima em Utrecht. Jornada do Senhor Rei D. João V. de Salvaterra á Villa de Santarém, onde deo a sua entrada pública. Retirada das Tropas Portuguezas de Catalunha para Portugal, e o que nesta retirada se passou. Tratado de paz entre ElRei de França Luiz XIV., e o Rei de Portugal D. João V., concluido em Utrecht. Publicação da paz em Lisboa.

Gloriosas acções militares obradas no Estado da India, sendo Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes. Tratado de paz feito na Cidade de Gôa entre o nosso Governador, e o Rei de Canará. Tratado de paz entre o Senhor Rei D. João V., e

D. Filippe V. de Hespanha feito em Utrecht. Publicação da paz. Allivia-se o povo dos tributos. Reforma do Exercito. Dá-se noticia de huma Academia de Historia Ecclesiastica em Lisboa, suas Sessões, e o seu fim.

Trasladação das gloriosas Servas do Senhor Santa Tereza, e Santa Sancha Portuguezas, em que se dá noticia das suas vidas. Soccorre ElRei de Portugal ao Papa Clemente XI. contra o Turco, e dá-se noticia do memoravel sitio de Corfú. Relação da solemne Procissão de Preces, que por ordem da Côrte Ottomana fizerão os Turcos na Cidade de Meca, para alcançar a assistencia de Deos contra as Armas do Imperador de Alemanha, e mais Potencias Christãs.

Relação da batalha de Peter-Varadin, em que as Armas Imperiaes, em beneficio universal da Christandade, vencêrão, e desbaratárão as forças do Imperio Ottomano, na qual se achou o Infante de Portugal o Senhor D. Manoel. Gloria desta

campanha para este Reino. O que nella obrárão os valorosos Portuguezes D. Diniz de Almeida, Manoel Telles da Silva, e outros.

Erige-se em Convento o Recolhimento da Madre de Deos da Villa de Guimarães, para as Religiosas, que professão a primeira Regra de Santa Clara: festas que por este motivo se fizerão; e o que a este respeito praticou o Arcebispo Primaz de Braga D. Ruy de Moura Telles. Dá-se noticia dos banhos das Alcaçarias, e de quem os reduzio a melhor fórma. Grande honra do Senhor Rei D. João V. para com Fr. Gaspar da Encarnação Moscoso, indo assistir á sua Profissão no Convento de Vara-Tojo. Quem acompanhou a ElRei nesta jornada. Morte do Commissario-Geral da Bulla da Santa Cruzada D. Francisco de Sousa, e do seu successor Pedro Hasse de Belém, seguindo-se em seu lugar o Doutor João Duarte Ribeiro. Faz Profissão no Convento de Vara-Tojo D. Fernando Antonio de Menezes, filho dos Con-

des da Ericeira. Jornada que o Senhor Rei D. João V. fez a Villa Viçosa, indo cumprir huma Romaria a Nossa Senhora da Conceição da mesma Villa, e o mais que se passou nesta romagem.

Nomeação do primeiro Patriarcha de Lisboa D. Thomás de Almeida, depois de erecta a Capella Real em Igreja Patriarchal, e Metropolitana. Faz seu Irmão o Conde de Avintes, em demonstração de alegria, humas grandes luminarias. Participa o Papa Clemente XI. em Consistorio ao Sacro Collegio dos Cardeaes os motivos da erecção desta nova Igreja, e lhe assigna suffraganeos, e as Dignidades de que se compõe este Cabido. Toma o mesmo Cabido posse de todas as honras, privilegios, e graças concedidas pela Bulla do Papa. He nomeado Vigario-Geral da nova Diocese Patriarchal de Lisboa Occidental o Doutor João Cardoso Castello. Toma o Patriarcha posse da sua nova Dignidade por seu Procurador D. José Dionysio de Sou-

sa, Arcediago da mesma Cathedral. Entrada pública do Patriarcha na Santa Igreja Patriarchal, o que se fez com a maior solemnidade, pompa, e grandeza possivel, e até então nunca vista. Lugares que occupou este grande Prelado: Honras, e Mercês, que recebeo do grandioso Monarcha o Senhor Rei D. João V.

INDECE

Dos Capitulos que contém este Volume.

Pag.

CAP. I. *Continua-se o governo do Senhor D. João V. XXIV. Rei de Portugal.* . . 1

CAP. II. *Recupera-se a Praça de Miranda.* 11

CAP. III. *Sabida do nosso Exercito do Alemtéjo. Morte do Imperador José I. em que lhe succedeo seu irmão com o nome de Carlos VI.* 19

CAP. IV. *Jornada que por conselho dos Medicos fez o Senhor Rei D. João V.* 22

CAP. V. *Dá-se noticia da fundação da Igreja do Menino Deos; do luto que se tomou pela morte do Imperador José I.; e do modo com que o Bispo Capellão-Mór D. Nuno da Cunha d' Ataide recebeo o Barrete de Cardeal.* 34

CAP. VI. *Continuação dos nos-*

sos progressos militares. . . 40
CAP. VII. *Sitio da Praça de Campo-Maior, em que os Portuguezes ficárão victoriosos, acabando gloriosamente huma porfiada guerra de tantos annos, com o mesmo valor com que tinhão principiado.* . . . 49
CAP. VIII. *Chegada de huma Frota do Brazil com cincoenta milhões de cruzados, em que vierão outras agradaveis noticias* 105
CAP. IX. *Invasão dos Francezes no Rio de Janeiro.* . . . 107
CAP. X. *Tratado da suspensão de armas ajustado pelos Plenipotenciarios de Suas Magestades, Portugueza, e Christianissima em Utreck a 7 de Novembro de* 1712. 119
CAP. XI. *Jornada do Senhor Rei D. João V. de Salvaterra á Villa de Santarem, onde deo a sua entrada pública.* 127
CAP. XII. *Retirada das Tropas Portuguezas de Catalunha para Portugal.* 135
CAP. XIII. *Tratado de paz en-*

tre Sua Magestade Christianissima, e Sua Magestade Portugueza concluido em Utreck a 11 de Abril de 1713 154
CAP. XIV. *Publicação da Paz em Lisboa* 170
CAP. XV. *Das gloriosas acções militares obradas no Estado da India, sendo Vice-Rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes em o anno de 1713.* 173
CAP. XVI. *Tratado de paz entre o Senhor Rei D. João V., e D. Filippe V. Rei de Hespanha, feito em Utreck a 6 de Fevereiro de 1715* . . . 241
CAP. XVII. *Dá-se noticia de huma Academia de Historia Ecclesiastica em Lisboa.* . . 274
CAP. XVIII. *Trasladação solemne das gloriosas Servas do Senhor Santa Tereza, e Santa Saucha Infantas de Portugal, Beatificadas pelo Papa Clemente XI.* 283
CAP. XIX. *Soccorre ElRei de Portugal ao Papa contra o Turco; e dá-se noticia do me-*

moravel sitio de Corfú. . . . 302
CAP. XX. *Relação da solemne Procissão de preces, que por ordem da Côrte Ottomana fizerão os Turcos na Cidade de Meca, para alcançar a assistencia de Deos contra as armas do Imperador d'Alemanha, e mais Potencias Christãs.* 359
CAP. XXI. *Relação da Batalha de Peter-varadin, em que as armas Imperiaes em beneficio universal da Christandade, vencêrão, e desbaratárão as forças do Imperio Ottomano; na qual se achou o Infante de Portugal o Senhor D. Manoel.* 376
CAP. XXII. *Continuação de alguns factos memoraveis deste anno 1716.* 394
CAP. XXIII. *Jornada que o Senhor Rei D. João V. fez a Villa-Viçosa.* 399
CAP. XXIV. *Nomeação do primeiro Patriarcha de Lisboa, sua entrada pública na Patriarchal, e o mais que diz respeito a este objecto.* 404

CAPITULO I.

Continua-se o governo do Senhor D. João V. XXIV. Rei de Portugal.

NESTE mesmo anno, a 10 de Dezembro, se achárão as nossas Tropas na batalha de Villa-Viçosa, que o Marechal de Staremberg venceo pela constancia, e valor dos Officiaes, e Soldados, com mui desigual poder ao dos inimigos, como elle refere na carta, que escreveo a ElRei D. Carlos, dando-lhe conta desta gloriosa victoria, a qual traduzida do Francez he do theor seguinte: 1710

Senhor:

« Já Vossa Magestade estará in-
« formado pelo Capitão das Guardas
« Catalãas, de tudo quanto se tem pas-

« sado no Exercito, depois que Vos-
« sa Magestade se retirou delle; e
« tambem saberá, que a falta de vi-
« veres nos obrigou a ir buscar os
« Armazens de Aragão: e para este
« effeito, pareceo conveniente, que
« fizessemos a nossa retirada cober-
« tos de dois Rios Téjo e Taguna:
« o que executamos felizmente até
« ás vizinhanças de Cifuentes, ape-
« zar das muitas diligencias, que o
« inimigo fez nesta marcha para ata-
« car a nossa retaguarda, favorecen-
« do-o os paisanos de Castella, que
« tomárão as armas para se lançarem
« sobre as nossas Tropas, e para pi-
« lharem a nossa bagagem; mas tudo
« lhe embaraçamos com aquella pre-
« caução, que era possivel.

« A estação já adiantada, e a
« mesma necessidade de viveres, e de
« forragens para as Tropas, nos obri-
« gou a marchar em columnas por
« differentes caminhos. As Tropas In-
« glezas, suppondo achar mais algu-
« mas Provisões em Biruhega para
« poder subsistir tomárão aquelle

« caminho, e fizerão alto no dia oito; « neste mesmo dia os surprendeo, e « atacou o inimigo com todo o seu « Exercito, e os fez recolher no lu- « gar, postou as suas baterias, e co- « meçou a bater as muralhas.

« Antes que eu tivesse noticia « deste accidente, tinha mandado or- « dem a todos os outros corpos, que « marchavão separados, para que se « viessem ajuntar commigo, prevendo « o grande risco, que se podia seguir « na marcha por columnas; e tanto « que soube do estado, e do perigo « a que os Inglezes estavão expostos, « marchei com todo o exercito toda « a noite de oito, e o dia seguinte; « para vêr se os podia livrar delle.

« Chegámos a dez a huma legoa « de Biruhega, quasi de noite, e pa- « ra dar signal aos Inglezes de que « eu os hia soccorrer, fiz atirar toda « a noite varios tiros de canhão, e « aos inimigos os achamos formados « em batalha.

« As Tropas, que estavão sitia- « das em Biruhega, constavão de oi-

« to Batalhões, e oito Esquadrões: « pareceo-me que não devia abando- « nar hum corpo tão consideravel, e « que esta era huma forçosa razão de « me arriscar a hum combate, ainda « que o Exercito inimigo fosse supe- « rior ao meu, e me excedesse muito « em cavallaria, e que o terreno, por « ser plano e descoberto, nos não « fosse vantajoso; mas naquelle aper- « to não era já tempo de me poder « retirar, e assim tratei de formar o « Exercito, postando o lado esquerdo « junto a hum barranco de difficil ac- « cesso; e como o direito me ficava « exposto com a larga planicie, pro- « curei cubrillo com alguns Batalhões. « Postei a cavallaria na retaguarda « da primeira, e da segunda linha, « formando quatro linhas por esta « parte, e a preça era tanta, que não « sei como houve tempo para acabar « esta disposição. Entre tanto jogava « a artilharia de huma e outra parte « incessantemente, fazendo em ambas « bastante estrago.

« Começou o inimigo o seu ata-

« que com boa ordem, e com vigor,
« ganhando em algumas partes o flan-
« co do nosso lado direito; mas re-
« fazendo-se as nossas Tropas, sus-
« tentarão por aquella parte o gran-
« de impeto dos inimigos, ao mesmo
« tempo puzerão estes em derrota o
« nosso lado esquerdo, e ganhárão a
« nossa retaguarda: o que vendo o
« Sargento-Mór de Batalha Monsieur
« de Contrecourt acodio com preça
« com tres Esquadrões Portuguezes,
« e tres Batalhões da segunda linha,
« que se lhe juntarão, a saber: hum
« de Grisões, hum Portuguez de Bu-
« lhões, e o Regimento de Report,
« e avançou tão a proposito, e com
« tal impeto aos inimigos, que deo
« lugar a que o nosso lado esquerdo
« se refizesse, e por ambos os lados
« se puzesse o inimigo em derrota;
« e assim pela sua direita, como pe-
« la esquerda os fomos seguindo, e
« derrotando mais de meia legoa, to-
« mando-lhe todo o trem da sua ar-
« tilharia, muitas Bandeiras, e Es-
« tandartes. A mortandade foi gran-

« de, e mais de seis mil inimigos fi-
« cárão mortos no campo da batalha.

« As nossas Tropas não se de-
« tiverão em fazer prisioneiros; mas
« matárão tudo o que encontravão,
« nem se deo a vida mais que ao
« General, o Marquez de Thouy, e
« alguns Brigadeiros, e Subalternos,
« e a hum pequeno número de Solda-
« dos.

« O Exercito dos inimigos se
« compunha de trinta e dois Bata-
« lhões, e oitenta Esquadrões, a sa-
« ber: vinte Batalhões formados das
« reliquias, que ficárão da batalha de
« Caragoça, e doze, que tinhão che-
« gado de Extremadura, e quarenta
« e quatro Esquadrões formados tam-
« bem das reliquias dos setenta, que
« tinhão na mesma batalha, e de
« trinta e seis, que vierão da Extre-
« madura.

« O nosso Exercito compunha-se
« de vinte e nove Esquadrões, e vin-
« te e sete Batalhões, a saber: quatro
« Esquadrões Imperiaes, dois Hespa-
« nhoes, hum Aragonez, dez Porta-

guezes, seis Hollandezes, e seis Palatinos. A Infantaria consistia em quatorze Batalhões Imperiaes, cinco Hespanhoes, dois Portuguezes, dois Inglezes, dois Hollandezes, e dois Palatinos. Todos estes corpos estavão tão enfraquecidos, como se póde suppor no fim de huma campanha tão trabalhosa, e no mez de Dezembro. Além disto, a nossa Cavallaria do lado esquerdo, e sete Batalhões desapparecerão de sorte, que eu me vi reduzido a combater sómente com vinte Batalhões, e dezeseis Esquadrões, que vinha a ser hum contra tres. Deos foi servido inspirar tal valor, e tal conducta aos Officiaes, e Soldados, que a pezar do grande número, e da superioridade dos inimigos, os derrotárão, os pozerão em fugida, e fizerão acções, que parecerão sobrenaturaes. Todos se distinguirão, porém mais particularmente os Mestres de Campo Generaes Barão de Wezel, o Conde de Atalaya, D. Antonio de Villarel, os Sargen-

« tos-Móres de Batalha o Conde de « Eck, o Conde de Hamiltou, e D. « Pedro de Almeida. Todos estes Ge- « neraes obrárão com summo valor, « e derão mostras da sua grande pru- « dencia, e capacidade, e forão os « unicos, que obrárão em toda a ac- « ção; porque logo no primeiro ata- « que perdemos aos Generaes Bellas- « tel, Frankenberg, Copi, e St. Amant.

« O combate foi tão sanguino- « lento, que por differentes vezes com- « baterão os Batalhões, e Esquadrões « separados, e por si só; fazendo os « seus Commandantes as funcções de « Generaes, atacando, e derrotando « aos inimigos por todas as partes, « por onde os accommettião.

« Eu parece-me que não exag- « gerei dizendo, que no campo ficá- « rão mortos seis mil inimigos, ven- « do-se, que esta acção durou desde « as tres horas da tarde até ser já noi- « te fechada, e bem escura; e que « obrigamos aos inimigos a huma pre- « cipitada fuga.

« Quando ganhamos a sua Arti-

« lharia a voltamos contra elles, e « ficamos o outro dia no mesmo lu« gar até onde os tinhamos seguido.

« Depois da acção soube pelos « prisioneiros, e desertores, que os « Inglezes, que estavão em Biruhega « tinhão capitulado huma hora antes « da nossa chegada, ficando prisio« neiros de guerra: e como huma « parte das Tropas do nosso lado es« querdo fugisse sem saber para on« de, porque até agora não tive mais « noticia, senão que sem parar toma« rão o caminho de Aragão; e o « resto das Tropas em tempo tão ri« goroso se achassem tão fatigadas, « sem pão, e sem nenhum genero de « viveres; por todos estes motivos « me vi obrigado a retirar no mesmo « dia de onze, para chegar mais de« pressa aos Armazens de Aragão.

« Alguns Esquadrões dos inimi« gos quando pozerão em desordem « o nosso lado esquerdo se lançárão « sobre a nossa bagagem, e a pilhárão; « ao que os ajudárão bastantemente « os paizanos.

« Além de todas as circunstâncias, que concorrerão nesta occasião, « succedeo tambem, que toda a gente, que servia a artilharia, tinha desapparecido com o trem; e por este respeito não podemos conduzir « nem a nossa, nem a artilharia dos « inimigos, e não tive mais remedio, « que mandar queimar os reparos, e « as rodas.

« Esta he, Senhor, a exacta relação, que a brevidade do tempo « me permitte fazer a Vossa Magestade, etc. »

Depois desta batalha quasi todas as Cidades se declarárão por El-Rei D. Filippe.

CAPITULO II.

Recupera-se a Praça de Miranda.

ENCARREGADO de recuperar a Praça de Miranda D. João Manoel de Noronha, Mestre de Campo General (depois Conde de Atalaia) que governava as Tropas, que se achavão de quartel na dita Provincia, determinou o dia 10 de Março, para que em Vimioso se juntasse a Infantaria, e em Aldanicas a Cavallaria, por ficarem estas Praças distantes quatro legoas da Cidade de Miranda. 1711

Tanto que o exercito acampou, foi o primeiro cuidado de D. João Manoel cortar a communicação, que os inimigos tinhão pelo Rio Doiro; e assim ordenou ao General de Batalha Pedro Carle o fosse executar, e o não pôde conseguir por ser noite,

e pelos terriveis precipicios por onde precisamente havia de passar. Depois de feito o alojamento sobre a ribeira de Tresno, começou huma bataria de oito peças a bater o Castello. O General de Batalha Pedro Carle, no dia 12, com cem Granadeiros, e o Regimento de Andre Pires da Silva, e duzentos homens, tirados por destacamento do Exercito, forão cortar a communicação da Barca do Douro, o que quasi era impossivel, a não serem os inimigos surprendidos, havendo-se passar por caminhos por onde ninguem passou. O Coronel marchou na testa de cem Granadeiros, seguidos de duzentos infantes, sustentado pelo General de Batalha Pedro Carle com o Regimento do dito Coronel, e ganhárão hum alto da montanha, postando-se a meio tiro de mosquete da Praça. Tomados nesta forma os postos, Pedro Carle ordenou ao Coronel André Pires, que marchasse com parte daquella infantaria a atacar os inimigos, que estavão em huma vinha, mostrando que

rião defender a sua communicação; porém tanto que virão que marchavão em direitura a elles, se recolherão á Praça. O Coronel, que tinha ordem para destacar cincoenta homens do lugar da Barca logo que ganhasse a vinha, o executou; mas não lhe foi possivel queimallo, por ficar da outra parte do Rio debaixo do fogo de huma trincheira dos inimigos: porém hum Tenente, e muitos Granadeiros briosamente se offerecerão a passar com valor o Rio a nado, sendo neste sitio mais rapido do que se póde imaginar. Conseguida a expedição, Pedro Carle se retirou deixando ao Coronel André Pires postado de sorte, que não podião os inimigos ter communicação alguma pelo Rio. Assim que D. João Manoel teve perfeita a bataria, principiou a bater a Cidade a 13 do referido mez ás 5 horas da tarde; e em pouco lhe desmontou quatro peças, que atiravão sobre o nosso ataque.

Vendo os inimigos, que nos não podião fazer damno com a sua arti-

lharia, derão principio a huma bataria sobre o ramal esquerdo de huma obra corna, que cobre hum lado do Castello, com que poderião offender o nosso ataque; porém o General D. João Manoel com singular accordo tomou a resolução de a mandar atacar, tanto que fosse noite, com a espada na mão: o que encarregou ao Brigadeiro Thomaz da Silva Telles, (depois Visconde de Villa Nova da Cerveira) que pela posta tinha chegado da Provincia do Alemtéjo ao campo no dia antecedente para assistir ao sitio, e se lhe derão duzentos e cincoenta Granadeiros á ordem do Coronel Francisco de Arêz, e duzentos infantes, governados pelo Sargento-Mór João Pisano. Executou Thomaz da Silva esta acção com tanto vigor, que conseguio que os inimigos abandonassem a obra corna, contentando-se em fazer hum grande fogo de artilharia, e mosquetaria sobre os nossos Soldados, que logo se cobrirão de traz da muralha da mesma obra: foi conseguida esta acção

com tanta felicidade; que não perdemos nem hum Soldado, e sómente o Capitão de Granadeiros João da Costa Ferreira, que nesta occasião se havia distinguido, recebeo huma bala de mosquete em huma perna.

Ao mesmo tempo batia vigorosamente a nossa artilharia a Praça desorte, que vendo os sitiados se começava abrir a brecha, tocárão a chamada ás oito horas da manhã do dia 15 de Março, e mandárão hum Tenente, pedindo tres dias para se resolverem no que devião fazer: o *General D. João Manoel* com aquelle generoso espiriso, de que se animava, lhe respondeo; que elle não tinha que lhe dizer, senão estas poucas palavras: Que a guarnição havia ser prisioneira de guerra, e que lhe dava meia hora para se resolverem; e pelo que respeitava aós Officiaes, se lhe farião todas as honras permittidas. Para tratar este negocio mandou ao Brigadeiro Thomaz da Silva ajustar com o Governador a entrega; e detendo-se pouco Thomaz da Silva,

voltou dizendo, que os Officiaes da guarnição não querião consentir em ficarem prisioneiros de guerra, e pedião alguma moderação naquelle Tratado: o General D. João Manoel não deo outra reposta a esta propozição, mais que mandar bater vigorosamente a Praça, e passou ordem para se dar assalto geral com todos os Granadeiros do Exercito, e alguns Regimentos: o que observado da Praça, tocárão segunda vez á chamada: voltou a ella Thomaz da Silva Telles, e capitulou com o Governador, que a guarnição ficaria prisioneira de guerra á mercê do Mestre de Campo General D. João Manoel; e tanto que se assignárão as Capitulações da entrega, no dia 15 de Março, pelo Brigadeiro Thomaz da Silva Telles, e o Tenente Rei, Commandante da dita Praça, D. Antonio de Mendonça e Sandoval, a ratificou o General D. João Manoel de Noronha, que mandou logo occupar a porta principal com cem Granadeiros, e a brecha com cincoenta. Os prisioneiros forão

o Governador D. Antonio de Mendonça e Sandoval, hum Tenente Coronel, o Sargento-Mór da Praça, o Tenente de Fuzileiros, e o seu Alferes, o Ajudante do primeiro batalhão de Palomino, dezoito Capitães, treze Tenentes, dezeseis Alferes, trinta e oito Sargentos, quatorze Tambores, e novecentos e trinta e sete Soldados, o Commissario da Artilharia, e Artilheiros, que fazião por todos mil e trinta e seis, a quem não concedeo o General mais que ficarem com a sua roupa: e o ardor, e actividade, com que o General se lançou sobre a Cidade, tomando-lhe a communicação, os pôs na grande confusão de se renderem com tanta brevidade no referido dia. Mandou D. João Manoel demolir Alcaniças, e conservar a Puebla, e Carvajales, que he hum Forte de pequeno recinto; porém depois os inimigos a sitiárão a 12 de Maio, governando já o Conde de Alvor a Provincia, em que não havia mais que hum Regimento de Cavallaria, e dois de In-

fantaria, e governando Carvajales o Sargento-Mór Domingos Teixeira de Andrade, só com tres peças, e duzentos homens, se defendeo valorosamente vinte e seis dias, em que fez tres sortidas, desalojando aos inimigos da explanada, tomando-lhe muitas armas, e matando-lhe muita gente, ganhando-lhe a agua de beber, que tinhão no fosso, que todos os dias hia buscar pelejando.

As Provincias da Beira e Minho se conservárão sem coisa memoravel; porque a guerra toda era pela parte do Alemtéjo.

CAPITULO III.

Sahida do nosso Exercito do Alemtéjo. Morte do Imperador José I. em que lhe succedeo seu irmão com o nome de Carlos VI.

NA Primavera deste anno, sahio o nosso Exercito do Alemtéjo em campanha; e se compunha de seis mil cavallos, e treze mil Infantes bem fardados, e luzidos, que mandava o Governador das Armas o Conde de Villa Verde: passou o Rio Guadiana, e com o resto do Exercito do Marquez das Minas D. João de Sousa por huma ponte de barcas, que lançárão em Jerumenha: e passando o Rio de Val-verde, sem opposição, campárão no paiz inimigo, e occupárão Almendral, Nogales, e Safra, tirando huma larga contribuição. Os inimigos com parte do seu

Exercito observárão de duas legoas o nosso; e mandando a Moscoso, e Alarcão com cinco Regimentos de Cavallaria, e sete de Infanteria, entrárão em Alemtéjo, e forão a Borba, e forrageando os páes sem entrarem em outro lugar, sahirão da Provincia a 4 de Junho, e no outro dia tornárão a entrar com maior poder; e havendo lançado algumas bombas sem effeito em Elvas, se retirárão; porque o Conde de Villa-Verde, que em Safra teve esta noticia, voltou a buscallos. Depois do nosso Exercito permanecer em campanha até aos principios de Julho, se recolheo aos seus quarteis.

A 17 de Abril deste anno falleceo o Imperador José I. cunhado do Senhor Rei D. João V. Depois da sua morte entrárão os Eleitores do Imperio na eleição de Rei dos Romanos; e foi eleito ElRei D. Carlos III., que se achava em Barcelhona, onde tinha a sua Côrte; e deixando nella a Rainha sua Espoza, como penhor, que pudesse segurar aos Ca-

taláes a sua estimação, e juntamente a sua defensa, e interesses, passou á Alemanha, e foi coroado em Francfort a 12 de Dezembro com o nome de Carlos VI., cuja noticia participou a ElRei D. João por huma Carta da propria mão, escrita na mesma Cidade a 16 do referido mez, cheia de tão affectuosas expressões de amisade, como pedião os estreitos, e repetidos vinculos do parentesco; porém sentindo-se já de que as negociações, que se intentavão com os nossos Alliados, se tratavão por interesses particulares de huma paz, com a qual se diminuiria a gloria, que as nossas, e as suas Armas havião conseguido na guerra da Grande Alliança: ElRei lhe respondeo com reciprocas expressões em huma Carta tambem da propria mão, escrita a 12 de Abril do seguinte anno de 1712.

CAPITULO IV.

Jornada que por conselho dos Medicos fez o Senhor Rei D. João V.

CONVALECIDO o Senhor Rei D. João V. de huma queixa de flatos, o aconselhárão os Medicos, que sahisse ao campo a gozar do beneficio do ar livre, util remedio para aquella molestia. Resolveo ElRei ir estar alguns dias em Azeitão da outra parte do Téjo. A Rainha sua Esposa o quiz acompanhar; porém achando-se prenhe de tres para quatro mezes, o não consentirão os Medicos, por se não expôr a algum incidente, que lhe fosse funesto.

Em hum Domingo 14 de Junho sahio ElRei do Paço acompanhado dos Senhores Infantes D. Francisco, D. Antonio, D. Manoel, e de pou-

ca familia; porque sómente ordenou o acompanhasse o Duque de Cadaval, e o Duque D. Jaime seu filho, o Bispo Capellão-Mór D. Nuno da Cunha de Ataide, todos tres do Conselho d'Estado, e outros Fidalgos mais, e criados precisos para assistencia, e serviço da sua Real Pessoa.

Desembarcando em Coina, entrou com seus irmãos em hum coche, e em pouco tempo chegárão a Aldea de Nogueira, onde lhe estava preparada a casa, que havião de habitar. O Senhor Infante D. Francisco quiz ficar na Quinta de Ayres de Saldanha, que tinha mandado prevenir pelos Officiaes da sua casa. Na tarde do mesmo Domingo foi ElRei com os Infantes seus irmãos visitar a Igreja do meu Padre S. Domingos, onde foi recebido com as costumadas ceremonias. No outro dia, que era Segunda-feira, foi vêr o meu Convento d'Arrabida, e fez os maiores obsequios a estes Religiozos, a quem sem-

pre teve particular devoção, como em outras partes diremos.

No dia 19 foi com seus irmãos á Villa de Cezimbra vêr huma pescaria. Entrando na Villa, onde estavão as jánellas della armadas, as Milicias em duas alas; a Praça o salvou com toda a artilharia; o Juiz de Fora lhe fez huma breve falla; e o Vereador mais velho lhe offereceo as chaves em huma salva de prata doirada: ElRei pegando nellas as tornou a pôr na mesma salva. Foi ElRei á Igreja Matriz, Priorado da Ordem de Sant-Iago, fazer oração, onde os Freires da dita ordem o receberão como manda o ceremonial: o que se praticou em todas as Igrejas, onde ElRei entrou durante esta jornada. Depois d'ElRei vêr a Praça, embarcou no Bergantim Real com os Infantes, e se divertio muito de vêr a pescaria, assim pela arte com que se dispõe, como pela grande multidão de peixes, que cahirão nas redes, recolhendo-se depois muito satisfeito a Azeitão.

Determinado ElRei a satisfazer huma promessa, que tinha feito ao Senhor Jesus do Bom-fim pelas melhoras que seu Pai alcançou quando esteve gravemente enfermo, e demorar-se na Villa de Setubal, onde fica a Ermida desta milagrosa Imagem, ordenou, que lhe fossem assistir os Grandes do Reino; e se avisou ao Marquez de Fontes, aos Condes de Coculim, Redondo, Pombeiro, S. Lourenço, Ericeira, Unhão, e Villar-Maior, que se achavão em Lisboa, e logo passárão para Azeitão. O Mordomo-Mór mandou ir Moços da Camara, e o Capitão da guarda aos Archeiros.

Sahio ElRei de Azeitão em hum Sabbado 20 do referido mez de tarde com seus irmãos os Infantes D. Antonio, e D. Manoel, deixando de o acompanhar o Infante D. Francisco, por ficar molesto de cama.

Os moradores da Villa de Setubal, que he huma das principaes do Reino, alvoraçados com a noticia d'ElRei a querer honrar com a sua

Real presença, lhe pedirão fosse com entrada pública; o que ElRei benignamente lhe concedeo: para o que se ordenou se dispuzesse tudo na antiga forma praticada neste Reino em semelhante occasião. Chegou ElRei á Ermida do Senhor do Bom-fim, com os Infantes, e feita a oração, e cumprida a promessa, ordenou, que os Infantes se recolhessem ao Paço da Villa em coche, por estar muito ardente o Sol daquelle dia, acompanhados do Conde de Valladares, que lhes assistia.

Hia ElRei vestido de encarnado com habito, e broche, no chapéo, de diamantes de grande valor, montado em hum soberbo cavallo ruço, ricamente ajaezado, com coldres, e pistolas. Toda a comitiva o acompanhava a cavallo, indo diante dois Porteiros da Cana, o Corregedor do Crime da Côrte e Casa Belchior da Cunha Brochado, com os Ministros de Justiça de Azeitão, e Setubal. Seguião-se alguns Fidalgos daquella Villa, depois os Grandes, conforme

a sua precedencia; e o Secretario de Estado com ordem para fazer executar o que estava mandado. Diante d'ElRei hia o Mordomo-Mór, e o Duque D. Jaime da parte direita, e da esquerda o Duque de Cadaval seu Pai, todos tres em distancia proporcionada; e detraz d'ElRei o Marques de Alegrete, que fazia o officio de Estribeiro-Mór na ausencia do Conde de Vianna, que se achava por causa das suas molestias retirado em Condeixa. Distante cem passos da porta da Villa esperava a ElRei o Prior da Igreja Matriz de Santa Maria da Graça, revestido com capa d'asperges, acompanhado dos Freires da Ordem de Santiago de quem he a Igreja, em corpo de communidade com cruz diante, e com o véo de hombros: tinha o Prior na mão huma cruz de prata lisa. Neste lugar se apeárão todas as pessoas, que acompanhavão a ElRei, excepto o Estribeiro Mór: deo o Prior a cruz a beijar a ElRei, o que fez debruçando-se do cavallo quanto pôde,

com singular respeito, e devoção. Hião os Grandes, e todos os mais a pé, e descobertos, diante do cavallo d'ElRei, e os Freires em duas alas; e no meio a Côrte: a guarda Tudesca cobria tudo por huma e outra parte; e nesta ordem chegárão á porta da Villa, onde em hum theatro levantado o Juiz de Fora Sebastião Salema Pessanha fez huma breve falla, rendendo-lhe as graças da honra, que fazia á quella Villa, e louvando juntamente a sua justiça, e clemencia. A porta da Villa estava ornada com hum arco triunfal, em que se lião diversos emblemas; e o Vereador mais velho Mathias da Silva Cabral, que estava em Corpo do Senado, todos com varas, em huma salva de prata doirada, offereceo as chaves a ElRei, dizendo-lhe, que aquelle era o jeroglifico dos corações de todos aquelles Vassallos. ElRei pegando nellas as tornou a pôr na salva; e largando os Vereadores as varas pegárão nas de hum rico Pallio de tela branca, em que receberão a El-

Rei, indo todos os Grandes, e mais acompanhamento a pé, e descobertos, excepto o Estribeiro-Mór, por preeminencia do seu officio, que costuma ir diante d'ElRei, mas fora do Pallio.

Não havia na Villa de Setubal Alcaide-Mór: e devendo ElRei nomear pessoa para o levar de redea, nomeou para esta honra ao Duque D. Jaime seu cunhado, que a pé, e descoberto, o levou por hum listão; e na ausencia do Estribeiro Manoel Galvão, fez o officio João Xavier da Silveira, Guarda Roupa d'ElRei, e Estribeiro da Rainha, occupando o lugar, que lhe tocava: e nesta forma, por entre hum grande concurso de gente, e tres arcos triunfaes de huma perfeita idea, as janellas vistosamente armadas, com muitas dansas, e geral contentamento de seus Vassallos, chegou ElRei á Igreja Matriz, onde se apeou, ficando de fora da porta os Vereadores com o Pallio. O Bispo Capellão-Mór deitou agua benta a ElRei; e o Prior revestido lhe

tornou a dar a beijar a cruz, e debaixo do Pallio, que levavão os Freires com sobrepelizes, e a Murça da Ordem, foi ElRei para o sitial, que estava preparado; e depois de breve oração, voltando, montou a cavallo na mesma forma até ao Paço, e mandou dar liberdade áos prezos. A Praça, Fortalezas, e navios, que estavão naquelle porto, salvárão a ElRei com repetidas descargas de artilharia; e por tres dias houve luminarias, e diversos artificios de fogo; e na Praça houve Toiros, que correo o Ajudante de Cavallaria Antonio Antunes. De tudo se agradou ElRei, mostrando estimação dos obsequios, que lhe tributavão os seus Vassallos.

Depois visitou as Fortalezas, e Conventos, e tudo que era digno de memoria. Vão a Praça de Setubal, o Convento de Brancanes da Recoleta de Varatojo, que com grande devoção mandou edificar ElRei seu Pai, o Mosteiro de Jesus da primeira Regra de Santa Clara, e o de S. João da Ordem de S. Domingos. Passou

depois com seus irmãos, acompanhado de todos os que lhe assistião, a vêr a Fortaleza de Outão, de que então era Governador Bernardo de Vasconcellos e Sousa; e entrando no bergantim, o salvárão da Praça as Fortalezas, e todos os navios, que se achavão no porto, que he frequentado de muitos de diversas Nações; á entrada da Praça, o Governador lhe offereceo as chaves, e o salvou na forma costumada; e na mesma casa do Governador tinha preparado hum refresco de doces, e frutas, com grande perfeição, e delicadeza. ElRei, por fazer mercê, e honrar ao Governador, comeo com seus Irmãos do que estava na meza; e depois ordenou aos Fidalgos, que o fizessem tambem. Daqui passou á Troya, onde correo algumas lebres, e se recolheo ao Paço. Tambem foi vêr o Castello de S. Filippe, e o Governador João Sanches de Baorma lhe entregou as chaves, e o salvou á entrada, e sahida.

Da Villa de Setubal passou El-

Rei á de Palmella, em que está o Convento, que he cabeça da Ordem de Sant-Iago, de que então era Prior-Mór D. José Pereira de Lacerda, (depois Cardeal da Santa Igreja de de Roma) que recebeo a ElRei á porta da Igreja com capa de asperges, e cruz, que lhe deo a beijar, e aos Infantes: entrou ElRei debaixo do Pallio, de que levavão as varas o Marquez de Fontes, os Condes da Santa Cruz, e Unhão, e Bernardo de Vasconcellos, todos Commendadores da Ordem de Sant-Iago; e se entoou o *Te Deum*; e ditas pelo Prior as Orações do ceremonial, tirando a capa de asperges, acompanhou a ElRei até ao quarto dos Priores-Móres, e alli lhe offereceo os Freires para lhe beijarem a mão, e fez huma breve falla. Depois baixando á Igreja fez Pontifical; e quando era necessario, se sentava na cadeira debaixo do docel (que ElRei quiz que se conservasse) por querer vêr as ceremonias concedidas áquella Dignidade. Era o dia 1 de Julho, em

que a Igreja celébra a festa da Visitação de Nossa Senhora a Santa Izabel, e em huma discreta allusão fez o Prior-Mór huma elegante Homilia; porque era douto, erudito, e naturalmente fallava com desembaraço, de sorte que satisfez a todo o auditorio. ElRei estava com os Infantes na Tribuna; e os Commendadores da Ordem de Sant-Iago, que hião na companhia d'ElRei, servirão ao D. Prior-Mór, dando-lhe agua ás mãos, e a toalha. Acabado o Pontifical, passou ElRei de Palmella a Coina, donde embarcou para Lisboa mui satisfeito, e com melhoras conhecidas na sua saude.

CAPITULO V.

Dá-se noticia da fundação da Igreja do Menino Deos; do luto que se tomou pela morte do Imperador José I.; e do modo com que o Bispo Capellão-Mór D. Nuno da Cunha d'Ataide recebeo o Barrete de Cardeal.

No dia 4 de Julho foi o Senhor Rei D. João V. acompanhado dos Infantes seus irmãos o Senhor D. Antonio, e o Senhor D. Manoel, e de muitos Titulos da sua Côrte, e Casa Real lançar a primeira pedra, com muitas, e diversas moedas de ouro, fabricadas no mesmo anno, no edificio da Igreja, e Hospital do Menino Deos da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas. Continuárão as obras vinte e seis annos com esmolas adquiridas pela mesma Ordem,

fazendo-se huma excellente Igreja tanto na forma da architectura, como na varia pedraria, de que toda se adorna; e no dia 25 de Março de 1737., se collocou nella a milagrosa Imagem do Menino Deos, Patrono da Ordem Terceira, e Titular da Igreja, levado em Procissão, que acompanhárão com tochas o mesmo Senhor Rei D. João V., o Principe D. José seu filho, e os Senhores Infantes D. Pedro, e D. Antonio. Era Commissario o Padre Fr. Jeronymo de Belém, e Ministro da mesma Ordem D. Diogo Fernandes de Almeida, dos Condes de Assumar, depois Principal da Santa Igreja de Lisboa.

No dia 6 do mesmo mez de Julho se encerrárão ElRei, e a Rainha por tempo de oito dias, tomando luto pezado por tempo de tres mezes, e outros tres alliviado, e na mesma forma a familia da Casa Real, e os Grandes, e Côrte, pela noticia de ter fallecido o Imperador José I. seu cunhado, como fica referido no dia 17 de Abril deste anno.

Creando o Papa Clemente XI. Cardeal por nomina d'ElRei a D. Nuno da Cunha de Ataide, Bispo de Targa, do Conselho d'Estado, Ministro do Despacho, e Inquisidor Geral nes-
1712 tes Reinos, a 18 de Maio, chegou a noticia a Lisboa por hum Expresso a 15 de Julho, e foi recebida com universal applauso nesta Côrte. Trouxe-lhe o Barrete o Monsenhor Marculini, Camareiro privado do Papa; e no dia 8 de Outubro em hum Sabbado determinou ElRei de lhe fazer a honra de lhe pôr com a sua Real mão o Barrete; e assim no referido dia, ás onze horas da manhã, foi o Cardeal ao Paço em público com hum luzido estado, composto ainda das vestes Episcopaes roxas, como andava, levando comsigo na liteira ao Prelado, que lhe trouxera o Barrete, sendo acompanhado de todos os Grandes, e Fidalgos da Côrte, e entrando no pateo da Capella, por ordem, que tiverão, o forão receber o Conde de Redondo Thomé de Sousa, Vêdor da Casa d'ElRei, e D.

Filippe de Sousa, Capitão da Guarda Alemã, com a mesma guarda, que se pôz em duas alas para elle passar: e sendo conduzido a huma sala do Paço da parte do Forte, estava nella hum Altar ricamente ornado, e da parte da Epistola hum bofete coberto com hum panno, e sobre elle huma bandeja dourada, em que estava o Barrete, que naquelle lugar puzera o Guarda-Tapessaria João de Leiros, coberto com hum tafetá encarnado: estava huma almofada de tela, e outra hum pouco distante de veludo para o Cardeal. Sahio ElRei para ouvir Missa, e o Prelado lhe offereceo em huma salva a Bulla do Papa, que ElRei tomou, e tornando-a a pôr na salva, a mandou lêr pelo Prelado, que lida, a tornou a offerecer a ElRei, o qual lhe ordenou a désse ao Cardeal. Acabada a Missa, tomou o Mestre de Ceremonias a salva, em que estava o Barrete, e dando-a a Monsenhor Marcnlini apresentou a ElRei o Barrete, que tomando-o, o poz na cabeça do

Cardeal. Acabada a cerimonia da impozição do Barrete, foi o Cardeal conduzido até huma casa, onde estava sobre hum bofete huma bandeja de prata, na qual estavão as vestes Cardinalicias, e huma cadeira de veludo franjada de ouro. Nesta casa, que se deputou para o Cardeal depor as vestiduras roxas, e tomar a purpura, não entrárão mais que os seus criados. Depois passou a audiencia d'El-Rei acompanhado dos dois conductores. Os Grandes estavão cobertos no lugar que lhes tocava, e os Officiaes da Casa Real, no que lhes pertencia. Entrou o Cardeal, e á primeira venia que fez, tirou ElRei o chapeo, e o mesmo fez á segunda; e quando o Cardeal chegou, deo ElRei tres passos, o Cardeal com hum profundo respeito lhe fez huma reverencia, e logo hum Reposteiro trouxe huma cadeira de espaldas, e de veludo, e quando ElRei o mandou sentar, lhe chegou a cadeira o Porteiro da Camara Antonio Rebello da Fonseca, e depois de se cobrir,

mandou pôr o Barrete ao Cardeal, e coberto, rendeo a ElRei as graças por tão repetidas honras, com que a sua innata piedade o favorecia, e honrava, attendendo a elle ser em tudo feitura da sua Real Grandeza, a que ElRei respondeo com palavras de estimação, e levantando-se affastou a cadeira o Porteiro da Camara, e a levou o Reposteiro, e o Cardeal foi acompanhando ElRei detraz até á sua Camara. Passou logo á audiencia da Rainha, que estava assentada; e quando chegou quasi á ponta do estrado, se levantou, dando tres passos, e mandando-o assentar na cadeira, que chegou o Porteiro da sua Camara, o mandou cobrir, e depois do Cardeal expressar a sua grande obrigação, se despedio, e como era Capellão-Mór, foi á Capella-Real, acompanhado dos conductores, e de muitos senhores, a fazer oração.

CAPITULO VI.

Continuação dos nossos progressos militares.

NESTE mesmo anno era Governador das Armas da Provincia do Alemtéjo Pedro Mascaranhas de Carvalho, do Conselho de Guerra, o qual sahindo em campanha na Primavera do mesmo tempo, que o Marquez de Bay, Capitão General da Extremadura, que governava o Exercito inimigo com a superioridade de vinte e sete esquadrões, e treze batalhões, com que havia entrado até a Atalaya dos Çapateiros, e intentando com todos os Granadeiros ganhar o pequeno Castello de Barbacena, o não conseguio pela boa disposição do Capitão Francisco de Carvalho, que o governava com a guarnição de cincoenta Soldados infantes,

mandados pelo Capitão Jerônymo da Silveira. Intentando depois com tres mil Granadeiros surprender Arronches, praça mal fortificada, situada da outra parte do Caya, o Tenente Coronel André Ferreira da Costa, que a governava, rechaçou os inimigos de sorte que, depois de haverem peleijado mais de duas horas, se retirárão, deixando muitos mortos, e feridos, as escadas, e outros instrumentos de expugnação.

A militar disposição do Governador das Armas Pedro Mascarenhas conseguio todos os bons successos desta campanha; porque, dividio o seu Exercito em tres corpos, acampados em Extremoz, Borba, e Villa-Viçosa, observando os inimigos para os poder unir a qualquer movimento, que elles fizessem, e para que cubrissem a parte ameaçada, servindo o Mestre de Campo General Pedro Carle no emprego de Quartel-Mestre, em quem concorria intelligencia, e valor.

A Cavallaria, que governava o Mestre de Campo General D. João de Sousa, Marquez das Minas, tambem se distribuio em tres corpos: o primeiro, que mandava o mesmo Marquez, campava em Alcaraviças; o segundo, á ordem do General de Batalha Francisco José de Sampaio, Senhor da Villa Flôr, e cobria a Provincia pela parte do Rio Caya; e o terceiro estava em Elvas com mil cavallos, governado pelo Mestre de Campo General D. Pedro Amassa, Marquez de Haça; e quando os inimigos se recolherão a quarteis, sahio a reconhecer a marcha, atacando-lhe a retaguarda; e puxando elles toda a sua cavallaria, não puderão rompelo. Distinguirão se nesta occasião os nossos Officiaes, que procederão com grande valor: ficou prisioneiro o Tenente Coronel Jeronymo Serrão Pimentel, e morto o Capitão de cavallos Antonio Leitão que havia servido valorosamente; e ferido o Tenente Coronel D. Thomaz de Aragão:

assim se acábou a campanha; sem que o Marquez de Bay pudesse com a superioridade do seu Exercito conseguir coisa alguma.

Milord de Portmorre, General das Tropas Inglezas, recebeo ordens da Rainha da Grã-Bretanha para reformar os oito Regimentos de Cavallaria, e hum de Infantaria, que neste Reino militavão ao seu soldo; e para que, passando a visitar as fortificações de Gibraltar, voltasse para Inglaterra.

Era já notoria huma suspensão de armas entre França, Hespanha, e Inglaterra, que no Congresso de Utrech se havia acordado, aonde se achavão os Plenipotenciarios Portuguezes, o Conde de Tarouca, e D. Luiz da Cunha: pelo que muitos entendião, que os inimigos não intentarião na campanha do Outono empreza consideravel. Comtudo a nossa Côrte com as Tropas nacionaes, procurou os meios possiveis para a guerra defensiva, não só na Provincia do Alemtejo, mas em todas as mais.

Com o mesmo cuidado se ordenou ao Conde de Alvor, Mestre de Campo General, que governava as Armas da Provincia de Traz os Montes, que com cinco Regimentos de Infantaria, e tres de Cavallaria, e Dragões observasse o movimento dos inimigos, que então lhe estavão mui superiores, e se lhe oppusesse com o cuidado, que delle se esperava: e para que não chegassem a encorporar-se com o Marquez de Bay, fizesse huma diversão para obrigalos a retroceder, batendo o Forte de Caryajalles, que os inimigos havião recuperado depois de huma larga, e gloriosa defensa, que fez o seu Governador Domingos Teixeira de Andrade, e que sem se empenhar no sitio, campasse no seu paiz: porém quando esta operação não bastasse, soccorresse a Provincia do Alemtéjo com tres Regimentos de Cavallaria, e tres de Infantaria. O Conde executou pontualmente as ordens, bateo o Forte, e vendo que os inimigos não mudavão do primeiro intento,

expedio o soccorro para Alemtéjo; que chegou muito a tempo.

Na Provincia de Entre-Douro e Minho governava as Armas o Mestre de Campo General D. João Diogo de Ataide, a quem se recommendárão recrutas para quatro Regimentos de Infanteria, que com o do Porto tinhão ficado em Alemtéjo, e para dois de Cavallaria da mesma Provincia, o que satisfez com grande cuidado.

A mesma diligencia se mandou executar no Reino do Algarve para quatro Regimentos de Infanteria, e hum de Cavallaria; o que executou com promptidão o seu Bispo D. Antonio Pereira da Silva, que governava na ausencia do Conde de Monsanto D. Manoel de Castro, do Conselho de Guerra, que com licença d'ElRei passára a tomar os banhos das Caldas, tendo nos ultimos annos da guerra governado aquelle Reino com grande prudencia, e vigilancia: e com a mesma licença se achava na Côrte o Mestre de Campo Gene-

ral Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, que governava as Armas da Beira; o qual largando as dependencias, que o trouxerão á Côrte, se recolheo á Provincia a tratar da sua defensa, e reencher os Regimentos, de que mandou oito de Infantaria, e dois de Cavallaria para Alemtéjo, com grande promptidão.

Na Provincia da Extremadura, que governava o Duque de Cadaval, Mestre de Campo General junto á pessoa d'ElRei, se lhe encarregárão as reconduções, e se mandou a Cascaes o Mestre de Campo General Conde de S. João, e a Setubal o Conde do Rio Grande Lopo Furtado de Mendonça, do Conselho de Guerra, e Almirante da Armada Real; e ao Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, General de Batalha, e Deputado da Junta dos Tres Estados, se mandou passasse a Aldea Gallega para a expedição das Tropas da Extremadura, e ao mesmo tempo que abreviasse a conducção dos mantimentos, do que já desde o an-

no antecedente estava encarregado, o que fez com tal ordem, e providencia, que pondo em hum novo methodo as carruagens que estavão arruinadas, nem hum só dia padeceo falta a Provincia.

Todas estas disposições, com que os nossos se preparárão para a defensa do Reino, forão utilissimas; porque os Inglezes havião feito huma suspensão de armas com os nossos inimigos, e tirado as Tropas auxiliares, que tinhão neste Reino, reduzindo-se o corpo daquella Nação a quatro batalhões, que governava o General de Batalha Parce, que havia servido na guerra de Portugal com igual estimação dos nossos, do que dos seus, e que prudentemente declarou não saber do estado das negociações de Utrech, nem ter ordens de Inglaterra para a suspensão das armas com Hespanha: e como não tinha noticia, de que se houvesse expedido na sua Côrte, estava prompto para conservar em Alemtéjo as suas Tropas, o que pontualmente execu-

tou, acampando sempre em Borba, sem que as insinuações dos inimigos perturbassem a sua constancia, até que se soube, depois da campanha acabada, que as ordens se detiverão; porque os ventos contrarios dilatárão os avisos, e tanto que os recebeo fez marchar os seus Regimentos para Gibraltar, e elle se recolheo para Inglaterra.

CAPITULO VII.

Sitio da Praça de Campo-Maior, em que os Portuguezes ficárão victoriosos, acabando gloriosamente huma porfiada guerra de tantos annos, com o mesmo valor com que tinhão principiado.

INTENTANDO o Marquez de Bay formar hum sitio sobre a Praça de Campo-Maior campou sobre Elvas a 20 de Setembro com o seu Exercito, que se compunha de setenta esquadrões, com oito mil cavallos, e trinta e tres batalhões com dez mil infantes, tres mil gastadores, vinte e dois canhões, dezoito peças de campanha, onze morteiros, e grande abundancia de munições de guerra, e boca, fornos para cozer pão, cem carros com faxinas, e estacas, sete Mestres de Campo Generaes, oito Gene-

raes de Batalha, quinze Brigadeiros, e outros muitos Officiaes experimentados, e valorosos.

Entenderão os nossos ser o projecto dos inimigos o sitio da Praça d'Elvas; porque se o primeiro intento fôra sobre a Praça de Campo-Maior, seria intempestivo o movimento, em que perderão dez dias antes de ganhar os postos daquella Praça; porque o Marquez de Bay dividio o seu Exercito em tres differentes quarteis, com distancia considerável entre huns, e outros: mas reconhecendo a Praça os Engenheiros, fez mudar o Marquez de Bay com ordem da Côrte o primeiro designio.

Cuidarão os nossos com prevenção o modo de defender a Cidade, porque não havia na Praça de guarnição mais que quatro batalhões com mil e duzentos homens, e duzentos cavallos, corto presidio para tão grande Praça, que governava o Mestre de Campo General D. Pedro Amassa, Marquez de Haça. Observando porém Pedro Mascaranhas a

larga circunvallação, em que acampavão os inimigos, e que o terreno era cortado com barrancos, vinhas, e olivaes, conseguio introduzir-lhe na noite de 22 de Setembro ao General de Batalha Paulo Caetano de Albuquerque, e na seguinte ao General de Batalha Affonso Furtado de Mendonça, e o Brigadeiro Engenheiro João Massé, seguidos pelo Regimento de Infanteria de Moura, de que era Coronel Miguel da Cunha Alcaforado, que esteve doente toda a campanha; e pelo Regimento de Serpa do Coronel D. Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, que tendo-se recolhido a Lisboa, aonde havia mais de hum mez padecia cesões, e desprezando a molestia, animado do seu vivo espirito, correo a pôr-se na testa do seu Regimento, e entrou na Praça com a mesma felicidade.

Na Praça de Extremoz se achava o Governador das Armas Pedro Mascarenhas com os Mestres de Campo Generaes o Marquez das Minas D. João de Sousa, do Conselho

de Guerra que governava a Cavallaria, Bernardim Freire de Andrade, Pedro Carle, que exercitava o emprego de Quartel Mestre General, D. Antonio de Noronha (depois Conde de Villa-Verde, e Marquez de Angeja) D. Braz Balthazar da Silveira, o Conde da Ribeira Grande D. Luiz da Camara, que governava a Artilharia, e os Generaes de Batalha Francisco José de Sampaio, Antonio Telles da Silva, que havendo recahido em Lisboa de huma grave doença não quiz deixar de exercitar o seu posto, D. João Hogan, D. Francisco de Mello Manoel, e Luiz de Miranda Henriques. Os Brigadeiros da Cavallaria, que estavão na Provincia, erão o Conde de Aveiras Luiz da Silva Tello, Manoel Lobo da Silva; da Infantaria Thomaz da Silva Telles, a quem se encarregou o Castello de Villa-Viçosa, que já havia governado na campanha da Primavera, Pedro Alvares Cabral, Alcaide-Mór de Belmonte, Ignacio Xavier Vieira Matoso, Mathias da Cu-

nha, que governava Extremoz. Francisco da Veiga Cabral, Rodrigo Cezar de Menezes, e José de Mello e Sousa, Porteiro-Mór. Os Ajudantes Generaes de Cavallaria erão os Coroneis Pedro Gonçalves da Camara Coutinho, e Luiz Rodrigues da Fonseca; e da Infantaria o Coronel Antonio Pedro de Vasconcellos, o Capitão das Guardas de D. Braz Antonio da Silveira seu irmão, o Sargento-Mór Alvaro Caetano de Mello, Miguel João Botelho, e Antonio Henriques, Tenente Coronel. Era necessaria toda a constancia de Pedro Mascarenhas, e dos mais Generaes para conservarem huma Praça mal fortificada, e a sua visinhança, com tão pequeno corpo para oppor-se aos progressos dos inimigos; pois não tinhão mais que dois batalhões Inglezes em Borba, porque os outros dois estavão em Béja, e alguns da Beira, que vinhão concorrendo; porque os mais estavão divididos nas guarnições das Praças, na dúvida de qual seria sitiada. A pouca Cavallaria, que se

hia ajuntando, acampava nas Alcaraviças, e todos os Regimentos, que depois vierão, estavão á ordem do General de Batalha Francisco José de Sampaio, que com muita vigilancia e só com a perda de poucas partidas se conservou naquelle sitio; e cobrio a Provincia em toda a campanha, devendo-se ao cuidado do Marquez das Minas a conservação da Cavallaria, que pelas faltas de remontas não estava numerosa, e póde com poucas forças sustentar o trabalho da campanha.

Na Côrte se tratava com cuidado do soccorro d'Elvas, que ElRei, com animo incomparavel, preferindo a saude pública á sua propria, de que tanto a primeira dependia, deixou a assistencia de Pedroiços, onde começava a convalecer de huma larga molestia, e se mudou para Lisboa com o dezejo de passar a Alemtéjo, para com a sua Real presença fazer mais efficaz a sua defensa: o que se desvaneceo com a noticia de que na madrugada de 28 de Se-

tembro passára o Marquez de Bay o Rio Caya, acampando huma legoa de Campo-Maior, com o lado direito na Tapada de Francisco Galvão, e o esquerdo a Val-morto, fazendo frente ao mesmo Rio.

Era Governador da Praça o Brigadeiro Estevão da Gama de Moura e Azevedo, que quasi todo o tempo da guerra o havia sido com grande cuidado, e fidelidade, e Sargento-Mór Francisco da Silveira da Silva; Engenheiros o Sargento-Mór Vicente Ferreira, e o Capitão Manoel de Torres Frazão. Achava-se na Praça o Tenente Coronel da Cavallaria Antonio Passanha, Official de grande valor, e experiencia, João Dias Penso, tambem Coronel de Cavallaria entretido, a quem se encarregou o baluarte dos Coelhos, e constava a sua guarnição do Regimento de Infantaria de Extremoz, de que era Coronel o Brigadeiro Thomaz da Silva Telles, e o governava o seu Tenente Affonso Carrasco; o Sargento-Mór Francisco Teixeira hum Regi-

mento de Jerumenha, de que era Coronel Luiz Pereira de Sá, Tenente Coronel Antonio Serrão Diniz, e ambos se achavão em Lisboa com licença, e governava o Sargento-Mór Domingos Lopes de Azevedo, e hum só Regimento do Algarve se achava com o seu Coronel Francisco de Macedo Pimentel, com o Tenente Coronel Domingos Garcez, e o Sargento-Mór Luiz Pegado, e faltavão em todos muitos Officiaes subalternos, estando todos estes batalhões tão diminutos, que não contando o destacamento, que guarnecia Ouguela, e cento e vinte e nove doentes, se achavão só promptos para pegar em armas novecentos e quarenta e sete Soldados, trezentos e seis Paizanos, poucos Artilheiros, e havia sessenta cavallos de boa qualidade, mandados pelo Capitão Fernão Rodrigues Galvão, pratico, e valoroso. Esta era toda a guarnição da Praça, e se começou a dispor com grande vigilancia a defensa contra hum Exercito tão numeroso.

O Mestre de Campo General Marquez de Haça, tanto que reconheceo a marcha dos inimigos, intentou na mesma noite introduzir-lhe o Brigadeiro João Massé; porque do seu valor, e sciencia militar, tantas vezes manifestada em sitios e campanhas, se promettia grande utilidade na presente occasião. Ao mesmo tempo chegou de Extremoz a Elvas o Mestre de Campo General Conde da Ribeira Grande, que era dotado de gentil espirito; e desejando trocar nesta campanha o governo da Artilharia do Exercito pelo da Praça, que fosse sitiada, porque já desde Lisboa se tinha offerecido á Côrte, e ao General; e como do seu valor, e capacidade tinha dado tantas mostras nas occasiões mais difficeis, que se fiárão da sua prudencia, sem a sua instancia seria escolhido para a defensa de Campo-Maior.

Sahio o Conde, e Massé d'Elvas com quatro guias, e o Capitão de Infantaria Agostinho da Cunha Sotto-maior, Ajudante de Campo do

Conde, e depois de marchar toda a noite, fazendo diversos giros, se achárão ao amanhecer a tiro de canhão de Campo-Maior, e sendo sentidos pelas guardas inimigas, ainda que lhes atirárão, os não seguirão, com que se puderão recolher na Praça de Ouguela, huma legoa distante; e intentando na noite de 29 do referido mez introduzir-se a pé, se achárão algumas veses embaraçados entre as guardas Castelhanas, com evidente perigo de serem mortos, ou prisioneiros. O Brigadeiro Massé cahio em huma cova, a quem os companheiros tirarão ferido em huma perna, e se tornárão a valer de Ouguela.

Bem differentemente succedeo ao Brigadeiro Thomaz da Silva; porque com felicidade entrou na mesma noite em Campo-Maior com huma só guia, que o levou pelo caminho de Badajoz, sendo sentido de huma sentinella, e na sua pessoa teve a Praça hum grande soccorro; porque, além de valoroso, a sua prudencia soube

compor as muitas desordens, que já se começavão a experimentar, que o Governador logo pôde atalhar, fiando-lhe os empregos mais importantes. Neste mesmo dia se occupárão os inimigos em cortar faxinas, e querendo reconhecer a Praça o seu segundo Engenheiro Sant-Iago Gafau, tendo acabado de tirar a planta, avançando-se mais, o cortou huma partida dos sitiados, e ficou prisioneiro, e tão ferido, que em poucas horas morreo, e se lhe achou a planta.

Continuárão com grande força as faxinas, e mais disposições do sitio, e as guardas da Cavallaria inimiga estavão de dia fora do tiro de canhão, e de noite mais vizinhas á Praça, a qual sempre observárão seiscentos cavallos de mais das guardas do campo; porém não embaraçárão a Thomaz da Silva, que com cincoenta Granadeiros cubrisse os Soldados, que curtárão fóra muitas faxinas, e forragens, e ao mesmo tempo fazia o Governador trabalhar nas

plataformas, e no reparo das ruinas. Na manhã deste dia, que era 30 de Setembro, passou o Conde da Ribeira Grande, e João Massé a Albuquerque; e mandando a dois paizanos, que entrassem em Campo Maior, e voltassem para lhes ensinar o caminho, voltárão no outro dia com a noticia de que não puderão entrar na Praça. Nella recolheo segunda faxina Thomaz da Silva com grande abundancia, havendo sahido com duzentos infantes a sustentar a Cavallaria da Praça, que travou com a dos inimigos huma escaramuça.

Neste tempo entrou na Praça o Tenente Coronel José da Silva Paes, que havia de exercitar a occupação de Engenheiro, o que foi de grande utilidade para a defensa da Praça pela sua actividade, valor, e intelligencia: e depois entrárão com grande trabalho os Coroneis Luiz Pereira de Sá, José Homem de Magalhães, e o Tenente Coronel Antonio Serrão Diniz; o Conde da Ribeira, e João Massé, com hum grande rodeio vol-

tárão de Albuquerque a Elvas, e achárão naquella Praça ao Governador das Armas Pedro Mascarenhas com os mais Generaes, que vierão de Extremoz; e parecendo-lhe, que a parte da Provincia vizinha a Arronches ficava exposta, reforçou a guarnição com o Regimento de Infantaria de Pinhel, de que era Coronel Manoel Esteves Fêio, e o mandou recolher pouco depois, porque os inimigos não fizerão outro movimento: pelo que mandou reforçar o corpo, que governava Francisco José de Sampaio no campo de Alcaravi-ças; e como hião chegando mais Regimentos de Infantaria das Provincias, formou o General em Villa-Viçosa hum campo á ordem do Mestre de Campo General D. Braz Balthasar da Silveira, fiando justamente do seu valor e acordo a boa disposição, que teve neste emprego, e mostrou sempre em todos os que teve nesta guerra; o qual campo ficava visinho ao dos Inglezes, que

estavão em Borba com o General Parce, como fica dito.

No dia 4 de Outubro começárão os inimigos a abrir a trincheira, e na noite deste mesmo dia determinou o Governador das Armas Pedro Mascarenhas mandar o primeiro soccorro a Campo-Maior para a sua defensa com a pessoa do Conde da Ribeira, que já com impaciencia não podia soffrer o ter-se-lhe mallogrado por vezes o intento de se introduzir na Praça, e lhe deo hum destacamento de trezentos Granadeiros, e setenta cavallos com os Officiaes, o Tenente Coronel Simão dos Santos, e Pantaleão de Oliveira e Sousa, Sargento-Mór d'Elvas, e o Capitão Engenheiro Antonio Rodrigues Neves, com ordem, de que ainda que se perdessem todos os Granadeiros, e cavallos, rompesse as guardas do bloqueio, para que o Conde, e João Massé se introduzissem na Praça. Para encobrir este intento mandou Pedro Mascarenhas prevenir carruagens, es-

palhando, que mandava conduzir os mantimentos, que havia em Barbacena; e na Aldea, para que os inimigos se não aproveitassem delles. E sahindo ás sete horas da noite passando o Caya com seis horas de marcha, se achárão meia legoa de Campo-Maior sem serem sentidos; alli formando hum batalhão, cobrindo com a Cavallaria os flancos, marchárão mais de hum quarto de legoa, aonde forão descobertos pelas sentinellas dos inimigos, que tocárão arma, e com hum esquadrão grosso de Cavallaria os atacárão pelo lado esquerdo; porém os nossos observando a ordem passárão ao direito: fez alto o batalhão, que os inimigos carregárão furiosamente, lançando-se as primeiras fileiras sobre as bayonetas por ambos os lados, e parte da retaguarda; porém os pelotões tirárão tanto a tempo, e em tão pouca distancia, que os inimigos, sem poder rompellos, se retirárão com desordem, deixando oito mortos, levando dois Officiaes, e dez Soldados feri-

dos; e o Conde da Ribeira sem perder mais que hum Cabo de Esquadra da Cavallaria, tornando-se a formar os setenta cavallos no lado direito, entrou na Praça tocando as caixas, sem outra opposição, e no fosso os esperava com quatrocentos homens o Brigadeiro Thomaz da Silva Telles.

O Conde da Ribeira visitou logo as fortificações, e fazendo tudo o que lhe pareceo conveniente para defender a Praça, distribuio as ordens, encarregando ao Tenente Coronel Patovillé o governo da Artilharia; e o Brigadeiro João Massé com José da Silva Paes, Vicente Ferreira, e o Capitão Engenheiro, começárão a trabalhar incessantemente nas cortaduras e reparos das fortificações. Havião acabado os inimigos a communicação com a primeira trincheira; mas da estrada coberta lhe fizerão os nossos hum grande fogo de mosquetaria, e começou a jogar contra o ataque dos inimigos com doze canhões. Neste dia que erão 6 de Ou-

tubro, ás onze horas, fez huma sortida Thomaz da Silva com cem Granadeiros, com ordem para que se não avançassem muito; mas hum Tenente querendo-se avançar mais para reconhecer os trabalhadores, dois Officiaes pegando-lhe nos braços, o levárão prizioneiro; mas os nossos Granadeiros atirárão tanto a tempo, que o Tenente ficou, e voltou levemente ferido.

Trabalhavão os inimigos soffrendo com constancia a artilharia e mosquetaria; e huma balla de artilharia da Praça passando a trincheira entrou pelo trem dos inimigos, aonde fez voar cinco mil granadas: este estrago custou por hum prisioneiro, que os sitiados tomárão. Havia Pedro Mascarenhas mandado dizer ao Conde da Ribeira, que esperasse hum soccorro, que lhe havia introduzir, para o que o Conde mandou occupar com duzentos Granadeiros fóra da estrada coberta os dois caminhos por onde podia entrar, e á Cavallaria se formou junto da Infantetia pa-

ra o favorecer. Na madrugada chegou o General de Batalha D. João Hogan, valoroso Irlandez, que neste sitio obrou acções dignas de memoria, e trazia seis companhias com trezentos Granadeiros, e cincoenta cavallos, tirado tudo do campo de Villa-Vicosa, em que entravão o Tenente Coronel José Caetano de Meirelles do Regimento de Pedro Alvares Cabral, Manoel da Costa Escudeiro, Sargento-Mór da Beira, de D. Filippe de Alarção Mascarenhas, João André Gazo, Genoves, Sargento-Mór de Artilharia, sendo todos pelo seu valor, e prestimo, de grande utilidade á Praça.

Ao mesmo tempo que o Conde da Ribeira dispunha a guarnição, e defensa desorte, que não pudesse haver falta, os inimigos adiantavão as baterias com grande ardor, e vendo o Conde no dia 13 algumas canhoneiras na sua bataria, mandou sahir ao Brigadeiro Thomaz da Silva, que com duzentos cavallos, sustentados por outros tantos Granadeiros,

e cortando diante do Forte de S. João ramos de faxina, sustentou hum forte escaramuça com os inimigos, e se recolheo sem perda. Do campo começárão a lançar com tres morteiros bombas na Villa, o que causou ás mulheres grande horror; e assim estas, como os insapazes se alejárão aos Conventos, e lugares mais seguros; e o Brigadeiro João Massé deliberou varias obras, que forão mui uteis.

Batião em a brecha os inimigos atirando cada dia setecentos até oitogentos tiros. O Conde da Ribeira intentou dentro nas suas trincheiras encravar-lhe a artilharia; e mandando no dia 17 pelas cinco horas da manhã formar no fosso e estrada coberta dezesseis companhias de Granadeiros, sahirão quatro mandadas pelo Tenente Coronel André Ferreira da Costa, e na sua direita, e esquerda marchavão doze Granadeiros avançados com hum Sargento, e ordem de se não apartarem mais de vinte passos do seu corpo, lançando-se dentro

dos ataques, e carregando sem reconhecerem tudo o que se lhes oppuzesse. Seguia-se o Tenente Coronel José da Silva Paes, e o Capitão Jeronymo Correa Freire com trinta Sargentos, que levavão com as alabardas pregos, e martellos para encravar a artilharia, e machados para desfazer os reparos; e hum Tenente com outros dois Sargentos escolhidos marchavão á direita com os mesmos instrumentos para encravar os morteiros, com ordem, que tanto que fizessem a manobra, voltassem para a Praça. Seguia-se a este corpo outro, que governava, e toda a sortida o Brigadeiro Thomaz da Silva Telles com o Tenente Coronel Simão dos Santos, e o Sargento-Mór Pantaleão de Oliveira e Souza com tres companhias de Granadeiros, destinadas para a principal acção. Seguião-se tres companhias, e todas tinhão ordem, de que marchassem direitas á primeira parallela do ataque, e atravessassem sem fazer fogo, debaixo do amparo da artilharia da Praça,

para que, executada a acção, encorporados todos, se recolhessem á Praça, onde os esperava o General de Batalha D. João Hogan, o Tenente Coronel José Caetano de Meirelles, o Sargento-Mór Manoel da Costa Escudeiro, com oito companhias de Granadeiros, e toda a Cavallaria da Praça mandada pelo Capitão Fernão Rodrigues Galvão, todos formados trezentos passos fóra da estrada coberta para a esquerda do ataque, que era a unica parte por onde a Cavallaria inimiga podia cortar a retirada aos nossos.

Executárão elles com tanto silencio esta acção, que, havendo sahido ás cinco horas e meia da manhã, os inimigos não sentirão o primeiro corpo senão dez passos da sua trincheira, sobre que se lançárão dois Sargentos com incrivel valor, sendo já grande o fogo da Praça. Os inimigos sobresaltados, huns se deitárão, outros se retirárão com pressa, e os nossos Soldados passando a primeira parallela, sem embargo de

acharem o fosso mui profundo, passárão á segunda, que estando com guarnição numerosa se defendeo pouco, e misturando-se os nossos Soldados com os inimigos matárão muitos. Porém o mesmo ardor os confundio de sorte, que não foi possivel ao Brigadeiro, nem a outros Officiaes, formar dez homens, nem o Tenente Coronel José da Silva ajuntar os trinta Sargentos, que forão nomeados para encravar a artilharia; e assim por mais de meia hora andárão os nossos Granadeiros á direita e á esquerda matando, e despojando os inimigos, que encontravão; e achando-se o Brigadeiro Thomaz da Silva junto da bateria quasi só, e a manhã mui avançada, perdendo as esperanças de lograr huma acção tão bem ideada, se retirou atravessando as parallelas com os Granadeiros, e se recolheo á Praça.

O General de Batalha D. João Hogan todo o tempo que durou esta acção com o corpo que mandava, soffreo o fogo da direita da trincheo

ra; que não foi atacada. Todo o tempo que durou a acção, esteve nella o Brigadeiro João Massé com dois Regimentos, e com cincoenta homens com o Capitão Garcina Pestana; e fazendo atacar o ramal do lado esquerdo dos inimigos, montando a trincheira, se não quiz retirar sem ordem expressa do Brigadeiro Thomaz da Silva, que trouxe prisioneiro hum Ajudante do Regimento de Ecija com oito Soldados feridos, e serião muitos mais, se os nossos não quizessem antes o saque. Nesta acção se affirmou perderem os inimigos mais de trezentos homens entre feridos e mortos; e aos nossos custou sómente hum Alferes, e dez Granadeiros mortos, outro Alferes, e oito Soldados prisioneiros, porque se retirárão mais tarde, e dezesete feridos, em que entrou o Capitão de Infantaria Manoel de Bessa.

Esta bem disposta sortida se não logrou; porque com demasiado ardor os nossos Soldados se arrojárão desorte, que não lhes deixou observar as

ordens dos Officiaes, e o embaraço dos fossos lhe impedirão chegar ás batarias, para o que contribuio huma névoa, que não deixava vêr o terreno. Forão estes os embaraços, que não deixárão lograr huma tão valorosa acção; porém manifestou aos expugnadores a resolução, com que estavão os sitiados de defenderem a Praça.

Os inimigos estimulados do que havia acontecido, continuárão com maior vigor a bater a Praça, que igualmente correspondia com a artilharia para a sua defensa; e vendo que o intento dos inimigos era já dirigir as batarias a alargar a brecha, formando outra contra o rebelim, os nossos emboscando cem cavallos detraz dos ramaes, que nos erão mais vizinhos, intentárão cortar lhe huma guarda de quarenta, com que os inimigos carregavão todas as manhaãs os nossos batedores até á estrada coberta. Na noite deste dia para 20 de Outubro entrárão quatro cavallos, que acompanhavão a Antonio de

Mello de Castro, que voluntario quiz achar-se na Praça, e dormio todas as noites na brecha, procedendo no dia do assalto, e nos mais com aquelle valor, com que os seus maiores obrárão sempre no serviço da Patria. Descobrindo a guarda da Cavallaria dos inimigos a nossa emboscada, e correndo os nossos batedores; depois de huma leve escaramuça, nos retiramos com a perda de hum Soldado.

Empenhados os inimigos em renderem a Praça, no dia 24 baterão a brecha com vinte e duas peças da primeira bataria, e com duas de outra o angulo do flanco esquerdo do baluarte de S. João, e as contrabatarias erão igualmente bem servidas. Na noite fizerão mais profundos e mais largos os ultimos ramaes, não cessando com as bombas, e pertenderão com cento e cincoenta Granadeiros reconhecer o fosso, e a brecha; mas desta, e do rebelim os fizemos retirar sem conseguirem a observação.

Tinhão os nossos facil communicação com Elvas; e naquella noite recebeo o Conde da Ribeira quarenta bombas ardentes, que havia pedido, e como a brecha se achava praticavel, anticipadamente havia disposto a guarnição para sustentar o assalto, com tanta vigilancia e resolução, que não deixava de prevenir os mais leves incidentes. Ao Sargento-Mór de Batalha D. João Hogan encarregou o governo da brecha, que nella assistio continuamente. O segundo posto para a defensa do assalto, que era a cortina do lago, e o flanco do baluarte de Santa Cruz, entregou ao Brigadeiro João Massé, e estava destinado para o Brigadeiro Thomaz da Silva, que havendo obrado neste sitio com tanta distinção, como capacidade, do muito trabalho se lhe originou huma grave doença, e procurando vencela, tinha cedido á repetição das sezões: assistia ao Brigadeiro Massé o Coronel de Cavallaria Antonio Pessanha, que sempre se achava nos lugares mais expostos,

e o acompanhava o Sargento-Mór da Artilharia João André Gazo.

O terceiro posto, que era o flanco e baluarte chamado = Picha Torta = se deo ao Tenente Coronel André Pereira da Costa, e ao Tenente Coronel da Artilharia Patovillé, com tres peças de bala miuda, assestada sobre a estrada coberta, parte certa por onde os inimigos havião de passar para o assalto. Toda a mais guarnição estava distribuida em boa ordem nos postos, que se lhe destinárão, sendo em todos igual o zelo que a vigilancia: pelo que he justo fazer-mos memoria de trinta e cinco Clerigos da Praça, que se encarregárão de guardar o baluarte de S. Sebastião, o que prompta e valorosamente executárão. O Governador da Praça Estevão da Gama com exacta obediencia seguia as ordens do Conde da Ribeira, com maior cuidado na gloria da defensa, do que na perda de muita fazenda, que tinha fóra da Villa; e ultimamente as bombas, e a artilharia lhe havião

totalmente arruinado humas casas nobres, que havia acabado de edificar. O Coronel José Homem de Magalhães estava gravemente enfermo; e os Coroneis Luiz Pereira de Sá, e Francisco de Macedo Pimentel, fazião alternativamente a ronda da muralha. Ao Tenente Coronel José da Silva Paes deo o Conde a cortadura, que dirigio desde o seu principio, em que não cessou hum instante o trabalho, com admiração dos mesmos Generaes inimigos.

Era o maior cuidado do Governador das Armas Pedro Mascarenhas soccorrer Campo-Maior, e cobrir a Provincia do Alemtéjo; porque, supposto se engrossava o nosso campo das Alcaraviças com os Regimentos, que a largas marchas vierão das Provincias, e sendo tanta a vantagem dos inimigos, não puderão conseguir no nosso paiz mais que tomar-nos algumas partidas, que sempre andárão sobre o seu Exercito; mas Pedro Mascarenhas querendo dar-lhe hum pezar sensivel, conferio a materia

com o Marquez das Minas; que escolheo tres Soldados, a quem deo hum bom premio, e indo até Truxillo tomárão o Correio, que vinha de Madrid para o Exercito.

Chegárão os inimigos no dia 21 de Outubro com setecentos cavallos á vizinhança d'Elvas, e achando ao Mestre de Campo General só com duzentos e cincoenta cavallos, os carregou valorosamente, não cedendo e alguns Officiaes, que o seguião, á desigualdade do número, tendo voltado carregados os poucos, que deixou para socorrello. Succedeo neste tempo estar o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes fazendo exercicio ao seu Regimento; e sabendo o General de Batalha Paulo Caetano de Albuquerque o empenho, em que estava a nossa Cavallaria, mandou marchar ao Conde da Ericeira, e se formou no fim dos Olivaes; e vendo os inimigos a boa ordem, com que a nossa Infantaria os observava, se retirárão deixando alguns prisioneiros,

e sem mais perda que hum Soldado nosso, que ficou levemente ferido.

Pelos avizos que tinha Pedro Mascarenhas de Campo Maior, sabia o aperto da Braça, de que a guarnição estava pelas doenças reduzida a mil e trezentos Soldados capazes de servirem; e supposto a contadura se achava acabada com hum fosso de dezoito pés de largo, e doze de alto, e com huma estacada mui forte, e hum parapeito enterrado com huma Braça de armas capaz de setecentos homens, e no lado tres peças carregadas de bala miuda, e diante hum artificio de madeira para lançar as bombas do alto da brecha, feito por João André Gazo, e serem menos vigorosas as ultimas manobras dos inimigos, que já cançados se não aproveitárão da facilidade, com que se poderião cobrir do fogo, e que os flanqueava, do rebolim, defensas, e contrabatarias. Comtudo mais formidavel era a constancia invencivel do Conde da Ribeira, com o valor

e união dos Officiaes, que promettião ser gloriosa a defensa.

Estas noticias obrigárão ao Governador das Armas Pedro Mascarenhas a chamar os Generaes a Conselho, em que os votos se dividirão, porque huns se inclinárão, a que o soccorro de Campo-Maior ajuntando-se ao nosso Exercito, se désse huma batalha; porém a maior parte dos Generaes forão de parecer, com o qual a Côrte se conformou, que se lhe introduzisse terceiro soccorro, porque na vizinhança do inverno, e poderem-se tambem concluir o Tratado de Utrecht, e o valor dos sitiados, poderião obrigar os inimigos a retirar-se.

No dia 25 de Outubro batião os inimigos a brecha com quatorze canhões, que se empregávão no rebelim, e cortina do lago. Succedeo na Praça rebentar huma peça de pequeno calibre, que matou hum Tenente de Cavallos, hum Alferes de Infantaria, e outros Soldados. No mesmo dia obberou o Conde da Ribeira,

que em lugar de seis bandeiras, que havia na guarda das trincheiras, entravão quinze, e era mui numeroso o corpo dos Granadeiros, e que no campo dos inimigos se fazião alguns signaes com foguetes, e entendeo, que brevemente devia esperar o assalto. Como era dotado de hum grande espirito, e não duvidando de esperar o assalto, não poz em conselho se o havião de sustentar, ainda que sabia, que todos concordarião em defender a brecha.

Mandou ás nove horas da noite ao Brigadeiro João Massé, que fizesse partir huma grande quantidade de lenha, misturando-lhe farinas alcatroadas, e a fizesse lançar ao pé da brecha, e dando-se-lhe fogo, a grande labareda, que sahia, se estava cevando sempre em madeira, servindo a luz de descobrir, e embaraçar o primeiro intento dos inimigos, e offendendo a artilharia da Praça as suas batarias.

No dia seguinte procurárão os inimigos com o maior vigor dar-

tárias facilitar a brecha para o assalto, que havião premeditado; e assim foi grande o esforço, com que trabalhavão, sendo innumeraveis as pedras, que lançavão com os morteiros sobre a cortadura, e rebelim, e disfarçando o intento por não meterem mais guarda, que com cinco bandeiras. Porém os sitiados, que se não descuidavão, lançárão mais cincoenta carros de lenha ao pé da brecha, e descubrirão, que na entrada da noite se augmentava à guarnição das mesmas trincheiras, e ás oito horas avançárão trinta e duas companhias de Granadeiros até á explanada entre a brecha, e o rebelim, occupando-se toda a noite em formar os corpos destinados para o assalto entre a estrada coberta, e as suas trincheiras, obrigando a retirar as pequenas guardas do seu posto, querendo-o occupar com huma companhia de Granadeiros. O Capitão José Correa Freire do Regimento de Extremoz recebeo huma carga dos inimigos, e dando outra se retirou, conforme a ordem,

que tinha, e quatro vezes, com nú-
mero tão desigual, tornou a occupar
o seu lugar, e sendo ás tres horas
da madrugada desalojado, teve ordem
do Conde da Ribeira para ir gover-
nar o rebelim da porta de S. Pedro.

No rebelim do lago estava o
Capitão Bento Pereira de Castro,
donde ouvia de mais perto o rumor
dos inimigos, e com bom effeito lhe
fazia hum grande fogo com os cento
e vinte infantes da sua guarnição,
e igualmente o recebia. A estrada co-
berta estava toda razá, e não havia
mais contra-escarpa, que o pequeno
muro de pedra ensossa com quatro
pés de altura: o fogo que ardia ao
pé da brecha, ainda que conservava
grande brazido, não levantava muito
a labareda por ter algumas vezes cho-
vido naquella noite. O Conde da Ri-
beira com acordo admiravel, sem
descançar, acudia a toda a parte,
prevenindo tudo quanto era necessa-
rio para tão grande occasião.

O Governador das Armas Pedro
Mascarenhas cuidadoso no modo de

socorrer a Praça havia mandado ao Mestre de Campo General D. Braz da Silveira, que governava o campo de Villa-Viçoza, que mandasse marchar tres companhias de Granadeiros, e quinhentos infantes escolhidos para junto d'Elvas, e que alli acharião novas ordens. Foi esta huma das principaes razões, porque Pedro Mascarenhas não ajuntou o Exercito em Elvas, para que a vizinhança do inimigo não descubrisse este movimento.

Para governar este corpo escolheo ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Coronel do Regimento das Sopas, que estava em Elvas, e ao Sargento de Batalha Paulo Caetano de Albuquerque, que, quando seu valor, e capacidade havia soffrido pouco que na guerra de Catalunha obrára deções não singulares, que lhe adquirião hum nome de reputação, e agora foi escolhido para mandar todo o socorro.

No dito dia 26. que a Praça estava muy ameaçada, e no maior perigo,

sahio d'Elvas o Conde da Ericeira, e huma legoa distante encontrou o destacamento de seiscentos e cincoenta homens, que marchava de Villa-Viçosa, governado pelo Tenente Coronel Manoel Ribeiro Malafaya, com o Tenente Coronel Antonio Henriques, Ajudante de Campo do General Pedro Mascarenhas, o Sargento-Mór Alvaro José Serpa e Sottomaior do Regimento de Lisboa de Pedro Alvares Cabral, e Antonio da Silva Furtado, Sargento-maior do Regimento da Beira de Francisco de Azevedo, e outros Officiaes. Marchou o Conde comeste destacamento, e o fez descançar até que chegasse o General de Batalha Paulo Caetano, que sahio d'Elvas com vinte cavallos com dois Tenentes, vinte Mineiros, e trinta Artilheiros, e por voluntarios Luiz José de Vasconcellos, que havia sido Coronel de Infantaria, Bernardo Pereira de Lacerda, Capitão de Cavallos entretidos, D. Pedro de Mello, Capitão do Regimento de Francisco de Macedo,

Antonio Henriques, irmão, e Ajudante de Campo de Paulo Caetano, e José de Faria Travassos, Capitão entretido do Regimento do Conde da Ericeira.

Passado o Rio Caya formárão hum batalhão quadrado com praça vasia, e os vinte e cinco cavallos nos lados; e antes das quatro horas da madrugada do dia 27 se achárão hum quarto de legoa de Campo-Maior; havendo enganado a primeira sentinella, dizendo-lhe ser soccorro mandado de Badajoz; porém não querendo a segunda deixalos passar, depois de tocar arma, o matárão, e com grande promptidão se achárão atacados por mais de quatrocentos cavallos das guardas, e piquetes dos inimigos, que sempre se havião engrossado, porque já estava a Cavallaria montada para sustentar o assalto. Porém os nossos fazendo alto, expedirão grande fogo por pelotões, com que os inimigos se retirárão, tendo chegado a pôr as espadas sobre as baionetas, e peleijando a pé

o General Paulo Caetano, e o Coronel Conde da Ericeira, com tanto acordo como valor, que os mais Officiaes imitavão bizarramente.

Continuando a marcha, e tocando já á Portugueza os Granadeiros, por onde os da Praça souberão lhes chegava soccorro, que não esperavão, forão segunda vez atacados pela esquerda, e retaguarda com muito maior número de cavallaria. Porém os nossos repetindo o mesmo movimento se forão sempre adiantando com excellente ordem, até que chegárão á porta falsa entre o baluarte de S. Francisco, e Boavista, sem mais perda que de oito Soldados. Cahindo no batalhão cinco bombas, que era o signal do assalto, correrão os dois Officiaes a buscar o Conde da Ribeira, por quem souberão, que a brecha se atacava; e pedindo-lhe lhes mandasse ensinar o caminho, forão hospedados na brecha, ordenando aos Tenentes Coroneis, que formassem o destacamento; que começava a entrar nas ruas, para que

pudessem sustentar os que defendião a brecha, se os inimigos entrassem. Este foi hum dos principaes motivos, que os inimigos publicárão ter para levantar o sitio, e a felicidade, e valor daquelle corpo entrar peleijando por entre oito mil cavallos, e dez mil infantes: acção tão singular, que se não lê em muitos exemplos semelhantes na Historia.

Na mesma manhã do dia 27 ás cinco horas se ouvio o signal das tres peças, e das cinco bombas já referidas; e tendo promptas trinta e duas companhias de Granadeiros, e dezeseis batalhões, o Regimento de Cayluz desmontado, e hum corpo de Officiaes entretidos reformados, e voluntarios, estavão deitados no chão sobre a explanada, e levantando-se com grande impeto, e ruido, correrão a buscar a brecha. Mandava esta acção o Mestre de Campo General D. Pedro de Zuniga, irmão do Duque de Bejar, a quem depois succedeo na Casa. Aos Officiaes voluntá-

rios seguião oito companhias de Granadeiros escolhidos; e passando a estrada coberta, descerão á contraescarpa do fosso secco com quarenta escadas, e atravessando o mesmo fosso chegárão á brecha; mas como a lenha, que ardia, lhe embaraçava montala de frente, intentárão á desfilada o ataque pelos lados. Quarenta e tantos Officiaes, e Granadeiros, conseguirão sobir até ao alto da brecha; porém o Capitão de Granadeiros Jeronymo Rebello do Regimento do Porto com quarenta Soldados, com quem estava, os precipitou sobre o fogo, e outros com morte differente acabárão na agua do fosso. Os corpos, que havião de sustentar os que assaltavão, soffrerão pelo flanco a mosquetaria do rebelim de S. Pedro com toda a artilharia da Praça, que estava apontada contra a explanada da parte da brecha. As granadas que lançavão os Granadeiros de Jeronymo Rebello, e as bombas grossas do nosso artificio multiplicavão os perigos

aos expugnadores, e a esperança dos sitiados no bom successo da sua defensa.

O segundo corpo dos inimigos, que havia de sustentar o primeiro, não podendo avançar-se, atirava á estrada coberta, e rebelim do lago; e sendo muita a gente, que perdião no fosso, se virão obrigados a desamparalo, sem que os seus Officiaes com o exemplo e com as vozes, nem ainda com os ameaços dos que estavão na estrada coberta, pudessem obrigallos a que não desamparassem o posto. Neste tempo chegou á brecha o General de Batalha Paulo Caetano, e o Coronel Conde da Ericeira, e estiverão expostos ao fogo nas duas acções successivas, ajudando com o seu valor a felicidade do successo, e protestando-lhe D. João Hogan o perigo, não estando alli o corpo, que elles mandavão, o qual havendo-se formado mui perto, sempre estavão promptos para puxar por elle quando o pedisse a occasião; assim todo o tempo que depois durou

o sitio, assistirão na mesma brecha continuamente tomando o dia o General de Batalha.

Os inimigos de novo animados inventárão segundo assalto; e desfilando quasi o mesmo número que na primeira vez, chegarão a montar a brecha, e do alto lançárão granadas contra os defensores; porém D. João Hogan tão valoroso como prompto acodio muito a tempo pelos pelotões das quatorze Companhias, que tinha promptas, ajudado de Paulo Caetano, e do Conde da Ericeira, dos Tenentes Coroneis Antonio Serrão Diniz, que estava de dia, Simão dos Santos, José Caetano de Meirelles, e do Sargento-Mór Pantaleão de Oliveira e Sousa, dos Capitães de Granadeiros Francisco Rebello do Regimento de Francisco de Macedo, que não só no assalto, mas em todo o sitio procedeo com inexplicavel valor, Jeronymo Rebello, e outros. Começando a fazer fogo, principalmente os quarenta Granadeiros, quasi a peito descoberto, porque não tinhão

para cobrir-se mais que huma pequena porção de parapeito diante da cortadura, e lançando granadas, e bombas, matárão os que subirão, continuando a artilharia, e mosquetaria das defensas com promptidão a atirar ao fosso, e á brecha.

Ainda os inimigos se animárão terceira vez ao assalto, mas não passárão do meio da brecha, onde cahirão quasi todos mortos, e feridos. Havia durado hora e meia esta vigorosa áção, e era já o dia muito claro, e tinhão soffrido os inimigos cincoenta tiros de artilharia de bala miuda, e todas as mais operações referidas. Nos defensores se admirava não só o valor, mas a ordem e silencio, com que pelejavão, de sorte que os que estavão mais distantes se persuadião, que naquelle lugar não havia combate. Os nossos Granadeiros da cortadura impacientes para acabar de desanimar os inimigos, sem ordem dos Officiaes, saltando á desfilada as banquetas, e parapeitos, se formárão no alto da brecha,

dando furiosas cargas contra os que estavão no fosso, estrada coberta, e explanada, sem que os dois Generaes, e o Coronel Conde da Ericeira pudessem obrigalos, a que voltassem para o seu posto: pelo que aproveitando-se então daquelle ardor, lhe fizerão repetir as cargas com mais ordem, e com ellas obrigárão os inimigos a retirar-se de todo para as suas trincheiras, e outros para o campo.

Foi singular o gosto dos defensores vêrem mais de tres mil homens escolhidos voltar com tanta pressa de huma acção, em que entrárão com tanto brio, e valor, não podendo fazelos formar outra vez os Esquadrões de Cavallaria, que estavão nos flancos para este effeito. Succedeo neste tempo segunda, mas valorosa desordem; porque dos nossos Granadeiros sahirão mais de cincoenta dos que defendião a brecha, e descendo por ella despojárão os mortos no fosso, conservando-se os Officiaes, e Soldados expostos no alto da brecha ás

batarias dos inimigos, que começárão a jogar para favorecer a retirada; tendo parado em quanto durou o assalto.

O Conde da Ribeira com igual valor, e socego acodia ás partes mais perigosas, e para o fazer com maior utilidade, desde o principio do conflicto, escolheo hum lugar donde de perto pudesse vêr a execução das suas ordens, e observasse os inimigos, se fazião algum ataque falso com as escadas, que sabia lhes chegárão de Badajoz. Mas vendo o não intentavão, fez marchar as duas reservas dos Regimentos de Extremoz, e Algarve, que guarnecião os baluartes de S. Sebastião, e Lisboa, mandando-as formar nas ruas mais vizinhas ao baluarte atacado, aonde esperassem as ordens do General de Batalha D. João Hogan; e na mesma forma esperavão os setecentos homens do novo soccorro; porém os defensores da brecha os deixárão sem exercicio.

He para reparar a desigualdade da perda de huma, e outra parte;

porque nos sitiados estando descobertos, e a guarnição do rebelim do lago montada sobre os parapeitos, não houve entre todos mais que quatro mortos, e outros tantos feridos; e dos expugnadores se affirma, que entre mortos e feridos perderão cem Officiaes, e mais de setecentos Soldados.

Finalmente cessou o fogo depois de sete horas de combate, e tocando hum Tambor dos inimigos á chamada da sua trincheira, o Conde da Ribeira o mandou ouvir por hum Official, e lhe disse: que o Tenente General D. Pedro de Zuniga, que governava os ataques, pedia ao Conde huma cessão de armas para enterrar os mortos, e acodir aos feridos, que no fosso e contrada coberta estavão agonisando huns, e outros pedindo confissão. Permittio o Conde, que hum Official entrasse pela porta falsa, e dando-lhe o mesmo recado, respondeo com acordo e piedade, que concederia a pregunta, com a condição de que os seus Granadeiros

não havião de sahir da sua trincheira, aonde os da Praça levarião os feridos e mortos. Acceita a condição; mandou hum destacamento de oitenta Granadeiros, que com muita piedade conduzio oitenta e seis mortos e feridos, que os inimigos não puderão retirar, e que não sahirão do fosso junto á brecha, nem do lago do fosso. E os nossos recolherão ao mesmo tempo, para a Praça muitas armas, e outros despojos, e trinta e seis escadas: e durou a suspensão de armas até ao meio dia.

Antes de huma hora começou de huma e outra parte a jogar a artilharia: a dos inimigos com mais vingança, do que ordem militar; porque deixando a brecha se encaminhava contra os moradores, e casas da Villa, não ficando isenta a Igreja de S. João; de que justamente escandalisado o Conde da Ribeira, fez dirigir as balas da sua artilharia contra as do Quartel da Gôrca, que causou bastante estrago nas barracas, e

Não jogárão os inimigos no dia 28 mais que onze peças, e tres morteiros com granadas reaes; porém tudo com grande intervallo. Não cessava a mosquetaria; mas o Conde da Ribeira nem por isso diminuio o cuidado, e vigilancia; porque mandou renovar a lenha ao pé da brecha, e que se continuasse nos dias successivos; padecendo já huma sezão, que lhe repetio, originada do trabalho de tão largo sitio.

Cessárão na noite os canhões, e os morteiros, que fizerão retirar os inimigos com os mais instrumentos de expugnação; e ao ruido das suas carruagens encaminhavão os nossos com acerto os tiros. No outro dia fizerão marchar a artilharia grossa para a esquerda do seu campo, tomando o caminho de Badajoz, conservando até então as guardas nas trincheiras, que às onze horas desamparárão, recolhendo-se a guarnição para o campo; e retirando-se as guardas da Cavallaria, forão as tendas,

e a bagagem o emprego de quatro canhões, que estavão apontados para o campo, e para o caminho.

Ao tempo que os inimigos tratárão de conduzir as munições para Badajoz, entrárão em Campo-Maior trinta desertores, que concordárão, que os inimigos perderão no sitio entre mortos, e feridos mais de dois mil homens. Esta tão gloriosa noticia participou logo o Conde da Ribeira ao Governador das Armas Pedro Mascarenhas, que a mandou á Côrte, pelo seu Ajudante de Campo o Sargento-Mór João de Roxas de Azevedo.

A 2 de Novembro, levantou o Marquez de Bay o sitio, e foi acampar á Godinha, pouco mais de meia legoa da Praça no sitio chamado Azinhal, com o Rio Caya pela frente; e passando mostra ao seu Exercito, achou huma grande diminuição na gente, que perdêra no sitio. Pedro Mascarenhas no mesmo dia com os mais Generaes sahio d'Elvas para Villa-Viçosa, unindo as Tropas, e re-

forçando as guarnições até o Tejo no caso que os inimigos intentassem alguma entrada. Porém o Marquez de Bay em poucos dias dividio as suas Tropas pelos quarteis de inverno.

O Conde da Ribeira passou mostra á sua guarnição, e achou não faltar mais que hum Tenente, dois Sargentos, e setenta e dois Soldados feridos, hum Alferes, e vinte e oito Soldados prisioneiros, que todos fazião o número de cento e oitenta e hum, não contando trinta paisanos feridos, ou mortos, dezoito prisioneiros, que o Marquez de Bay mandou nos dias seguintes para Campo-Maior; e achou promptos duzentos e oitenta e oito Officiaes, dois mil cento e quarenta e hum Soldados, em que não entrão quarenta e oito dos prisioneiros, e trezentos e desseis dos segundos, que estavão doentes.

O Conde da Ribeira, que com admiravel actividade attendia a tudo, fez que a guarnição da Praça não descançasse sem que alimpasse, e re-

parasse a brecha, demolidos os dous dos inimigos, para o que vierão seis centos paisanos do Alburquerque.

No dia 8 entrou na Praça o Governador das Armas Pedro Mascarenhas, e os mais Generaes, Brigadeiros, e Coronéis, a congratular ao Conde pela victoria. Pedro Mascarenhas lhe agradeceo a admiravel defensa, que fizera, e o Conde revestido de modestia confessou que devera á sua direcção, e á promptidão dos soccorros a melhor parte da sua gloria.

Recebeo o Conde licença para se recolher a Lisboa a convalescer da molestia, que o trabalho lhe causara; e chegando á Côrte conseguio universal applauso, bem merecido pelo valor e disposição, com que soffreo hum sitio, que durou trinta e sete dias, vinte e oito de trincheira aberta, quinze de baterias, e desesseis de bombas, em que atirárão á Praça dez mil oitocentas e setenta balas de artilharia, mil trezentas e hove bombas, trezentos e cincoenta tiros

neraes de Batalha; aos tres Brigadeiros, do Conde da Ericeira, e aos tres Coroneis, que se achárão no sitio; e q havia feito com grande distinção ao Governador das Armas Pedro Mascarenhas pelo acerto, e desposição, com que obrara em toda a campanha; e juntamente lhe fez mercê de huma Commenda grossa, e outra ao Conde da Ribeira; sem que elles lhas pedissem. A Thomaz da Silva Telles deo ElRei o Posto de General de Batalha. A D. João Hogan o soldo dobrado em quanto vivesse, e o Habito de Christo com huma grossa tença. Ao Conde da Ericeira fez Brigadeiro de Infanteria. A João Massé, a quem havia pouco despachara, mandou dar huma Joia, outra ao Tenente Coronel Patoville, que tambem havia pouco a tinha acrescentado. A André Ferreira da Costa a Patente de Coronel; e logo hum Regimento na Beira. Aos Tenentes Coroneis José da Silva Paes, Antonio Serrão Diniz, José Caetano de Meirelles, e Simão dos Santos, Pa-

tentes de Coronéis. Aos Sargentos-Móres Pantaleão de Oliveira e Sousa, e Antonio da Costa Escudeiro, Patentes de Tenentes Coronéis. Aos Capitães José Correa Freire, Francisco Rebello, e Jeronymo Rebello, as de Sargentos-Móres, conservando as suas companhias de Granadeiros. Ao Tenente de Granadeiros Manoel Rodrigues de Carvalho do Regimento da Côrte de Ignacio Xavier fez Capitão de Infanteria, e Agostinho da Cunha de Sontomaior, que tinha este posto, e o exercicio de Ajudante de Campo do Conde da Ribeira, fez Capitão de Cavallos. Ao Capitão de Infanteria Bento Pereira de Castro, Tenente Coronel, e ao Sargento-Mór de Artilharia João André Gazo deo a mesma Patente, com o Habito de Christo, e huma tença, de sorte que todos ficárão logo premiados, e outros depois. Ao General Paulo Caetano de Albuquerque nomeou Governador da Praça d'Elvas. Ao Mestre de Campo General D. João Manoel de Noronha tinha El-

Rei nomeado Governador, e Capitão General do Reino de Angola para onde partio, e pondo as Praças, e Costas daquelle Reino em defensa, com vantagens, que alcançou dos vizinhos, mostrou em tudo a sua prudencia, e desinteresse. Aos moradores da Villa de Campo-Maïor fez ElRei mercê de os alliviar dos tributos da decima, e ciza dobrada por hum anno, fazendo reparar as ruinas, e Igreja de S. João Baptista, a quem deo huma alampada de grande preço.

O Senhor Infante D. Francisco, para mostrar a satisfação, com que estimava aos que bem servião a ElRei seu irmão, escreveo huma carta muito honrosa ao Conde da Ribeira, dando-lhe a Alcaidaria-Mór da Amieira do Priorado do Crato, de grande rendimento.

CAPITULO VIII.

Chegada de huma Frota do Brazil com cincoenta milhões de cruzados, em que vierão outras agradaveis noticias.

EM tudo erão prosperos os successos; porque a 8 de Outubro deste mesmo anno cessou hum dos grandes cuidados, que tinhão os Povos; e o commercio da Praça de Lisboa, começando a entrar a Frota do Brazil, que se tinha desencontrado da Esquadra Ingleza, que fôra esperala para a comboyar, governada pelo Almirante Buker, que andou cruzando alguns mezes na altura das Ilhas dos Açores sem a encontrar. Compunha-se a Frota de setenta navios, comboyados por alguns de guerra da Corôa, e da Junta do Commercio, estimados em cincoenta milhões

de cruzados; e sendo huma das mais ricas Frotas, que vierão daquelle Estado, chegou felizmente a Lisboa, depois de se haver livrado de huma furiosa tormenta, e das Esquadras inimigas que a esperavão.

Além da riqueza, que trouxe, confirmou as novas do socego, em que ficavão os povos da Bahia, que por hum novo tributo, que se lhes puzera, com menos direcção se havião alterado, e já ficavão socegados pela boa disposição de Pedro de Vasconcellos, Governador, e Capitão General do Estado do Brazil, para o que contribuio muito D. Lourenço de Almada, que havia acabado o governo do Reino de Angola com igual acceitação, e veio para o Reino na mesma Frota.

Tambem veio a noticia de que a Capitania de Pernambuco ficava socegada das desordens, que tinhão sucedido, pela actividade de Felix José Machado e Castro seu Governador; e se tinhão no Rio de Janeiro reparado os damnos padecidos na

invasão dos Francezes, de que vai a dar noticia o Capitulo seguinte.

CAPITULO IX.

Invasão das Francezes no Rio de Janeiro.

Em porto de Brest no Reino de França se preparou com grande segredo huma Esquadra, que se compunha de cinco navios de guerra, e huma balandra com mil homens de desembarque de Tropas escolhidas, com muitos Guardas Marinhas, e Cavalheiros voluntarios, de que era Cabo Monsieur Duclere, com o destino de darem sobre a Cidade do Rio de Janeiro; e chegando ás suas Costas a 6 de Agosto de 1710, foi vista a Esquadra pelas vigias, que o participárão ao Governador Francisco de Moraes e Castro, que com cuidado repartio os postos, e augmen-

tou a guarnição das Fortalezas, e as da barra avistárão no dia 27 as seis embarcações com bandeiras Inglezas. Da Fortaleza de Santa Cruz se lhes fez signal com huma peça sem bala, a que a Capitanla respondeo com outra por sotavento, colhendo a bandeira, e começando a Fortaleza a acanhonala, se virão obrigados os Francezes a dar fundo, em distancia que ficassem seguros.

Neste tempo entrava huma Sumaca da Bahia, e enganando-se com a bandeira Ingleza, se foi meter entre os navios que a tomárão. No outro dia se fizerão á vela para a parte do Sul, e o Governador mandou guarnecer as Praças da Pescaria, e Pedra, e avisou a Santos, e á Ilha Grande para se prevenirem. Porém os Francezes a 27 forão dar fundo na Ilha Grande, onde estiverão ancorados até ao ultimo do mez, saqueando algumas fazendas, que defenderão mui poucos moradores, em quanto tiverão munições de guerra, matando seis Francezes, e ferindo muitos.

Depois já a 5 de Setembro lançárão gente em terra, com seis lanchas, na Ilha, que chamão da Madeira, e com trezentos homens roubárão sem resistencia hum Engenho, em que achárão poucos escravos. Da Ilha Grande despedirão dois navios com a balandra, e Sumaca, e os que ficárão, chegando-se mais á terra, acanhonárão dois dias a Villa com pouco effeito; porque só os Conventos do Carmo, e Santo Antonio receberão algum damno.

Governava a Villa o Capitão de Infantaria João Gonçalves Vieira, e não tendo mais guarnição, que as Ordenanças, e sem embargo de ser aberta, desprezou as propostas dos inimigos, e os obrigou a retirarem-se sem mais perda do que a de hum Alferes. Os dois navios, que sahirão com a balandra, e Sumaca da Ilha Grande, sondárão a Costa nas praias de Sacopenapan, e da Lagoa, e na noite do 6 intentárão desembarcar duas legoas distantes da Cidade de S. Sebastião, e tinha já o Governa-

dor unida toda a gente. Forão rechaçados só pelas Ordenanças, que logo o Governador reforçou com dois destacamentos dos Regimentos dos Coronis João de Paiva Sotomaior, e Gregorio de Castro de Moraes; porém quando estes chegárão, já os defensores tinhão obrigado aos inimigos a retirarem-se, a quem a aspereza do sitio não favoreceu.

No dia seguinte pela manhã chegárão á barra de Jouza, quatro legoas da Cidade, e á Guaratiba, quatorze distante. Neste destricto, que pela altura dos montes, e pelo temperamento dos mares he difficil o desembarque, e estava sem sentinellas, lançárão gente em terra. Tendo porém o Governador esta noticia pelo Capitão de Cavallos José Ferreira Barreto, a cujo cargo estava a guarnição Guaratiba até Santa Cruz, observou não poderem ser mais de mil e duzentos os homens, que caminhavão para a Cidade. O Governador conhecendo o terreno áspero com desfiladeiros, e serras altissimas, se

contentou com mandar alguns praticos do paiz com pequenas partidas para os embaraçarem no caminho; e nos passos estreitos os maltratarem; ordenando ao mesmo tempo ao Tenente General Engenheiro José Vieira, que com hum corpo mais grosso, junto das guarnições, que assim migos deixavão nas Costas, lhes picasse a retaguarda, e lhes embaraçasse a retirada; mas não pode executar tudo, o que lhe poderia ser facil, q não o impedir a aspereza do terreno.

Continuárão os Francezes a marcha, não deixando de nascer supitos embaraços no caminho, e chegárão ao Engenho dos Padres da Companhia, hora legoa da Cidade. O Governador havendo guarnecido esquarteis do mar com alguma gente passou com a mais ao Campo de Nossa Senhora do Rozario, e se formou em batalha, dispondo tudo em ordem, que podesse disputar aos inimigos o atacarem a Cidade, para onde continuavão a marcha pelo mais al-

to dos montes, quasi impraticavel aos mesmos moradores. O Governador mandou destacar trezentos homens do Regimento do Coronel Crispim da Cunha, e occupar o caminho do Oiteiro de Nossa Senhora do Desterro, para entrar na Cidade por Nossa Senhora da Ajuda; e porque poderião atacar o Forte da Praia Vermelha, mandou ao Coronel João de Paiva Soutomaior com o seu Regimento, para que neste caso lhes disputasse o caminho; e sendo para a Cidade, lhes carregasse a retaguarda; não executando esta segunda ordem, porque o Official, que a levou, a não deo com distinção. O Capitão de Cavallos Antonio de Ultra da Silva avançado do campo observava a marcha entre o Desterro, e Nossa Senhora da Ajuda. Finalmente foi o primeiro encontro tão valorosamente disputado, que soffrendo hum grande fogo de huma e outra parte, se augmentou este com os tiros de artilharia de bala miuda do Forte S. Sebastião, que estava ao car-

go de José Correa de Castro, que havia acabado de Governador de S. Thomé, que com valor mostrou bem nesta occasião a sua capacidade.

Os Francezes vendo que o Governador estava postado no seu campo com nova guarnição, e que o Forte da Praia Vermelha estava tão guarnecido de artilharia, que por todas as partes os offendião, intentárão com estranha resolução entrar na Cidade para capitular dentro em alguma Igreja. Conseguirão este intento, ainda que valorosamente lho disputou o Tenente-General José Vieira, que se achava com mui pouca gente por aquella parte. Formárão-se junto do Convento do Carmo, e não podendo forçar-lhe as portas, já com perda de muita gente pelas ruas, e retaguarda, forão em demanda da casa dos Governadores, e sendo-lhes por muito tempo defendida a entrada, com muitas mortes de ambas as partes, por huma companhia de Estudantes, mas metendo-se alguns Francezes no Palacio, e corpo da

guarda, virão todos a ficar prisioneiros, ou mortos.

Assim que o Governador teve noticia, que os inimigos entrárão na Cidade, fez marchar o Mestre de Campo Gregorio de Castro com o seu Terço, e por outra parte o Capitão Francisco Xavier de Castro de Moraes, filho primogenito do Coronel, a quem tambem acompanhava outro filho seu Alferes, governando este troço o seu Sargento-Mór Martim Correa de Sá. Chegárão estes corpos á rua direita, aonde ainda os Estudantes embaraçavão os inimigos, e os nossos os atacárão tão vigorosamente, que desamparando o corpo da guarda se retirárão por huma travessa para a parte da praia, e entrárão em hum armazem, a que chamavão Trapiche; e ainda que se lhe disputou a entrada, ganhárão seis pegas de artilharia, que alli estavão para defensa do Rio, que já lhe havião no principio feito grande damno. Aqui matárão o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes

com duas balas, e com outra feriu nos peitos; e em huma ilharga com huma boyoneta a seu filho Francisco Xavier, e tambem recebeo algumas feridas o Capitão José de Almeida; havendo procedido com valor em toda a occasião.

O Governador intentou pôr fogo ao armazem; mas como se podia atear ás casas vizinhas, e se havião recolhido a elle sessenta mulheres, mandou da Ilha das Cobras, e de outras vizinhas conduzir artilharia; havendo já feito conduzir algumas peças para as bocas das ruas; mas o Capitão Antonio Ultra da Silva, que com a Cavallaria havia acodido ao conflicto, querendo diante de todos entrar no armazem foi morto. O Commandante Duclere vendo-se neste aperto, determinou capitular; o Governador lhe concedeo só as vidas; ao mesmo instante se rendesse; no que o Commandante veio. Ficando prisioneiros de guerra, no dia 19 de Setembro do referido anno. Os Francezes, porém, que marchárão no

ultimo troço, experimentárão differente fortuna; porque havendo marchado por differentes ruas quasi todos forão mortos. Acharão-se os corpos de trezentos, e depois apparecerão muitos pelos matos, e Rios, ficando seiscentos prisioneiros, entre elles duzentos feridos. Morrerão cincoenta dos nossos, e ficárão oitenta feridos, e sendo mais de mil Francezes, que desembarcárão, não escapou mais que hum negro fugitivo, que lhe havia servido de guia, e levou esta funesta noticia aos navios, que estavão na Ilha Grande.

Depois a 21 de Setembro apparecerão na barra os dois navios, e a balandra, e lançárão seis bombas, sem nenhum damno. O seu Commandante Duclere com permissão do Governador lhe mandou participar a fortuna, em que estava, e a passárão aos navios, que estavão na Ilha Grande. Com esta noticia suspenderão as operações, com que nos pertendião offender, e depois de restituirem os vinte e oito prisioneiros, que tinhão

tomado na Sumaca, e mandarem por terra alguns vestidos dos Francezes, se fizerão á véla para Martinica.

Ficárão prisioneiros o Commandante da Esquadra Duclere, hum Coronel commandante dos Guardas-Marinhas, hum Sargento-Mór, hum Ajudante de Campo, o Provedor da Armada, dois Tenentes, e hum Alferes, sete Guardas-Marinhas, onze Cavalheiros voluntarios, dois Capellães; e feridos, e prisioneiros, hum Coronel, dois Tenentes-Coroneis, hum Sargento-Mór, seis Capitães, sete Tenentes, dois Alferes, e dois Guardas-Marinhas; e mortos hum Capitão de Artilharia, dois de Granadeiros, hum de Infanteria, outro Guarda-Marinha, dois Tenentes de Granadeiros, hum de Infanteria, e tres Guardas-Marinhas.

Esta noticia trouxe a Lisboa o Capitão Francisco Xavier de Castro, a quem ElRei fez mercê do posto de Mestre de Campo, que vagára por seu Pai Gregorio de Castro, e ao Governador seu tio deo duma Com-

menda, e aos mais Officiaes, e pessoas, que se distinguirão, fez proporcionadas mercês ás suas pessoas, e póstos. Reservei esta noticia para este lugar, por ser o anno em que chegárão a Lisboa as noticias de estarem reparados os damnos, que os Francezes nesta invasão tinhão causado no Rio de Janeiro.

CAPITULO X.

Tratado da suspensão de armas ajustado pelos Plenipotenciarios de Suas Magestades, Portugueza, e Christianissima em Utrech a 7 de Novembro de 1712.

Nós Plenipotenciarios de S. M. ElRei de Portugal, e S. M. ElRei Christianissimo, temos ajustado:

I.

Que haverá huma suspensão geral de todas as acções militares por terra, e mar entre as duas Corôas de França, e Hespanha de huma parte, e a de Portugal da outra, seus Vassallos, Exercitos, Tropas, Frotas, Esquadras, e Navios, assim em Europa, como em qualquer outro paiz do mundo, a qual durará o es-

paço de quatro mezes, começando em quinze do presente mez de Novembro até aos quinze do mez de Março de mil setecentos e treze; e S. M. Christianissima se obriga a que a dita suspensão seja observada pela Corôa de Hespanha.

II.

Em virtude do presente Tratado cessarão todos os actos de hostilidades de cada parte entre estas tres Corôas pelo dito espaço de quatro mezes, tanto por terra, como por mar, e outras aguas; de sorte que se succeder, que pendente o curso da suspensão se contravenha a ella por qualquer das partes, ou seja descobertamente por alguma empreza, ou outro feito de armas, ou seja por sorpreza, ou intelligencia secreta, em qualquer lugar do mundo que for, ainda por algum incidente imprevisto, esta contravenção se reparará de huma e outra parte de boa fé, sem dilação, nem difficuldade: as

Praças, Navios, e Fazendas se restituirão promptamente, e os prisioneiros serão postos em liberdade, sem que se peça coisa alguma pelo seu troco, ou despezas.

III.

A fim de prevenir todas as occasiões de queixas, e contestações, que poderião nascer por causa das despezas feitas no mar, pendente o tempo da suspensão, ajustou-se, que os Navios de huma e outra parte, que se tomarem depois da expiração dos termos abaixo apontados, começando do dia da assinatura deste Tratado, serão inteiramente restituidos, com a gente, petrechos, fazendas, e outros effeitos, que nelles se tiverem achado, sem a menor excepção: a saber, os que se tomarem desde as Costas de Portugal até á altura das Ilhas dos Açores, e Estreito de Gibraltar depois do espaço de vinte e cinco dias; desde as sobreditas Costas

de Portugal até os mares do Norte depois de cincoenta dias, desde a altura das Ilhas dos Açores até vinte e cinco grãos em qualquer outra parte do mundo depois de seis mezes: bem entendido, que nas partes onde a suspensão não póde ter lugar senão dentro de seis mezes, se tem estipulado, que não começando a dita suspensão senão depois dos sobreditos seis mezes ella não acabará consequentemente, senão dentro de dez mezes; o mesmo se observará a respeito das outras partes á proporção dos termos assignalados, para que nella se tenha noticia da dita suspensão de armas.

IV.

Todos os Navios, e Embarcações das mes Corôas poderão navegar livremente, e gozar da presente suspensão depois dos termos acima assignalados, sem terem mais passaportes que os dos seus Soberanos;

e no caso que os homens de negocio desejem ter outros passaportes se lhes acordarão reciprocamente.

V.

Sua Magestade Christianissima promette, que os Artigos acima escritos da suspensão de armas por mar serão observados por todos os Capitães de Navios, e outras Embarcações que tem, ou tiverem commissões de seus Alliados; e Sua Magestade Portugueza promette, que os ditos Artigos serão igualmente observados da sua parte a respeito de todos os Alliados de Sua Magestade Christianissima.

VI.

Em virtude da presente suspensão de armas as Tropas, que Sua Magestade Portugueza tem actualmente em Catalunha tornarão para Portugal o mais cedo que for possivel; e para que Sua Magestade Por-

tugueza tenha tempo de mandar as suas ordens ao General, que governa as ditas Tropas, a suspensão de armas não começará a respeito dellas senão do primeiro de Dezembro proximo, no qual dia ellas ficarão em inacção até partirem, sem poderem servir directa, nem indirectamente contra as duas Corôas; e no caso que a sua retirada seja por terra, irão Commissarios Hespanhoes ás Fronteiras no principio de Dezembro proximo, para ajustar com o General das Tropas Portuguezas o dia em que hão de de partir, como tambem as medidas necessarias, a fim de que a sua passagem pelos Estados da Corôa de Hespanha seja a mais curta, e a mais commoda que for possivel; e para regular os alojamentos da marcha, se lhes darão tambem Commissarios para as segurar de todo o insulto, e lhes fazer dar os viveres, e tudo o mais que lhes for necessario pelo preço commum, e ordinario no paiz. Sua Magestade Christianissima se obriga a que se terá toda a attên-

ção possivel para a segurança das ditas Tropas, e que se por algum incidente imprevisto succeder, que o termo dos quatro mezes da suspensão venha a espirar no tempo de sua passagem por mar, ou por terra, nesse caso a suspensão de armas não deixará de continuar a respeito sómente daquellas Tropas, até que ellas hajão chegado a Portugal.

VII.

As ratificações do presente Tratado se trocarão de huma, e outra parte dentro do termo de quarenta dias, ou mais cedo se for possivel, não obstante que a suspensão deva começar em quinze do corrente mez de Novembro.

Em fé do que, e em virtude das ordens, e plenos poderes, que Nós abaixo assignados temos recebido de nossos Amos ElRei Christianissimo, e ElRei de Portugal, assignamos o presente Tratado, e lhe puzemos o Sello das nossas Armas. Feito em

Utrech a sete de Novembro de mil setecentos e doze.

(L. S.) *Huxelles.*
(L. S.) *Mesnager.*
(L. S.) *D. Luiz da Cunha.*
(L. S.) *L'Abbé de Polignac.*
(L. S.) *O Conde de Tarouca.*

Com esta suspensão cessárão as hostilidades de huma, e outra parte; e sendo ajustado por quatro mezes, depois se prorogou no primeiro de Março do anno seguinte de 1713, e durou até á conclusão da paz, cujos artigos adiante diremos.

CAPITULO XI.

Jornada do Senhor Rei D. João V. da Salvaterra á Villa de Santarem, onde deo a sua entrada publica.

NO mez de Janeiro deste anno passou ElRei com a Rainha, e Infantes, acompanhados de muitos Grandes do Reino, e Officiaes da sua Casa para a Villa de Salvaterra para se divertirem com a caça de que aquelle sitio he abundantissimo, e depois de muitos dias de divertimento determinárão ir á Villa de Santarem, que dista de Salvaterra quatro legoas, a adorar o Santo Milagre, e algumas Imagens, que de tempos antigos se venerão naquella Villa com grande devoção. He a Villa de Santarem huma das principaes do Reino, e tem nella os Con- 1713

tes lugar os seus Procuradores no primeiro banco, a qual ElRei quiz honrar de novo, como já o havião feito em outras occasiões os Reis seus Predecessores. Para o que determinou fosse a sua entrada pública, e com effeito no dia 30 de Janeiro entrou nesta Villa com toda aquella formalidade costumada dos antigos Reis em semelhantes occasiões.

Sahio ElRei de Salvaterra, e foi dormir a Muje, casa de Campo do Duque de Cadaval; e no outro dia entrou em Santarem, sendo levado de redea por D. Fr. Lopo de Almeida, Commendador de Malta, na ausencia do Conde de Assumar seu irmão, Alcaide-Mór desta Villa, que estava por Embaixador Extraordinario na Côrte de Barcellona, a quem tocava esta função. Levárão os Vereadores da Camara da Villa as varas do Pallio. Hia ElRei montado em hum soberbo cavallo, e logo atráz o Conde de Vianna Estribeiro-Mór, como se pratica em semelhantes occasiões. Entrou ElRei

pela porta de Manços, onde o esperava o Magistrado, Clero, Religiões, e o Militar da Villa, sendo precedido dos trombetas, timbales, e oboezes, montados a cavallo, a que se seguião os Porteiros da Cana com massas, Reis de Armas, Arautos, e Passavantes a pé, Justiças da Villa, e a estes o Corregedor do Crime da Côrte, e Casa, o Porteiro da Camara, os Fidalgos, Criados, e Grandes, todos a pé.

Os que então se achárão acompanhando as Magestades forão os seguintes: o Duque de Cadaval, seus filhos o Duque D. Jaime, e D. Rodrigo de Mello; o Marquez de Alegrete Fernão Telles, Gentil-Homem da Camara d'ElRei; o Marquez das Minas, Estribeiro-Mór da Rainha; seu filho o Marquez D. João de Sousa; o Marquez de Niza D. Vasco da Gama; o Marquez de Marialva D. Pedro Antonio de Menezes, Gentil-Homem da Camera d'ElRei; o Conde de Vianna, seu Estribeiro-Mór; o Conde de Val dos Reis Nuno de

Mendonça; o Conde de Villar-Maior Manoel Telles da Silva; o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes; seu filho o Conde D. Luiz de Menezes; o Conde de Villa-Verde D. Pedro Antonio de Noronha; o Conde de Monsanto D. Manoel de Castro; o Conde de Unhão Rodrigo Xavier Telles; o Conde de Sant-lagó Aleixo de Sousa da Silva, Aposentador-Mór; o Conde de Villa-Nova D. Pedro de Lancastre; o Conde das Galveas Antonio de Mello de Castro; o Conde de S. Lourenço Martim Antonio de Mello; o Conde de Penaguião Joaquim de Sá; o Visconde de Villa-Nova da Cerveira D. Thomaz de Lima; o Conde de Pombeiro D. Pedro de Castello-Branco; Capitão da Guarda; o Conde de Sarzedas D. Rodrigo da Silveira; o Conde de Villa-Flôr Martinho de Sousa de Menezes; o Conde de Coculim D. Filippe Mascarenhas; o Conde de Prado D. Antonio Caetano de Sousa; o Conde da Ribeira Grande D. José Rodrigo da

Camara; seu filho o Conde D. Luiz da Camara; Pedro Mascarenhas; João de Saldanha da Gama; Ayres de Saldanha de Albuquerque; Pedro de Figueiredo de Alarcão; D. Francisco de Sousa, Védor da Casa; D. Lourenço de Almada, Mestre Sala; seu filho D. Luiz de Almada; Nuno da Silva Telles; D. José Manoel, ambos Sumilheres da Cortina; D. Christovão da Gama; D. Luiz da Silveira; D. José de Menezes; Gastão José da Camara Coutinho, todos Védores da Casa da Rainha, e D. Estevão de Menezes, Moço Fidalgo. Hião adiante os Moços da Camara aos dois lados, e a guarda dos Archeiros, que os hia cobrindo, e atraz della os Moços da Estribeira a cavallo com os cavallos da pessoa d'ElRei á mão; e depois do Juiz de Fora fazer huma breve oração á entrada da porta, e o Vereador mais antigo entregar as chaves, foi ElRei á Collegiada de Santa Maria d'Alcaçova, aonde apeando-se foi recebido com outro Pallio rico pelos Co-

negos da Collegiada, que em corpo de Cabido o esperavão, conforme o que ordena o Ritual Romano: feita a oração, voltou ElRei, e montando a cavallo, ficou o Clero á porta da Igreja, aonde o Cabido da Sé Vacante de Lisboa mandara o Arcediago Estevão de Barros, o Thesoureiro-Mór Francisco André, o Arcediago de Santarem Francisco de Macedo Leite, e os Conegos Francisco de Barros Pereira, e Francisco Barreiros de Carvalho, em quem delegou todo o seu poder para tudo o que fosse necessario naquella Villa.

No dia seguinte, que era huma Terça feira 31 do referido mez, fez a Rainha a sua entrada pública na mesma Villa pela porta de Manços, por onde ElRei entrara, onde a esperava na mesma forma o Clero Secular, e Regular, e os Vereadores. A Rainha que vinha em coche se apeou, e entrou em huma cadeira de mãos mui rica, e chegando onde a esperavão os Grandes, e Officiaes da Casa d'ElRei, e os da sua

Casa; a forão acompanhando a pé, e descobertos: João Xavier da Silveira, seu Estribeiro, hia a pé da banda direita immediato á portinhola da cadeira, e os Moços da Camara diante no mesmo lugar, em que acompanhárão a ElRei.

Depois de se meter debaixo do Pallio, caminhou a Rainha até onde estava o Arcediago revestido, que lhe deo a Cruz a beijar no mesmo lugar, em que já o fizera a ElRei, para o que se apeou o Marquez das Minas seu Estribeiro-Mór, que hia a cavallo atraz da cadeira, e mandando-a a Rainha parar, abrio o Marquez a portinhola, quanto bastou para a Rainha beijar a Cruz em pé, e o Clero começou a entoar os Psalmos, que dispõe o Ritual; e voltando na mesma forma, que se havia praticado com ElRei, se foi seguindo a procissão diante da Côrte, que hia immediata á cadeira, em que hia a Rainha. Ao entrar da porta, da banda de fora estava em hum balcão de madeira o Magistrado, e o

Vereador mais antigo, que servia na ausencia de Juiz de Fora, lhe fez huma breve oração, e lhe offereceo as chaves, que a Rainha tomou da Salva, e lhas tornou a pôr, e tomárão os Vereadores as varas do Pallio debaixo do qual hia a Rainha na cadeira, e detrás della o Marquez das Minas a cavallo, que a guarda dos Archeiros cobria.

Seguião-se os coches das Damas, e Açafatas Alemaãs, e nesta forma chegou á Collegiada, e se apeou fora da porta, e a receberão com Pallio á porta da Igreja. Da parte de dentro estava huma alcatifa, e chegando a Rainha, o Duque de Cadayal, seu Mordomo-Mór, lhe poz huma almofada para ajoelhar, e beijar a Reliquia, e deitando-lhe agua benta o Cardeal da Cunha Capellão-Mór, se foi a Rainha para o sitial; e depois dos Conegos cantarem o *Té Deum*, e as orações determinadas em semelhantes actos, voltou debaixo do mesmo Pallio até á porta da Igreja, e ficando o Clero, as Reli-

giões se retirárão, e a Rainha entrou na cadeira, acompanhada de toda a Côrte, debaixo do Pallio, e passando pela Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Imagem de grande devoção, fez a Rainha oração, e se recolheo ás casas, que lhe estavão preparadas pelo Aposentador-Mór o Conde de Sant-Iago.

CAPITULO XII.

Retirada das Tropas Portuguezas de Catalunha para Portugal.

Com o Tratado da suspensão de armas, que temos dito, se deo por terra livre passagem a todos os mantimentos necessarios pelo preço do paiz ás Tropas Portuguezas, que servião ao Imperador Carlos VI. em Catalunha; e sendo todo o Tratado executado com boa fé, sahirão as

Tropas dos quarteis a 7 de Janeiro deste mesmo anno. Achando-se doente o Conde de Atalaya D. Pedro Manoel, Mestre de Campo General, veio por este motivo governando as ditas Tropas o General de Batalha D. Pedro de Almeida (depois Conde de Assumar) que começou a dispor tudo para a marcha. Despedido da Imperatriz Izabel, que ainda ficou naquelle Principado, com todas as demonstrações de agradecimento do bom serviço, que assim elle, como as Tropas, com tanta gloria da sua Nação, lhe tinha feito, passou pela posta a Girona, aonde o Marechal de Staramberg, estava bloqueando aquella Praça a despedir-se delle.

Nesta dilatada, e difficil marcha de cento e oitenta legoas mostrou D. Pedro de Almeida com louvor dos inimigos a sua prudencia, que não era menor, que o seu valor, que havia acreditado desde o principio da guerra, em que entrara a servir de poucos annos neste Reino, e depois quando passou a Catalunha

acompanhando seu Pai o Conde de Assumar D. João de Almeida, Embaixador Extraordinario na Côrte de Barcellona, do Conselho d'Estado, onde igualmente desempenhou as obrigações do seu caracter, assim nas occasiões públicas, como nas militares, em oito annos, que durou a sua missão.

Sahirão as Tropas dos quarteis de inverno sendo cada Regimento conduzido até á fronteira por hum dos primeiros Cavalheiros Cataláes; prevenção, que a Imperatriz julgou precisa, e necessaria; porque a ausencia das nossas Tropas era contraria aos interesses dos Cataláes, por se supporem com o Armisticio expostos á indignação d'ElRei Filippe V., e sendo de genio pouco soffridos, e faceis em pegar nas armas por qualquer leve motivo, a menor desordem, que succedesse, ou por falta de viveres, ou por qualquer outro respeito, lhe servia de pretexto para pôrem em sublevação todo

o paiz, cujo dámno evitou a Imperatriz com este expediente.

D. Pedro de Almeida se adiantou á Cerveira para conferir com o General Bracamonte o dia, em que as Tropas Castelhanas havião de sahir daquelle lugar, para entrarem as Portuguezas, e ajustar o modo da sua subsistencia. Alli achou por ordem de Madrid hum Commissario de guerra, chamado D. Francisco Genjo, e hum destacamento de Dragões, que havião de acompanhar as Portuguezas até á raia de Portugal para lhes destinar os quarteis, e prevenir os mantimentos.

No dia 17 chegárão as Tropas a Lerida, e governava aquella Praça o Cavalheiro de Bay, Capitão das guardas Valonas, com patente de Marechal de Campo, o qual fez ao General D. Pedro de Almeida todas as honras militares, e maiores, do que tocavão á graduação do seu posto, mandando-o salvar com vinte e huma peça de artilharia, e pondo-se

na entrada da Praça com o espontão na mão diante das suas Tropas para lhe fazer as cortesias militares, a que o General D. Pedro de Almeida se vio obrigado a corresponder-lhe com a mesma urbanidade, fazendo desfilar as Tropas por diante delle, pondo-se diante dellas com a espada na mão, e mandando, que se lhe abatessem os estandartes, e bandeiras. Depois de o hospedar em sua casa com muita grandeza, e de querer que naquella noite désse o nosso General o Santo, e as ordens na Praça, proseguio no dia seguinte a sua marcha.

Não durou muito esta civil, e cortez correspondencia; porque dalli por diante forão experimentando os Portuguezes o contrario do Commissario de guerra, que ou por máu natural, ou por outro motivo observava fazer a marcha de transito a transito tão dilatada, que algumas vezes durava vinte e quatro horas sem descanço, com o fim de que o

trabalho, cançaço, e molestia do caminho, obrigassem os Soldados a ir ficando atrás, e tomassem partido nas suas Tropas. Accrescentava-se a esta fadiga o máo commodo, a falta de dinheiro, e as estreitas ordens, que o Commissario dava aos paizanos para se não proverem os Porruguezes.

Nas primeiras duas marchas não fez o General de Batalha D. Pedro de Almeida demonstração alguma, suppondo, que seria por não haver toda a commodidade necessaria; mas tanto que percebeo o intento, mudou de resolução.

Chegou a Calpe no Reino de Aragão a 22 de Janeiro, tendo a marcha principiado pela meia noite do dia antecedente por montanhas fragosas, chovendo neve, e fazendo hum tempo tão rigoroso, que nesta marcha morrerão algumas pessoas, e cavallos de frio. Na mesma Cidade estavão dois Regimentos de Dragões Francezes aquartelados, por cu-

ja razão era o alojamento para os Portuguezes mais estreito, e mais desacommodado.

No dia seguinte, em que era preciso fazelos descançar de tão penosa marcha, se puserão por parte dos Francezes mezas públicas pelas ruas com dinheiro, e fardas, convidando a todos para tomar partido, e neste mesmo dia o tomárão quatro Portuguezes, muitos Trombetas, e Atabaleiros, e grande número de criados de Officiaes. Vendo D. Pedro de Almeida esta desordem, e o perigo a que se expunha dalli por diante, se logo a não atalhasse, mandou por hum Official dizer ao Commandante Francez, que hum grande número da sua gente havia tomado partido no seu corpo, convidando-os os seus Officiaes, o que era contra a boa fé do Armisticio, e que se elle, e as suas Tropas havião de ser reputadas por inimigas, que elle procuraria defender-se daquellas hostilidades; porém que esperava da sua prudencia, que elle evitasse o da-

mo, mandando-lhe entregar todos os Soldados, que tinhão tomado partido nas suas Tropas. O Commandante negou, que houvesse Soldado algum Portuguez tomado partido, e com esta frivola escusa mandou o General D. Pedro de Almeida hum Capitão de cavallos com hum destacamento de cincoenta homens atacar a casa, aonde sabia, que estavão alguns refugiados, e os prendeo, e a dois delles se fez logo hum summario pelo Auditor-Geral como a desertores, que tinhão tomado partido nas Tropas inimigas, e se arcabusárão diante dos mesmos Francezes, o que conteve muito aos Soldados dalli por diante para não desertarem. Não foi isto bastante a conter o Commissario de guerra; porque todas as vezes que por qualquer pretexto podia fazer os transitos mais dilatados, o fazia, para que se fossem cançando as Tropas, o que D. Pedro de Almeida dalli por diante atalhou sempre, fazendo aquartelar as Tropas nos lugares, que

achava na marcha, ainda sem chegar ao transito, com o fundamento de que estavão cançadas, e não podião soffrer marcha mais dilatada.

Tanto que as nossas Tropas chegárão a hum lugar não mui distante das vizinhanças de Madrid, mandou a Duqueza d'Aveiro D. Maria de Guadelupe de Lancastre por hum seu Gentil-Homem cumprimentar ao General D. Pedro de Almeida, e offerecer-lhe hum cavallo para a sua pessoa, donde o Commissario de guerra tomou fundamento para fazer á Côrte de Madrid huma queixa calumniosa contra este General, dizendo, que defendendo as Leis de Hespanha com pena de morte a sahida dos cavallos fóra do Reino, hia D. Pedro de Almeida remettendo as suas Tropas com os cavallos Castelhanos.

Fez esta noticia em Madrid grande ruido, e pudera pôr os Portuguezes em grande embaraço. Despachou a Côrte de Madrid logo hum Postilhão á de Lisboa, queixando-se de D. Pedro de Almeida, dizendo,

que elle vinha com as suas Tropas quebrantando as Leis de Hespanha, e as do Armisticio: o que supposto tinha já mandado ordem ao Marquez de Bay, Capitão General da Extremadura, para que reconhecesse as Tropas Portuguezas, e lhe tirasse todos os cavallos, que tivesse reclutado na marcha.

Mandou-se vêr esta materia no Conselho d'Estado, e alguns forão de parecer, que se avisasse logo a D. Pedro de Almeida, que entregasse os cavallos antes que o Marquez de Bay os fosse reconhecer. Outros com maior reflexão disserão, que não parecia possivel, que elle deixasse de escrever sobre semelhante novidade, de que se podia inferir ser falsa a noticia, e que sem chegarem cartas suas, se não devia tomar a ultima resolução. Não podia D. Pedro de Almeida avizar de huma trámoia que ignorava, nem podia prevenir tão maliciosa quimera do Commissario, o qual tendo noticia do bem, que se abraçava em Madrid a sua

representação, se revestio de maior altivez, procurando, quanto podia, arruinar na marcha as nossas Tropas.

Chegárão estas á Cidade de Almagro, grande povoação da Mancha, no dia 24 de Fevereiro, aonde o Commissario tinha disposto, que se não desse quartel ás Tropas. Mandou o General representar ao Intendente da Cidade, que as suas Tropas não traziáo tendas bastantes, e que o ajuste era, se désse coberto ás Tropas nos lugares por onde passassem; e que assim estranhava mais aquella novidade, sendo aquella Cidade das mais espaçosas por onde transitara; mas que elle passava por aquelle descommodo; e mandava logo acampalas na plana junto da Cidade, e era esta semeada de açafrão, o maior commercio daquelle povo: o qual vendo que o General mandava formar as Tropas em batalha, mostrando que as queria acampar naquelle lugar, acodio o povo ao Intendente representando-lhe a ruina,

que se seguia, e logo se facilitárão os quarteis, e entrárão as Tropas nelles.

Como D. Pedro de Almeida visse por experiencia, que mostrando resolução lhe succedia melhor, do que levando as coisas pelos termos da prudencia, resolveo dalli por diante obrar com menor receio. Estava na mesma Cidade de Almagro alojado hum Regimento Castelhano de Dragões, e teve noticia que nelle se achava hum Portuguez, que no anno antecedente tinha desertado do Regimento de Antonio de Miranda; ordenou D. Pedro a alguns Officiaes, que o espreitassem, e que em qualquer rua, que o encontrassem, o prendessem. Assim succedeo, e tanto que os Castelhanos souberão desta prisão, forão a casa do Intendente clamando, que aquella acção era contra o decoro das suas Tropas, e que era quebrantar todas as Leis Militares, e violar as do armisticio.

Foi logo o Intendente com os seus Officiaes a casa do General fa-

zer-lhe a mesma representação, e exaggerando a gravidade do caso: D. Pedro de Almeida, que tinha remettido o prezoao Auditor-Geral para que logo lhe fizesse o summario, e lhe impuzesse a pena dos desertores para os inimigos, respondeo constantemente que elle não quebrantava Lei nenhuma do Armisticio, nem obrava nada contra o direito da guerra, em castigar hum desertor das suas Tropas; e sem dar outra razão, nem esperança ao Intendente, fez proseguir o processo do réo. Finalmente depois de grandes debates, por boa composição convierão os Officiaes Castelhanos com o Intendente, que se fizessem instancias com o General para que ao menos perdoasse a vida ao Soldado; e como isto era o mesmo que o General desejava para sahir deste negocio com menos ruido, difficultando muito o caso, escusando-se com o pretexto de o ter remettido ao Auditor-Geral, vendeo por grande fineza ao Intendente, e aos Officiaes, tomar sobre si o perdoar-

lhe a vida, e assim se concluio este caso, e o Soldado veio para Portugal nas Tropas.

No dia 8 de Março chegárão as Tropas ao Lugar de Dom Bonito, aonde esperava a D. Pedro de Almeida hum Tenente-General Hespanhol da parte do Marquez de Bay, para lhe dar as boas vindas de ter entrado na sua Provincia, e prevenilo, de que, com grande sentimento seu, recebera ordem da sua Côrte para reconhecer as Tropas Portuguezas, e tirar-lhes todos os cavallos, que se tivesse reclutado na marcha, e que bem sabia o que obrigavão os preceitos dos Soberanos: pelo que não estranharia que elle, ainda que contra vontade, os pusesse em execução. Não deo este recado abalo algum ao General, porque ainda no caso de se deixar fazer o reconhecimento, se averiguaria melhor a falsidade daquella noticia, e como estava seguro no que tinha obrado, tratou ao Tenente-Coronel com grande civilidade, e agrado, convidando-

o a jantar, e depois que acabou, deo a resposta ao recado do Marquez de Bay, cheia de muita civilidade, e agradecimento, dizendo: que reconhecia a obrigação, que sua Excellencia tinha de executar as ordens da sua Côrte, e que isto mesmo o persuadiria a que elle se não deixaria reconhecer senão com todo o decóro, para o que esperava a sua Excellencia na testa das suas Tropas, para o receber na mesma forma que Sua Excellencia sabia se deixara reconhecer na batalha de Çaragoça (que havia perdido) e que todas as vezes que Sua Excellencia quizesse, o acharia prompto: e para dar maior impressão ao Tenente-Coronel, em quanto se dilatava naquelle Lugar, chamou logo todos os Coroneis a Conselho, e lhes disse: que elle os convocara para lhes participar a resolução, em que estava de se não deixar reconhecer pelo Marquez de Bay; e que no caso que elle o intentasse por violencia, estava na firme resolução de se defender com as

armas na mão: o que supposto, fossem logo prevenir os seus corpos, e distribuir polvora, e bala aos Soldados, e ao mesmo tempo ordenou, que a bagagem se puzesse em marcha com hum destacamento de Cavallaria pelo caminho mais breve para Portugal, donde já estava pouco distante.

O Tenente-Coronel, que se dilatou dois dias naquelle Lugar, examinou cuidadosamente a verdade sobre o caso, que o Commissario tinha escrito á Côrte de Madrid, e achando tudo falso, o representou ao Marquez de Bay, o qual com esta informação mandou ao Marechal de Campo o Marquez de S. Vicente esperar a D. Pedro de Almeida no Lugar de Almendralejo a dar-lhe huma pública satisfação da injusta conta, que dera o Commissario á Côrte de Madrid, e na presença de todos os Officiaes chamou o dito Commissario, e lhe lêo a mesma carta original, que elle escrevera á Côrte, e lhe perguntou a razão porque a es-

crevera sendo t[illegible] falso, o que ella continha; ao que elle convencido, e envergonhado nada pode responder; e depois de reprehendido públicamente com termos asperos, e injuriosos, pedio ao General D. Pedro, que lhe perdoasse, dizendo-lhe, que o tal Commissario estava muito malquisto antecedentemente em Madrid, e que entendendo que por aquelle caminho fazia serviço de se mostrar zeloso, e vigilante, cahio naquelle absurdo, entendendo, que se não poderia averiguar. O General D. Pedro de Almeida pedio ao Marquez de S. Vicente, com vivas expressões, que por aquelle caso não succedesse nenhum mal ao Commissario; porque elle não pertendia mais satisfação, do que a que tinha recebido; e pouco depois escreveo ao Marquez Grimaldi, Secretario do Despacho Universal da Côrte de Madrid, e ao Secretario d'Estado Diogo de Mendonça Côrte-Real, dando-lhe conta da averiguação, que tinha feito, louvando muito a prudencia de D. Pedro

de Almeida, e a grande disciplina, com que conduzira as Tropas por toda a Hespanha.

O Marquez de Bay, para fazer mais plauzivel aquella satisfação, tinha mandado com o Marquez de S. Vicente os seus Conselheiros, e a sua baixella de prata, para que naquelle Lugar se preparasse hum magnifico jantar para o nosso General, e mais Officiaes maiores, a quem convidou o Marquez, significandolhes o sentimento, que o Marquez de Bay tinha de não poder assistir, por lhe não ser possivel sahir de Badajoz. D. Pedro de Almeida se deteve naquelle lugar mais hum dia com as Tropas para poder corresponder com o mesmo convite ao Marquez de S. Vicente, e aos Officiaes, que com elle vierão, e ao mesmo Commissario; e por estar já mui vizinho de Portugal, despachou pela posta ao Capitão Damião Borges, dando conta de tudo o que tinha succedido, e representando a ElRei, que, sem embargo daquelle caso, lhe parecia

conforme á grandeza de Sua Magestade, se désse hum regalo ao Commissario pelo trabalho de ter conduzido as Tropas, e ElRei lhe mandou dar huma grande ajuda de custo.

Finalmente a 16 de Março chegárão as Tropas a Olivença, dando fim áquella penosa, e dilatada marcha no rigor do Inverno, por montanhas asperas, e fragosas, cobertas de neve, por chuvas, e inclemencias, com os mais descommodos acima referidos.

Compunha-se este corpo de Tropas de cinco Regimentos de Cavallaria, que erão o de Antonio de Miranda Henriques, o de Jacintho Borges de Castro, o de D. Diogo Manoel, o de Antonio da Cunha Souto-Maior, e o de André de Azevedo, que fazião quinze esquadrões, com o número de dois mil cavallos, e de mais de quatrocentos desmontados da Cavallaria em hum batalhão, e o Regimento de Infanteria de Alvaro Pereira de Lacerda.

CAPITULO XIII.

Tratado de paz entre Sua Magestade Christianissima, e Sua Magestade Portugueza concluido em Utreck a 11 *de Abril de* 1713.

Dom João por Graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, daquem, e da lém mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, e Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, etc. Faço saber aos que esta minha Carta de approvação, confirmação, e ratificação virem, que havendo todas as Potencias, que concorrerão para a presente guerra, concordado em que na Villa de Utrech se formasse hum Congresso de todos os Plenipotenciarios dellas, para nelle se conferir os pontos, e meios proporcionados, para pôr fim ás hostilidades, e damnos

que a mesma guerra causava; e assistindo no dito Congresso pela parte do muito Alto, e muito Poderoso, e Christianissimo Principe Luiz XIV. Rei de França, e de Navarra meu bom Irmão, e Primo, os seus Plenipotenciarios; e pela minha os meus, de que abaixo se faz menção, concordárão, e ajustárão hum Tratado de paz entre as Côroas de França, e Portugal, pela maneira seguinte:

Em nome da Santissima Trindade.

Havendo a Providencia Divina disposto os animos do Muito Alto, e Muito Poderoso Principe Luiz XIV. pela graça de Deos Rei Christianissimo de França, e de Navarra, e do Muito Alto, e Muito Poderoso Principe D. João o V. pela graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves; a contribuir para o socego da Europa, fazendo cessar a guerra entre os seus Vassallos; e desejando Suas Magestades não sómente estabelecer;

mas estreitar ainda mais a antiga paz, e amizade que sempre houve entre a Côroa de França, e a Côroa de Portugal, a este fim derão plenos poderes aos seus Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios; a saber Sua Magestade Christianissima ao Senhor Nicoláo Marquez de Huxelles, Marechal de França, Cavalleiro das Ordens d'ElRei, Lugar Tenente General no Governo de Borgonha; e ao Senhor Nicoláo Mesnager, Cavalleiro da Ordem de S. Miguel: e Sua Magestade Portugueza ao Senhor João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, Senhor das Villas de Tarouca, Lalim, Lazarim, Penalva, Gulfar, e suas dependencias, Commendador de Villa Cova, do Conselho de Sua Magestade, e Mestre de Campo General dos seus Exercitos; e ao Senhor D. Luiz da Cunha, Commendador de Santa Maria de Almendra, e do Conselho de S. Magestade; os quaes concorrendo no Congresso de Utrech, depois de implorarem a assistencia Divina, e

examinarem reciprocamente os ditos plenos poderes, de que se ajuntárão cópias no fim deste Tratado, convierão nos Artigos seguintes:

I.

Haverá huma paz perpetua, huma verdadeira amizade, e huma firme, e boa correspondencia entre Sua Magestade Christianissima, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, todos seus Estados, e Vassallos de huma parte, e Sua Magestade Portugueza, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, todos seus Estados, e Vassallos da outra, a qual se observará sincera, e inviolavelmente, sem permittir que de huma ou outra parte se commetta alguma hostilidade em qualquer lugar, e debaixo de qualquer pretexto que for. E succedendo ainda por caso não previsto fazer-se a menor contravenção a este Tratado, esta se reparará de huma, e outra parte de boa fé, sem dilação, nem difficuldade, e os

aggressores serão castigados, ficando o presente Tratado em toda a sua força.

II.

Haverá de huma, e outra parte inteiro esquecimento de todas as hostilidades, que até aqui se fizerão, de sorte que todos, e cada hum dos Vassallos da Côroa de França, e da Côroa de Portugal, não possão allegar reciprocamente as perdas, e damnos recebidos nesta guerra, nem pedir satisfação delles por via de Justiça, ou por outro qualquer modo.

III.

Todos os prisioneiros de guerra, feitos por huma, e outra parte, se restituirão promptamente, e se porão em liberdade sem excepção, e sem que se peça coisa alguma pelo seu troco, ou despezas.

IV.

Se succedesse que nas Colonias, ou outros Dominios das sobreditas Magestades fóra da Europa, se houvesse tomado de huma ou outra parte alguma Praça, occupado aquelle Posto, ou levantado algum Forte; de que presentemente não póde haver noticia por causa da grande distancia, as ditas Praças, ou Postos serão restituidos promptamente nas mãos do primeiro possuidor, no estado em que se acharem ao tempo da publicação da paz; e os ditos Fortes novamente edificados serão demolidos, de sorte que as coisas fiquem na mesma fórma em que se achavão antes do principio desta guerra.

V.

Far-se-ha o Commercio no Continente de França, e de Portugal, da mesma maneira que se fazia antes da presente guerra, bem entendi-

do, que por este Artigo se reserva cada huma das partes liberdade de regrar as condições do dito Commercio por hum Tratado particular, que se poderá fazer nesta materia.

VI.

Os mesmos Privilegios, e Isenções, que lograrem os Vassallos de S. Magestade Christianissima em Portugal, se darão aos Vassallos de S. Magestade Portugueza em França; e a fim de contribuir mais para o adiantamento, e segurança dos Mercadores das duas Nações, se lhes acordarão Consules reciprocamente, com os mesmos Privilegios, e Isenções, que os Consules de França costumavão ter em Portugal.

VII.

Será permittido reciprocamente assim aos Navios de guerra, como mercantis, entrar livremente nos Portos da Côroà de França, e naquelles

da Côroa de Portugal, onde costumavão entrar d'antes, com tanto que os de guerra não excedão o número de seis ao mesmo tempo nos Portos maiores, e de tres nos menores: e se acaso chegarem Navios de guerra de huma das duas Nações em maior número a algum Porto da outra, não poderão entrar nelle, sem pedir licença ao Governador, ou ao Magistrado; e succedendo, que levados de alguma tormenta, ou constrangidos de outra alguma necessidade, venhão a entrar no dito Porto sem pedir licença, serão obrigados a dar logo aviso ao Governador, ou Magistrado da sua chegada: e se não poderão dilatar mais que o tempo que lhes fôr permittido, abstendo-se entretanto de fazer coisa alguma, que redunde em damno do dito Porto.

VIII.

A fim de prevenir toda a occasião de discordia, que poderia haver entre os Vassallos da Côroa de Fran-

Sa, e os da Cõroa de Portugal, Sua Magestade Christianissima desistirá para sempre, como presentemente desiste por este Tratado pelos termos mais fortes, e mais authenticos, e com todas as clausulas que se requerem, como se ellas aqui fossem declaradas, assim em seu nome, como seus Descendentes, Successores, Herdeiros, de todo, e qualquer direito, e pertenção que póde, ou poder sobre a propriedade das terras chamadas do = Cabo do Norte = até o Rio das = Amazonas entre o de = Japoc = e o de = Vicente Pinsõn = os de reservar, e ficar porção alguma das ditas terras para que ellas sejão possuidas em diante por Sua Magestade, seus Descendentes, com todos os seus Herdeiros, Poder absoluto de Soberania, Posse, como parte do seu Dominio, como lhe fiquem pertencendo, e lhe fiquem pertencendo, sem que Sua Magestade, seus Descendentes, e Herdeiros

çã, e os da Côroa de Portugal, Sua Magestade Christianissima desistirá para sempre, como presentemente desiste por este Tratado pelos termos mais fortes, e mais authenticos, e com todas as clausulas que se requerem, como se ellas aqui fossem declaradas, assim em seu nome, como de seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, de todo, e qualquer direito, e pertenção que póde, ou podera ter sobre a propriedade das terras chamadas do = Cabo do Norte = e situadas entre o Rio das = Amasonas = e o de = Japoc = ou de = Vicente Pinsão = sem reservar, ou reter porção alguma das ditas Terras, para que ellas sejão possuidas daqui em diante por Sua Magestade Portugueza, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, com todos os direitos de Soberania, Poder absoluto, e inteiro Dominio, como parte de seus Estados, e lhe fiquem perpetuamente, sem que Sua Magestade Portugueza, seus Descendentes, seus Successores, e Herdeiros possão

jámais ser perturbados na dita posse por Sua Magestade Christianissima, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros.

IX.

Em consequencia do Artigo precedente, poderá Sua Magestade Portugueza fazer reedificar os Fortes de = Araguari = e = Camaú = ou = Massapa = e os mais que forem demolidos em execução do Tratado Provisional feito em Lisboa aos 4 de Março de 1700, entre Sua Magestade Christianissima, e Sua Magestade Portugueza ElRei D. Pedro o II. de gloriosa memoria: o qual Tratado Provisional em virtude deste fica nullo, e de nenhum vigor como tambem será livre a Sua Magestade Portugueza fazer levantar de novo nas Terras, de que se faz menção no Artigo precedente, os mais Fortes que lhe parecer, e provelos de tudo o necessario para a defensa das ditas Terras.

X.

Sua Magestade Christianissima reconhece pelo presente Tratado, que as duas margens do Rio das = Amasonas = assim = Meridional, como Septentrional = pertencem em toda a Propriedade, Dominio, e Soberania a Sua Magestade Portugueza, e promette, que nem elle, nem seus Descendentes, Successores, e Herdeiros farão jámais algúma pertenção sobre a Navegação, e uso do dito Rio, com qualquer pretexto que seja.

XI.

Da mesma maneira que Sua Magestade Christianissima desiste em seu nome, e de seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, de toda a pertenção sobre a Navegação, e uso do Rio das = Amasonas = cede de todo o direito, que pudesse ter sobre algum outro Dominio de Sua Magestade Portugueza, tanto

na America, como em outra qualquer parte do mundo.

XII.

E como he para recear que haja novas dissensões entre os Vassallos da Côroa de França, e os da Côroa de Portugal, com a occasião do Commercio, que os moradores de ⩵ Cayena ⩵ podem intentar no ⩵ Maranhão ⩵ e na entrada do Rio das ⩵ Amasonas ⩵ Sua Magestade Christianissima promette por si, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, que não consentirá que os ditos moradores de ⩵ Cayena ⩵ nem quaesquer outros seus Vassallos vão commerciar nos lugares acima nomeados, e que lhes será absolutamente prohibido passar o Rio de ⩵ Vicente Pinsão ⩵ para fazer commercio, e resgatar Escravos nas Terras do ⩵ Cabo do Norte ⩵ como tambem promette Sua Magestade Portugueza por si, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, que

nenhuns dos seus Vassallos irão commerciar a = Cayena. =

XIII.

Tambem Sua Magestade Christianissima em seu nome, e de seus Descendentes, Successores, e Herdeiros promette impedir que em todas as ditas Terras, que por este Tratado ficão julgadas pertencer incontestavelmente á Côroa de Portugal, entrem Missionarios Francezes, ou quaesquer outros debaixo de sua protecção, ficando inteiramente a direcção espiritual daquelles Povos aos Missionarios Portuguezes, ou mandados de Portugal.

XIV.

Desejando sobre tudo Sua Magestade Christianissima, e Sua Magestade Portugueza a prompta execução deste Tratado, de que se segue o descanço de seus Vassallos, ajustou-se, que elle tinha toda a sua

força, e vigor immediatamente depois da publicação da paz.

XV.

Se succeder por algum acontecimento (o que Deos não permitta) que haja alguma interrupção de amizade, ou rompimento entre a Côroa de França, e a Côroa de Portugal, acordar-se-ha sempre o termo de seis mezes depois do dito rompimento aos Vassallos de ambas as partes, para que vendão, ou transportem os seus effeitos, e outros bens, e retirem as suas pessoas onde melhor lhes parecer.

XVI.

E porque a muito Alta, e muito Poderosa Princeza a Rainha da Grã-Bretanha offerece ser garante da inteira execução deste Tratado, e da sua validade, e duração, Sua Magestade Christianissima, e Sua Magestade Portugueza acceitão a sobredita garantia em toda a sua força,

e vigor, para todos, e cada hum dos presentes Artigos.

XVII.

Os ditos Senhores Reis de França, e de Portugal consentem tambem que todos os Reis, Principes, e Repúblicas, que quizerem entrar na mesma garantia, possão fazer promessa, e obrigação a Suas Magestades, em ordem á execução de tudo o conteudo neste Tratado.

XVIII.

Todos os Artigos acima escriptos, e o conteudo em cada hum delles forão tratados, acordados, passados, e estipulados entre os sobreditos Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios dos Senhores Reis Christianissimo, e de Portugal, em nome de Suas Magestades; e elles promettem em virtude de seus plenos poderes que os ditos Artigos em geral e cada hum em particular serão

observados, e cumpridos inviolavelmente pelos sobreditos Senhores seus Amos.

XIX.

As ratificações do presente Tratado, dadas em boa, e devida forma, se trocárão de ambas as partes dentro do termo de 50 dias a contar do dia da assignatura, ou mais cedo se for possivel.

Em fé do que, e em virtude das Ordens, e plenos poderes que nós abaixo assignados recebemos de nossos Amos ElRei Christianissimo, e ElRei de Portugal, assignamos o presente Tratado, e lhe fizemos pôr os Sellos de nossas Armas. Feito em Utrech a 11 de Abril de 1713.

(L. S.) *Huxelles.*
(L. S.) *Mesnager.*
(L. S.) *Conde de Tarouca.*
(L. S.) *Dom Luiz da Cunha.*

CAPITULO XIV.

Publicação da Paz em Lisboa.

No dia 28 de Junho se fez a publicação da paz com grande solemnidade na forma costumada em semelhantes occasiões; porque concorrerão a este acto as Justiças, principiando pelos Alcaides, aos quaes se seguião os Juizes das Propriedades, Civél, e Crime da Cidade, e logo os Corregedores, e mais Ministros, excepto os dois Corregedores do Crime da Côrte. Depois seis Porteiros com maças de prata, os Arautos, Passavantes, e Reis de Armas precedidos pelos Trombetas, e Timbales. Nesta forma se encaminhárão ao Terreiro do Paço, onde o Rei d'Armas de Portugal recebendo huma carta assignada por ElRei a lêo em voz alta no

mesmo lugar ao tempo que ElRei chegou a huma janella do Paço, que cahia para o Terreiro, e depois caminhando com todo este acompanhamento a lêo junto ás escadas da Sé, e no Rocio junto das escadas do Hospital, e ultimamente na rua nova, cuja carta he do theor seguinte:

Dom João por Graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, daquem, e dalém, mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber a todos os naturaes, e Vassallos destes meus Reinos, e Senhorios, que entre mim, e ElRei Christianissimo, meu bom Irmão, e Primo, em virtude dos plenos poderes, que levárão João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, do meu Conselhe de Guerra, e Mestre de Campo General dos meus Exercitos, e D. Luiz da Cunha, do meu Conselho, e meu Dezembargador do Paço, ambos meus Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios, ao Congres-

so da Paz-Geral, que se trata na Villa de Utrech, e dos plenos poderes, que outro sim tinhão os Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios, nomeados pelo dito Senhor Rei Christianissimo, aos onze de Abril deste anno se tratou, capitulou, e assentou firme paz, perpetua amizade, e livre commercio, de que se fizerão Capitulações por elles assignadas, as quaes eu approvei, ratifiquei, e confirmei por huma carta patente, por mim assignada, e sellada com o Sello grande de minhas Armas, cuja paz, e perpetua amizade mando publicar pelo Rei d'Armas de Portugal, e se guarde, e cumpra inteiramente, e a cópia desta dita Carta assignada pelo mesmo Rei d'Armas se publicará por todas as Cidades, Villas, e Lugares do Reino, de que se enviárão Certidões. Dada na Cidade de Lisboa aos vinte e oito de Junho. Jorge Monteiro Bravo a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1713. Diogo de Mendonça Côrte Real o sobscrevi.

ElRei.

Apenas o Rei d'Armas acabava de lêr a Carta applaudião os Trombetas, e Timbales tão agradavel noticia. O Povo descoberto com attenção a ouvia, e com vivas, e demonstrações alegres engrandecião a El-Rei.

CAPITULO XV.

Das gloriosas acções militares obradas no Estado da India, sendo Vice-Rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes em o anno de 1713.

O Reino de Canará, que na Costa da India se extende por espaço de trinta e seis legoas ao Sul da Cidade de Góa, he tão abundante de mantimento commum dos povos d'Asia, que he tido nella por celleiro universal, como a Ilha de Sicilia para muita parte da Europa. Esta commum dependencia que tem as Nações vizi-

nhas deste Reino para o seu provimento, fazia ao Rei do Canará, e a seus Vassallos menos soffridos, persuadindo-se que todos os confinantes necessitavão da sua amizade, e do seu Commercio. Esta sua opinião, em varios tempos, tem dado occasião a que entre o Rei, e o Estado da India houvesse varias desconfianças, as quaes no principio emendava muitas vezes o medo das nossas armadas; e em outras o nosso ferro. Havendo-se porém dissimulado com este Rei muitas desattenções, cobrou a sua ousadia forças, para nos fazer injustiças, e pertender fazer-nos injurias, fallando tão altamente pelas suas Cartas, e pelos seus Embaixadores aos Vice-Reis da India, que parecia queria dar a Lei, e não recebela de nós; quebrantando os Tratados, e ajustes do Commercio, que o Estado havia feito com elle.

Accresceo a tudo isto, que os nossos navios da armada daquella Costa havião tomado hum navio, que vinha da Arabia, com carga de caval-

los para ElRei do Canará, e se justificava a preza por não trazer passaporte nosso, ou cartas (como lhe chamão na India) encargo que os Principes da Azia soffrião, só pelo temor das nossas armadas.

Logo que o Rei teve noticia de se haver aprezado este navio, mandou lançar hum bando, que nenhum Vassallo seu vendesse arroz aos Portuguezes sob pena de morte; entendendo que por este modo nos fazia mais sensivel hostilidade, e nos punha hum apertado assedio; e expedio hum Embaixador ao Vice-Rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes a pedir-lhe a restituição do navio. Mas considerando o Vice-Rei, que a falta do mantimento, com que este Rei nos queria precisar á entrega do navio, e nos pertendia obrigar a que lhe soffressemos outras desattenções, e violencias, se podia remediar por outra via, tirando-o das nossas mesmas terras do Norte, e que a necessidade, e conveniencia daquelle commercio do Canará não estava bem

entendida; porque antigamente, quando naquelle Reino não havia sal, e se lhe levava das nossas terras para se commutar pelo arros, era aquelle negocio util para o Estado, e desta razão da conveniencia em dar sahida ao nosso genero resultava a necessidade daquelle commercio, mas como então já o Canará não necessitava do provimento do sal, por ter introduzido a cultura delle nas suas terras, por mestres, que se lhe passárão das nossas, ficava sendo aquelle commercio damnoso ao Estado; porque era necessario comprar-lhe o arroz com prata, e ouro, extrahindo-se do Estado por este commercio todos os annos immenso dinheiro.

Por estes fundamentos resolveo o Vice-Rei desprezar a apprehensão com que o commum dos moradores de Góa tomavão a guerra com o Canará, receando faltar-lhe o mantimento preciso, e a conveniencia do Commercio. Porém não se fiando só no discurso, e das informações, que muitas vezes claudicão na execução,

antes de emprehender a guerra com o Canará, procurou prudentemente prover com abundancia a Cidade de Góa, tirando o arroz das nossas terras do Norte, para cujo effeito ordenou que os navios mercantes, que negociavão no commercio do arroz, fossem fazelo aos portos das nossas terras do Norte, bem defendidos de embarcações de guerra; e fazendo estes a primeira condução com feliz successo, dispoz que a repetissem segunda e terceira vez.

Tendo já nesta forma provida a Cidade com grande abundancia, ouvio o Embaixador do Canará, que logo depois das costumadas ceremonias e comprimentos propoz a restituição do navio, dizendo, que não trazia commissão para tratar de outra alguma dependencia, não admittindo as queixas, que se lhe fazião pela nossa parte de haverem os Canarás alterado nos annos antecedentes o preço do mantimento aos Mercadores Portuguezes, faltando nisto ao Tratado feito em outras occa-

sões com os Vice-Reis, e em mandar ao presente prohibir a venda aos Vassallos do mesmo Estado.

Entendeo o Vice-Rei, que o Embaixador tinha razões particulares, e de interesse proprio para solicitar sómente a restituição do navio, e dos cavallos, e não accommodar as justas queixas, que tinhamos contra o seu Principe mais que com palavras, que só importavão hum ajuste racionavel, depois de restituida a preza. E querendo o Vice-Rei evitar qualquer destreza, ou má fé, que houvesse no Embaixador (que he muito ordinario nos Ministros dos Reis da Azia, quando se lhes entoja alguma conveniencia propria contra as ordens dos seus Soberanos) escreveo ao Rei de Canará propondo-lhe as justas queixas do Estado, e que estas se podião terminar em beneficio de ambos, observando-se o preço do mantimento já estabelecido, e fazendo-se esta negociação por commutação de generos, e não por ouro, ou prata, como ao presente se fazia,

contra o estilo, e uso antigo; e que no que tocava ao navio, se lhe faria justiça. Esta carta do Vice-Rei acompanhou o Embaixador com outra sua para o mesmo Rei, em que lhe segurava (como depois se soube) que o navio seria restituido, e que podia estar sem temor das nossas armadas, porque em Góa não havia navios com que pudessemos fazer-lhe a guerra.

A reposta do Rei foi como de quem estava persuadido, que não podiamos subsistir sem o seu Commercio, e nos não achavamos com forças capazes de o obrigar a observar as conveniencias que tinha com o Estado; e assim respondeo logo á Carta do Vice-Rei; e foi a reposta tão succinta, e altiva, que não deixou mais lugar que a tomar a ultima resolução de levar pela força das armas o que se não podia conseguir pelos termos suaves da negociação, sendo certo, que com os Potentados da India, e de toda a Azia, só obra ou o interesse, ou o temor. Continha

a Carta do Rei do Canará tão poucas palavras, e tão expressivas da sua resolução, como se houvera aprendido dos Espartanos a brevidade do estilo, e a constancia das resoluções; porque dizia, que restituisse logo o navio aprezado, e a sua carga, e que depois de feita esta restituição, se quizesse outro ajuste, podia mandar á sua Côrte pessoa com quem se tratasse, e que a ouviria.

Resolvida pois a guerra, como indespensavel ás conveniencias, e reputação do Estado, mandou o Vice-Rei armar sete embarcações de guerra, que juntas com quatro, que havião chegado comboiando a frota, que havia ido terceira vez a conduzir do Norte o mantimento, fazião onze, entre fragatas ligeiras, palas, e galeotas, de que erão Capitães de mar e guerra D. Francisco de Alarcão, Antonio Cardim Froes, Thomé Mesquita de Moraes, Antonio dos Santos, Bernardo Leitão, Gonçalo da Silva Ferrão, Diogo Alvares, João de Macedo, Antonio dos Reis,

Antonio Martinz, e José Barbosa, que hia na Galiota Capitania.

Nestes navios se embarcárão trezentos e cincoenta homens de desembarque, e entre elles muitos Officiaes, que fazião este pequeno corpo mais consideravel pela qualidade, que pelo número. Para mandar esta empreza com o titulo de Capitão-Mór escolheo o Vice-Rei a José Pereira de Brito, Cabo de conhecido brio, e valor, que havia acreditado em muitas occasiões; e foi esta eleição a que segurou o bom successo da empreza, e em que o Vice-Rei mostrou a sua grande prudencia, e dezejo de acertar; porque sem attender ás qualidades extrinsecas, que só tem huma superficie especiosa, e que costuma muitas vezes enganar o conceito de quem elege, fundando-se principalmente nestas exterioridades, sem attender a ellas, escolheo hum Cabo, em que a experiencia tinha qualificado os requisitos necessarios para huma acção de tanta importancia; e chamando-o á sua presença,

lhe disse a confiança, que fazia da sua pessoa, fiando delle o bom effeito daquella empreza, em que hia involvida a conveniencia do Estado, e a propria reputação delle Vice-Rei, por ser a primeira facção militar do seu governo, proferindo-o a muitos Cabos capazes daquelle empenho, recomendando-lhe que bastava obrar com a resolução que os antigos Portuguezes obrárão na primitiva Conquista daquelle Estado.

Erão 15 de Janeiro do presente anno quando esta esquadra sahio da barra de Góa, e aos 18 chegou ao Rio de Cumutá, primeiro porto do Reino de Canará, em que estavão onze embarcações dos Naturaes; e porque a terra era aberta, e sem resistencia, pareceo não dar principio á guerra por acção tão débil, nem despertar ao inimigo com tão pequena hostilidade. Mas porque era conveniente queimar as embarcações, para se effectuar, sem que os Canarás entendessem se lhes rompia a guerra, foi preciso reputalas por navios

do Angriá, que era hum Potentado, com quem o Estado estava em guerra; e com este pretexto se lhe poz fogo, e arderão todos, sem embargo dos protestos, que fazião os Canarás, que erão suas, e não do Angriá.

Deste porto do Cumutá foi correndo a esquadra até Onor, e não obstante ter esta barra a melhor fortaleza, que há na Costa do Canará, posta ao lume da agua, com boa artilharia, e se achar neste tempo bem presidiada, resolveo o Capitão-Mór saltar em terra, sem embargo das grandes difficuldades, que se representárão no exame, que fez pessoalmente logo que chegou defronte daquelle porto. Porém ao mesmo tempo que se havia dar principio a esta operação, se avistárão ao mar tres Náos, que foi preciso ir reconhecer, as quaes se achárão serem de Arabios, que supposto erão do Congo, com quem o Estado estava em paz, e trazião passaportes, como a carga era de cavallos, que se entendeo ser de

contrabando, as mandou deter o Capitão-Mór, e conduzir para Angediva pelo pataxo de D. Francisco, e Galeota de Gonçalo da Silva, para dalli serem conduzidas a Góa.

Com esta occasião discorrerão os nossos navios a barra de Onor, e o Capitão-Mór desistio daquella empreza, por ter já outra á vista, que a de Barcelor, sobre cuja barra se achava. Mandou logo aos Capitães das duas palas menores, que debaixo de todo o risco entrassem no porto, e elle com a gente os seguia nos bateis, e embarcações pequenas. Das palas se bateo tão furiosamente a fortaleza, que veio a terra hum lanço de muralha, por não ser terra plenada, e os nossos Soldados desembarcárão com tanto impeto, que forão assolando tudo, e queimando povoações inteiras de huma e outra banda do Rio; e durou este incendio do pôr do Sol até amanhecer, tempo largo para se consumirem os edificios, em razão da materia de que erão fabricados: e arderão tambem

no Rio dez parangues, huma galeota, e huma Náo de alto bordo.

Em quanto isto se obrava, teve noticia o Capitão-Mór, que de traz de huma ponta, que fazia a terra, estava huma bateria guarnecida de gente, e artelharia, e sem demora a foi investir com a espada na mão, e cento e cincoenta homens escolhidos, e a entrou, e rendeo com a morte de muitos dos defensores. Poz-se fogo á povoação, que era grande, e rica, e tambem arderão dez embarcações entre maiores e menores. A perda mais importante foi a de muitos armazens cheios de provimentos, e carga para muitos navios, por ser a terra de muito commercio, aos quaes se poz o fogo, sem escapar coisa alguma do incendio; porque o Capitão-Mór, por evitar as desordens, que costuma trazer comsigo a ambição do roubo em praças rendidas, havia mandado lançar bando sob pena de morte, que nenhum Soldado salvasse nada do incendio, e a tudo se puzesse o fogo; e assim fez só-

mente recolher para a armada a artilharia da fortaleza, e da bateria, mostrando por este modo ao Canará, e aos mais Asiaticos, que a Nação Portugueza he mais ambiciosa de honra, que de interesse, e que dos Principes da Azia querião antes o respeito, que as riquezas.

Depois desta acção tão gloriosa, passou o Capitão-Mór a Calianapor, outro porto do Canará, o qual tinha na entrada huma fortaleza com sete baluartes, que ainda que pequenos estavão bem providos de artilharia, e de gente; e supposto que delles se fazia fogo incessantemente, por entre elle passárão as nossas embarcações pequenas, por não haver fundo para as grandes; e ordenando o Capitão-Mór ao Capitão Antonio Cardim, que com cincoenta homens fosse pôr o fogo aos navios, que estavão no Rio, o executou com grande promptidão e valor, e o Capitão-Mór com toda a mais gente desembarcou em terra, e destruindo tudo já com o ferro, já com o fogo. Ha-

vendo-se gastado o dia todo neste estrago sómente, sem se assaltar a fortaleza, pareceo conveniente tornar a embarcar a gente, para descançar do trabalho. Mas por não deixar de todo a noite sem manobra alguma, fez o Capitão-Mór, que o Condestavel da Capitania, acompanhado de hum sufficiente número de escravos do mesmo Capitão-Mór, fosse na mesma noite por outro braço do Rio a queimar hum navio grande, que nelle estava, e alguns parangues, o que felizmente se conseguio, ardendo estas embarcações todas até ás quilhas; e a povoação, que se estendia pela marinha, padeceo tambem o mesmo estrago.

No dia seguinte ainda mal declarada a luz da manhã, desembarcou o Capitão Mór com toda a gente, e formando de ametade della tres pequenos corpos, ordenou que estes se puzessem ao largo da fortaleza em proporcionadas distancias entre si, para que, sendo-lhes necessario, se pudessem soccorrer reciprocamente,

e rebatessem aos inimigos, se quizessem soccorrer a fortaleza, e impedir o assalto; e elle com a outra ametade a foi avançar, sem lhe deter o passo o muito fogo que della fazia o inimigo, e arrimando-se ao muro com lanças de fogo o pegárão os nossos nos reparos, e cobertas, que costumão ter nos baluartes os Asiaticos. Vendo os Canarás que a sua defensa se tinha mudado no seu maior perigo, desamparárão a muralha; e o Capitão Thomé de Mesquita de Moraes, que havia sido o primeiro, que havia saltado em terra, foi tambem o primeiro que montou o muro. Deo-se logo ordem a recolher a artilharia para os navios, e se poz o fogo aos edificios, que havia dentro, e fora da fortaleza, a qual se não desmantelou de todo, porque faltárão os instrumentos, e porque o valor do animo em hum tão pequeno numero de gente não podia supprir as forças corporaes, de que necessitava aquella demolição.

Finda esta acção, e achando-se

o Capitão-Mór com a sua armada defronte de Catapal, outro porto do Reino do Canará, se lhe vierão incorporar D. Francisco de Alarcão, e Gonçalo da Silva, que tinha ido a Angediva a comboiar as Náos Arabias; e avaliando estes dois Capitães por grande infortunio seu não haverem participado do perigo, e da gloria das facções antecedentes, pertenderão se lhes désse a elles sómente, e á sua gente o emprego de destruir aquelle porto; mas foi preciso aggregar-se lhes o Capitão Bernardo Leitão, e o Condestavel da Capitania, com quarenta escravos, que fez hum corpo separado; e os tres Capitães de cento e cincoenta Soldados fizerão dois troços, hum mandado pelos Capitães D. Francisco, e Gonçalo da Silva; e o outro pelo Capitão Bernardo Leitão. Investindo cada hum destes troços pela sua parte, forão destruindo, e pondo fogo a tudo, penetrando o paiz por espaço de mais de duas legoas; e não lhes escapando, nem na terra, nem no

Rio nada do que podia servir de alimento á voracidade do fogo. Durou o estrago tudo o que durou o dia, e já de noite se recolheo a nossa gente ás embarcações.

Destruido este porto, e assolada a sua campanha, navegou a nossa esquadra para o de Molequim, e deixando o Capitão-Mór a guarnição necessaria nos navios maiores, se embarcou nas lanchas, e galvetas, com todos os Cabos, e Officiaes de guerra, e a melhor gente que trazia de desembarque, e antes de saltar em terra, vierão dois Indios com bandeira branca, os quaes entregárão ao Capitão-Mór duas Cartas, huma do Governador de Mangalor, e outra do Feitor Portuguez, que assiste naquelle porto; ambas encaminhadas a persuadir ao Capitão-Mór, a que, deixado o furor das armas, se procurasse do Rei a satisfação das nossas queixas, para a qual dizião estar prompto. Os mesmos mensageiros das Cartas disserão, que o Governador de Molequim estava disposto para dar tudo

o que se lhe pedisse, por evitar a hostilidade; e dizendo-se-lhe, que a rasgataria com doze mil Xarafins, e que mandasse logo quem fizesse o ajuste, affectou o Governador taes cautelas, e demoras, que se entendeo era tudo dirigido a ganhar tempo para que lhe viesse soccorro de gente de Mangalor, porto principal da Costa, e muito vizinho.

Mostrou o successo, que este discurso não fora errado; e querendo o Capitão-Mór anticipar-se ao soccorro, dispoz, que visto ter-se gastado o dia nestas dilações cavilosas, passada a noite, com a primeira luz do dia se fizesse a invasão em terra; mas logo na mesma noite se poz o fogo ás embarcações, que estavão no Rio, e aos edificios, que se estendião pela margem. Adiantando-se as nossas embarcações na mesma noite para fazerem o desembarque mais proximo á povoação, á primeira luz do dia, ainda mal descoberta, o executárão; e ao saltar em terra advertirão, que o fazião de baixo da artilha-

ria de huma fortaleza, que guardava o porto, e quasi sem interpolação, se virão investidos por quinhentos homens, sendo os nossos, que sómente tinhão desembarcado, cincoenta. Não obstante o grande furor dos inimigos, e o seu Commandante os animar com vozes, e com o exemplo, o que os Soldados bem imitavão, foi tal o valor, e o brio dos nossos cincoenta Soldados, que depois de huma larga, e porfiada contenda, morto o Commandante, e o grande número dos inimigos, forão estes cedendo o campo, e os nossos Soldados em seu seguimento; porque tambem lhes servião de escudo em quanto estavão debaixo do canhão da fortaleza; a qual por não offender os seus, que estavão involtos com os nossos, se não atreveo a jogar com a artilharia. Mas fazendo alto os nossos Soldados, cobertos já da artilharia da fortaleza, havendo perdido tres no conflicto, além de vinte e dois, que estavão feridos, se recolherão aos bateis, senhores da campanha, e dalli aos na-

vios, acabando primeiro de pôr o fogo ao que havia ocultado a escuridade da noite.

Proseguindo a nossa armada a sua navegação, chegou a Mangalor, e logo da terra lhe veio huma carta do nosso Feitor, que estava prezo, em que pertendia dissuadir o Capitão-Mór da entrada do porto, e invasão da terra, representando o grande risco que emprehenderia, e o pouco fructo, que podia tirar desta operação; porque a terra estava despejada de todo o precioso, e guarnecida com quatro mil homens, e toda a marinha com trincheira, e huma fortaleza bem provida de artilharia sobre a barra. Não obstante estas difficuldades, que se tiverão por suspeitosas, e encarecidas, e que o nosso Feitor, por estar prezo escreveria o que se lhe dictasse; resolveo o Capitão-Mór entrar a barra, o que se executou com todos os navios da esquadra, pelo soffrer o fundo do porto. A' vista das difficuldades, não parecerão affectadas as noticias do Feitor,

como se suppunha; porque ao entrar da barra começou a fortaleza a jogar furiosamente contra os navios, dois dos quaes, que havião sido destinados para este effeito, e erão os que mandavão os Capitães Antonio Cardim, e Thomé de Mesquita, se puzerão a bater os parapeitos, e muralhas da fortaleza, e lhes fizerão grande damno; e durando esta bataria dois dias, sem cessar, ao terceiro, não podendo já os inimigos soffrer o damno, que lhes faziamos em hum baluarte, puzerão nelle o nosso Feitor, pertendendo lhe servisse de defensivo ao nosso fogo; porém não lográrão o fructo que esperavão; porque a nossa artilharia continuou com maior vigor.

Considerado porém o pouco poder, com que nos achavamos para fazer o desembarque, porque para deixar os navios sufficientemente guarnecidos, não podiamos tirar delles mais que duzentos Soldados; e attendendo a que o Vice-Rei recommendava ao Capitão-Mór não emprehen-

der acção; que fosse evidentemente temeraria, e arriscada, resolveo dár ouvidos á proposta dos Canarás, que persuadião, e offerecião, que o seu Rei estava prompto para ajustar a paz com conveniencias, e credito do Estado. Vivendo no interior do Reino, foi preciso avisallo, e entretanto fazer huma suspensão de armas, a qual durou poucos dias; porque o inimigo nos quiz impedir fazer agoada dentro do porto, e foi preciso tornar á batasia, e mandar queimar huma Náo grande do Rei, que estava no Rio, donde sahio a nossa esquadra sem damno consideravel para fazer agoada em humas Ilhas de fóra. Repartindo-se os navios pela Costa, se continuou nella com toda a hostilidade, impedindo aos Canarás todo o genero de Commercio, de que os povos, e o Rei recebêrão gravissimo damno.

Era já meado de Abril, tempo em que a esquadra se devia recolher; e porque o Rei, ainda que pertendia ajustar-se, não acabava de concluir

o ajuste, ordenou o Vice-Rei ao Capitão-Mór, que se recolhesse a segurar a Lua em Angediva, ou na enseada das Galés, e de caminho destruisse Comutá, Goecorna, e Mirseo; e como estes portos não esperavão semelhante castigo já naquella conjunctura, foi nelles maior o estrago, pela muita fazenda a que se poz o fogo; e o que se fez mais sensivel para estes barbaros Idolatras, foi a destruição de hum pagode, ou templo dos seus idolos, que era o de maior veneração entre elles.

Com a ordem do Vice-Rei se recolheo a esquadra a Angediva, e depois a Góa, havendo posto a ferro, e fogo quasi toda a marinha do Reino de Canará, que se estende por espaço de trinta e seis legoas, em que se queimárão oitenta e dois navios, entre grandes, e pequenos; e os mesmos Canarás avaliárão o estrago em cinco milhões de pagodes, e confessárão, que perdêrão mais de seiscentos homens, mortos ao nosso ferro; porque nunca os inimigos largavão

o posto, senão depois de huma porfiada resistencia.

Estes gloriosos successos nos custárão doze Soldados, mortos nos conflictos, e poucos mais de trinta feridos; mas o maior desconto desta felicidade foi a morte do Capitão-Mór, que chegou a Góa já tão enfermo, que em breves dias morreo. Foi José Pereira de Brito natural da Villa de Coura, filho de Pais honrados, e as travessuras da mocidade o trouxerão a Lisboa, onde se affeiçoou ao serviço do mar, e aprendendo nas viagens do Brazil a arte maritima, passou á India por marinheiro. Mas como o valor, e brio natural o convidavão para a guerra, e visse, que naquelle governo, (que todo he militar) podia ter emprego proprio a sua inclinação, se deixou ficar nelle, e mostrou na guerra do Angriá tal resolução, que se deo bem a conhecer. Indo por Capitão-Tenente ao soccorro de Mombaça, que estava sitiada, ficou naquella fortaleza, a qual por morte do Castellão Luiz de

Mello de Sampaio, governou; e defendeo hum anno, obrigando o inimigo com vigorosas sortidas a que alargasse o sitio, e reduzisse a hum bloqueio o que dantes era oppugnação; e nesta forma continuou até que teve successor. Voltando á India foi Almirante de huma Esquadra, e Capitão-Mór de Manora, e ultimamente da Costa do Sul, na empreza que deixamos referida; mostrando em todos os seus empregos, que a Nação Portugueza, ainda sem o estimulo de hum illustre nascimento, sabe obrar acções, que podem illustrar as familias mais esclarecidas, como veremos entrando na guerra dos nossos dias. Logo que o Vice-Rei soube ter chegado a Góa o Capitão-Mór, lhe mandou hum Alvará de Fôro de Fidalgo, e huma Portaria para a melhor Aldea que estivesse vaga no Norte, que são as Commendas com que na India se remunerão os maiores serviços.

Com estas hostilidades tão sensiveis, que padeceo toda a Costa do

Reino do Canará, e com o impedimento do seu Commercio, e o desengano de que o Estado podia subsistir sem os frutos dos seus naturaes, se resolveo o Rei a mandar pedir a paz ao Vice-Rei por hum Embaixador, o qual chegou a Góa no mez de Janeiro do anno seguinte de 1714. Fez a sua entrada pública com a solemnidade, que alli se praticava com os Ministros dos outros Principes Orientaes; mas como o Vice-Rei não podia deixar de antepor a tudo o despacho da Náo que havia de partir para o Reino, por ser chegada a monção da viagem, se suspendeo entretanto a negociação. Expedida a Náo, se deo logo principio ás conferencias, nas quaes se forão ajustando algumas dúvidas, que havia entre o Estado, e aquella Corôa, e as condições com que se devia restabelecer a paz. A condição, que encontrou maior repugnancia da parte do Embaixador, foi a de haver de pagar o Rei seu amo os gastos da guerra, parecendo-lhe duro, que fizesse esta des-

peza mais, depois de haver recebido tantas ruinas, e satisfazer com o seu desembolso os mesmos instrumentos do seu estrago. O Vice-Rei ainda que tambem desejava a conclusão da paz; porque depois de castigadas as insolentes desattenções daquelle Rei, nenhum interesse tinha o Estado em continuar a guerra; usou de huma destreza politica para obrigar ao Embaixador a convir nesta proposta.

Mandou preparar com pressa as embarcações, que se achavão no porto de Góa, e fez correr huma voz em segredo, de que todos aquelles aprestos se dispunhão para continuar os destroços do Canará. O Embaixador ignorante da materia, e consternado com a noticia, discorreo que era menos pezada ao Reino a contribuição de trinta mil xerafins, em que se avaliavão os gastos, que para aquella guerra se fizerão, do que huma segunda invasão das nossas armas; e vendo que o Vice-Rei não desistia do empenho em que estava, antes se resolvia a continuar a guerra, a qual,

ou se fizesse tomando embarcações, e destruindo a Costa, ou bloqueando-lhe os portos para lhes impedir o interesse do Commercio, e a extracção do seu arroz (unico genero de que abunda aquelle paiz, e donde os seus Estados vizinhos se provem para o seu sustento) sempre era de maior prejuizo para o Rei, e para os Vassallos, se resolveo a ceder, e convir no projecto do Vice-Rei. Vencida esta difficuldade, se ajustárão os mais artigos, e se formou o Tratado de paz debaixo das clausulas, e condições, que se expressão nos Capitulos seguintes.

Tratado de paz, amizade, e alliança concluido, e feito na Cidade de Góa em 19 do mez de Fevereiro de 1714, entre o Excellentissimo Senhor Vasco-Fernandes Cesar de Menezes, Vice-Rei, e Capitão-General do Estado da India, e Quellady Bassavapa Nayque, Rei do Canará, por Caddaxe Damarse Parobu, seu Embaixador Extraordinario, com as condições abaixo declaradas.

Aos 19 de Fevereiro de 1714 nos Paços da casa da polvora, em presença do Excellentissimo Senhor Vasco Fernandes Cesar de Menezes, do Conselho d'Estado de Sua Magestade, Vice-Rei, e Capitão-General da India, sendo presentes os Conselheiros, que assistem ao dito Senhor; a Saber: João Rodrigues da Costa, Vedor-Geral da Fazenda; o Inquisidor Manoel Seraiva da Silveira; D. Luiz da Costa, Mestre de Campo do Terço da guarnição de Góa; D. Christovão Severim Manoel, Capitão da mesma Cidade; e João Borges Côrte Real; e sendo tambem presente Caddaxe Damarse Parobu, Embaixador de Quellady Bassavapa Naique, Rei do Canará, se declarou que elle fóra mandado da parte do seu Rei á presença do Excellentissimo Senhor Vice-Rei com a commissão, e poderes de ajustar a paz com o Estado; e depois de varias conferencias sobre algumas dúvidas, que se offerecêrão de parte a parte, se tomou por ultimo acordo, que se ajustasse a paz,

que o Rei de Canará pedia com as condições seguintes.

Condições a favor do Estado.

I.

Primeiramente, que o Rei de Canará per si, e por seus sucessores, será sempre leal, e fiel amigo do Estado da India, amigo de amigos, e inimigo de inimigos, e dará toda a ajuda, e favor ao Estado para as guerras que tiver, quando lho pedir.

II.

Que o Feitor de Mangalor, e o Padre Vigario, serão Juizes nas causas dos Christãos, ou sejão entre os mesmos Christãos, ou entre Christãos, e Gentios; e aonde não puder chegar a jurisdicção do Feitor, serão Juizes os Padres, que assistem em qualquer dos portos, ou terras do Rei de Canará; e no caso que o deferimento não seja justo, as partes

se queixarão a este Governo, para lhes mandar deferir com justiça; e em nenhum caso os Governadores, e Tanadores tomárão conhecimento dos deferimentos do Feitor, e Vigarios.

III.

Que as mulheres Christãs, que forem comprehendidas na sensualidade, serão entregues ao Feitor para as remetter a Góa, e se lhes dar o castigo, que merecerem, e não serão prezas, e captivas pelo Armaná.

IV.

Que o Rei de Canará, nem seus Vassallos poderão comprar filhos de Christãos, nem terem-nos por captivos; e da mesma sorte aos filhos, e mulheres dos Soldados Christãos, que servem nas Fortalezas, por dividas de seus Pais, e maridos.

V.

Que o Rei de Canará não consentirá que os Christãos de Góa, ou de outra qualquer parte do Estado, tomem casta com as Gentias; e quando o fação, poderão os Parochos prendellos, e remettellos para Góa; e nem por este, nem por outro qualquer caso poderão os Governadores, ou Tanadores do dito Rei prender alguns dos nossos Padres em Fortalezas, nem outra qualquer prizão.

VI.

Que na Feitoria, e porto de Mangalor, e nos mais do Rei de Canará, e suas terras, em que houver Christãos, poderão os Portuguezes ter Igrejas, e Fortalezas, para nellas fazerem sua obrigação; e havendo alguns rebeldes, os poderão castigar os nossos Padres, conforme a nossa Lei, e para tudo dará ajuda, e favor o Rei de Canará.

VII.

Que os nossos Padres, que passarem ao Reino do Canará para assistirem nelle, ou para irem para outros Reinos, os não molestarão em cousa alguma os Governadores, e Tanadores daquellas terras, nem os Juncaneiros lhes occuparão juncção de suas pessoas, nem do fato do seu uso; e sómente o pagarão, se devem em fazenda de contrato; e o mesmo se guardará com os Portuguezes, e Naturaes, (sendo Christãos) que pelo dito Reino passarem; mas antes lhes darão toda a ajuda, e favor.

VIII.

Que o Rei de Canará pagará logo por mão de seu Embaixador Caddaxe Domarse Parcha trinta mil xerafins por conta da despeza, que a Armada do anno passado fez, por o dito Rei ter dado motivo áquella expedição.

IX.

Que o mesmo Rei mandará logo pagar ao nosso Feitor de Mangalor os tres mil cento e cincoenta fardos de arroz, que se devem das pareas, ou o que na verdade fôr; e assim mesmo as lagimas pertencentes ao Estado, que o dito Rei tiver cobrado; o que mandará fazer a tempo que possa vir tudo para Gôa nas primeiras embarcações, que do Estado forem para aquelle porto.

X.

Que o Rei de Canará além dos dois mil, e quinhentos fardos de arroz das pareas, que por obrigação antiga paga ao Estado na feitoria de Mangalor, pagará mais quatrocentos fardos de arroz branco, e limpo em cada hum anno, e todo da mesma qualidade; o que terá principio no presente, e a tempo que possa vir na armada, que está para partir; e

em cada hum dos annos futuros os mandará pagar antes que se embarque, e haja de sahir para fóra qualquer arroz novo daquelle anno, sem que para se cobrar necessite o Feitor de nova ordem do dito Rei, nem de mandalla buscar a Bedur, Côrte do mesmo Rei.

XI.

Que as lagimas do porto de Mangalor, e seus destrictos se pagarão de todas as fazendas que entrarem, e sahirem, na mesma fórma que antigamente se pagavão; e para que não haja differença alguma entre os Mercadores, e Rendeiros das ditas lagimas, para haver de cobrar o que direitamente lhes pertencer, se ajustarão os preços das fazendas com assistencia do dito Rendeiro, ou de qualquer Agente seu, que nomear para o tal effeito.

XII.

Que o Rei de Canará mandará dar os materiaes necessarios para se fazer em Mangalor huma feitoria de pedra, e cal, ou accrescentar a que está feita, com sua cerca á roda, de pedra, e cal; e os Officiaes necessarios para a dita obra; e por conta do Estado se pagará sómente aos Officiaes que nella trabalharem; e na dita feitoria poderá o Feitor ter espingardas, bacamartes, arcabuzes, e mosquetes de trilhão, e mais armas para defensa de alguns ladrões; e ficará livre ao dito Feitor poder a toda a hora, e tempo mandar os pilotos, para metter dentro da barra as nossas embarcações de guerra, e do mesmo modo mandallas para fóra, sem que para o fazer necessite de licença de outra alguma pessoa.

XIII.

Que os Ministros do Rei de Ca-

nará terão muito respeito ao nosso Feitor; e quando quizerem ir fallar com elle, lhe mandarão primeiro pedir licença; e nos limites da dita feitoria não farão forças, nem violencias, nem outro algum desacato; mas terá a dita feitoria todos os privilegios, como se fosse Fortaleza, e nella se pagarão as lagimas, ancoragens, collecta, e os mais costumes, que se pagavão á Fortaleza, quando naquelle porto a tinhamos.

XIV.

Que na dita feitoria poderemos ter Bangaçaes, para nelles poderem os Mercadores Vassallos do Estado recolher mantimento, e as suas fazendas; e só das que venderem pagarão direitos na forma do estilo, e se por costume antigo o deverem.

XV.

Que o Rei de Canará de hoje em diante não consentirá em seus

portos barcos de Arabios, nem que estes em suas terras comprem, nem vendão, nem fação contrato algum; e em caso, que as nossas Armadas achem em aquelles portos algum barco, ou barcos de Arabios, lhes será licito peleijar com elles, e aprezallos, sem por esta causa se ficar quebrando a paz novamente estabelecida.

XVI.

Que nenhum barco do Rei de Canará, ou de seus Vassallos irá aos portos dos inimigos do Estado, principalmente aos dos Arabios; e se for, se poderá tomar por perdido por ser contra a condição dos Cartazes, que se lhes passão, que sempre levão esta prohibição.

XVII.

Que nenhum barco do Rei de Canará, nem de seus Vassallos poderá navegar sem Cartaz para fóra do cabo do Camorim até á ponta

de Dio; o qual serão obrigados a tirar na Secretaria deste Estado, e o pagarão como he costume, exceptos dois barcos do mesmo Rei, aos quaes se passarão os Cartazes graciosamente; e todos os que excederem as condições dos Cartazes, serão tomados por perdidos para o Estado; como tambem todos os que fórem achados sem Cartazes, ainda que não tragão generos prohibidos.

XVIII.

Que o nosso Feitor de Mangalor passará os Cartazes para os barcos do Rei de Canará, e seus Vassallos, que navegarem da ponta de Dio até o Cabo de Camorim; e os Calamutes, e outras embarcações, que vierem para esta Cidade, ainda que venhão em companhia da nossa Armada, trarão Cartazes do mesmo Feitor, e de todos se pagará o que he estilo; e vindo sem o dito Cartaz, serão tomados por perdidos.

XIX.

Que fugindo algum cativo dos Vassallos do Estado para as terras do Rei de Canará, o mesmo Rei mandará aos seus Tanadores, que o entreguem ao nosso Feitor, para este o mandar entregar a seu dono.

XX.

Que o Rei de Canará não prohibirá aos seus Vassallos conduzir arroz para Góa, todas as vezes que o quizerem fazer, aventureiros, ou comboyados; nem impedirá que os Mercadores Vassallos deste Estado comprem o arroz que quizerem trazer para Góa, em quaesquer embarcações; preferindo sempre as da nossa Armada, e todas as mais do Estado, a quaesquer outras Nações, que quizerem tomar carga nos seus portos.

XXI.

Que os fardos de arroz, que os

mercadores Vassallos do Rei de Canará trouxerem do porto de Mangalor para esta Cidade, serão de duas mãos, que fazem sete curos, e cada curo de oito medidas; e achando-se diminutos se tomarão por perdidos, por se ter experimentado a grande falta que se acha nos ditos fardos, em grave prejuizo de todo este povo, que os compra sem os medir; e a este respeito os fardos maiores, que costumão vir de outros portos do dito Rei.

XXII.

Que justificando-se terem concorrido o Tanador da Fortaleza de Onor, e Revadas Guzarate, ou outros Vassallos do Rei de Canará, com o conselho, ajuda, ou favor para os Seragiis queimarem huma Pala do Estado no anno de 1711, governando este Estado o Vice-Rei D. Rodrigo da Costa, dentro da barra daquella Fortaleza, será o dito Rei obrigado pagar ao Estado o valor della.

XXIII.

Que requerendo o Feitor de Mangalor ao dito Rei, mande prender o Pendra Camotim lagimeiro, que foi daquelle porto, por ser devedor ao Estado de certas quantias daquellas lagimas, passará logo as ordens necessarias aos seus Governadores, e Tanadores, para que assim o executem, e entreguem á ordem do dito Feitor.

XXIV.

Que o Feitor de Mangalor poderá comprar com o dinheiro do Estado a madeira que lhe pedirem, e remettella para esta Cidade, sem impedimento algum.

XXV.

Que o Embaixador Caddaxe Damarse Porbu deixará em Góa hum Xerrafo, de quem se confie, para pezar, e tocar o ouro que se levar

para Canará, e naquellas terras se estará pelas suas certidões.

Condições a favor do Rei de Canará.

XXVI.

Que o Estado soccorrerá ao Rei de Canará com as suas armadas, tendo guerra com alguma das Nações Asiaticas, não sendo amiga do Estado, e avisando a tempo conveniente que se possa preparar, e expedir o tal soccorro, para lhe defender os seus portos, e principalmente do inimigo Arabio quando a elles venha.

XXVII.

Que vindo os barcos do Rei de Canará, e seus Vassallos aos portos do Estado, se-lhes fará boa passagem; e arribando a elles por causa de tormenta, não serão obrigados a descarregar as fazendas, nem pagar direito, salvo das que venderem voluntariamente.

XXVIII.

Que em cada anno poderão navegar dois barcos do Rei de Canará com Cartazes, que se lhe passarão na Secretaria do Estado graciosamente, sem pagarem coisa alguma, e nelles levará licença para poder trazer cavallos do porto de Congo, ou de Ormuz; e trazendo-os de qualquer porto sujeito ao Imamo de Mascate, ou trazendo nelles Arabios, se tomarão; e para não haver dúvida serão obrigados os Capitães dos ditos barcos a trazer certidão do nosso Feitor de Congo, para que conste carregarem os ditos cavallos nos portos referidos.

XXIX.

Que os Capitães da Cidade de Góa não obrigarão as embarcações, que vierem dos portos do Rei de Canará, e trouxerem Cartaz do Feitor de Mangalor, a que tornem a tomar aqui outros; nem no passo de Pangim serão obrigados a pagar mais do

que antigamente pagavão, porque nos annos passados se tinha alterado aquelle estilo, pedindo o que lhes parecia.

XXX.

Que os Padres, e Missionarios assistentes no Reino de Canará, não farão Christãos por força, nem tomarão orfãos, nem matarão vaccas.

XXXI.

Que os Capitães-Móres, e mais Capitães das nossas Armadas, por virem comboiando os barcos de arroz dos Vassallos do Rei de Canará, não obrigarão os donos a lhes darem fardos de arroz, ou outra cousa alguma por os acompanhar, e tirar dos portos.

XXXII.

Que indo os barcos do Rei de Canará, ou de seus Vassallos para os portos de Congo, e de Ormuz, não serão tomados no mar levando Car-

tazes; e só os poderão tomar nos portos de Arabia quando nelles os achem os barcos do Estado, ainda que levem Cartazes passados na Secretaria do mesmo Estado.

XXXIII.

Que os Vassallos do Rei de Canará não pagarão juncção de suas pessoas nas Fortalezas, e terras do Estado.

XXXIV.

Que o Estado fará a graça de largar as duas embarcações, que dos portos do Rei de Canará trouxe apreadas a Armada do anno passado com as suas fazendas, e por estas estarem já vendidas, se lhes dará o dinheiro procedido dellas, e dos cascos das taes embarcações.

XXXV.

Que o Estado se esquecerá de toda, e qualquer offensa, que o Rei

de Canará lhe tiver feito; e na mesma forma se esquecerá o Rei de Canará, de toda a que possa ter recebido do Estado: sem que do dia do ajuste deste tratado de paz, e allian-ça em diante, se possa por alguma das partes contravir a todos, ou qualquer dos Capitulos, e condições ajustadas; nem menos poder contravir, nem ter acção alguma, para poder pedir algum damno, ou perda, que de cada huma das partes se tiver recebido.

XXXVI.

Que na Feitoria de Mangalor não haverá Moinhos de azeite.

XXXVII.

Que vindo embarcações do Canará carregadas de arroz, comboyadas, ou aventureiras, se lançará bando nesta Cidade de Góa, para que nenhuma pessoa de qualquer qualidade, e condição que seja, leve qualquer das ditas embarcações para os

seus Palmares, para nelles as descarregarem, nem tome arroz das taes embarcações por força, ou sem dinheiro; mas antes se pagará logo quando se comprar, e tirar das ditas embarcações. E no caso que qualquer das ditas pessoas queira tirar o tal arroz por força, sem logo pagar o dinheiro, os Parangueyros donos delle se queixarão logo, para se lhes mandar fazer justiça, e impedir a tal violencia.

XXXVIII.

Que havendo alguma dúvida, ou differença entre o Estado, e o Rei de Canará, e mandando Embaixador a esta Côrte para decisão della, se não fará hostilidade alguma nas terras do dito Rei, em quanto o Embaixador estiver na dita Cidade, e durante o tempo de sua embaixada; e o Rei de Canará usará o mesmo com o Estado.

As quaes condições propostas, e ajustadas por huma, e outra parte,

acceitárão o dito Excellentissimo Senhor Vasco Fernandes Cezar de Menezes, Vice-Rei, e Capitão General da India, pelo muito alto, e muito poderoso Senhor o Serenissimo Rei de Portugal D. João V., e o dito Embaixador Caddaxe Damarse Porbu, em nome do Rei de Canará Quellady Bassavapa Naique, e sobre ellas se fizerão varias conferencias com o Secretario d'Estado João Rodrigues Machado, que forão bem entendidas pelo dito Embaixador por meio de Vittogy Sinay Benddo, lingoa deste Estado, e de Salvador Pereira, lingoa do mesmo Embaixador, que lhas declarárão na lingoa Bracmana, por elle não entender a Portugueza; e ambos os ditos Senhores Vice-Rei, e Capitão-General da India, e Embaixador de Canará, se obrigárão a que as ditas condições se guardarão reciproca, e inteiramente, sem se alterarem em coisa alguma; a saber: o dito Senhor Vice-Rei, e Capitão General per si, e per seus Successores ao dito governo; e o di-

to Embaixador pelo dito seu Rei, e pelos mais que lhe succederem, sem nunca em tempo algum contradizerem, nem quebrarem as ditas capitulações de paz, e amizade; antes de as terem, manterem, e guardarem inviolavelmente; e para maior firmeza assim o jurárão ambos, o dito Senhor Vice-Rei, e Capitão-General da India pelo juramento dos Santos Evangelhos, pondo a mão sobre hum Missal; e o dito Embaixador pelo juramento do seu rito de Arroz e Betle, pondo ambas estas cousas sobre a sua cabeça, e olhos. Ao que se achárão presentes os ditos Conselheiros d'Estado; e se assignárão ambos, o dito Senhor Vice-Rei Capitão-General da India, e o dito Embaixador, com os sobreditos Conselheiros d'Estado, e os lingoas referidos; e eu João Rodrigues Machado Secretario d'Estado, que as conferi com o mesmo Embaixador pelos referidos lingoas, que de tudo dou minha fé, a fiz escrever, e assignar no dia acima referido.

Caddaxe Damarse Porbu.
João Rodrigues Machado.
Vittogy Sinay.
Salvador Pereira.
Vasco Fernandes Cesar de Menezes.
João Rodrigues da Costa.
Manoel Seraiva da Silveira.
João Borges Côrte Real.
D. Luiz da Costa.
D. Christovão Severim Manoel.

Acabada a negociação, e assignado o Tratado com tantas vantagens para os interesses de Portugal, como testemunhão as suas condições, desembolsou o Embaixador os trinta mil xerafins estipulados nelle; e despedido do Vice-Rei, voltou á sua patria.

Logo no mesmo Verão passárão ao Reino de Canará os Capitães de mar e guerra Gonçalo da Silva Ferrão, e Luiz de Sousa, o primeiro em huma Galeota, o segundo em huma Pala, e ambos voltárão brevemente a Góa comboyando huma frota, tambem provida de mantimentos,

que houve grande abundancia no paiz, e custou mui barato o sustento.

O Rei de Sunda, que confina com as terras do Estado adjacentes a Góa, pertendeo continuar com o Vice-Rei as mesmas desattenções, que muitas vezes lhe haviamos dissimulado, accrescentando outras de novo ás antigas; e não bastando as advertencias, que varias vezes se lhe fizerão por parte do Vice-Rei para que se abstivesse do que obrava, e permittia em nosso prejuizo, resolveo o Vice-Rei mostrar-lhe, que o nosso soffrimento não havia durar sempre, e que sabiamos, e podiamos castigar a sua soltura. Ajuntando para este fim as milicias em Salsete, aonde passou para este effeito, e mandando prevenir munições de boca, e guerra, como para huma grande expedição, e perduravel, mandou propor ao Rei de Sunda as satisfações, que pertendia se désse ás queixas do Estado; e porque huma dellas era o tributo que devia pagar pela fortaleza de Pondá, que lhe tinhamos recuperado do po-

der de outro Potentado, que chamavão Queyma Sauntu, e elle o recusava fazer, lhe mandou assaltar a fortaleza de Sirodá, que foi ganhada á escala, sómente com o damno de alguns Soldados nossos feridos; fazendo conduzir ao mesmo tempo para as nossas terras todo o fruto das searas inimigas de toda a campanha, que dominavão as nossas armas, porque de industria reservou o Vice-Rei esta expedição para o tempo, em que estivessem sazonadas, e em termos de se recolherem.

Consternado o Rei com estas hostilidades, e muito mais com o grande apparato, e prevenção, com que o Vice-Rei mostrava emprehender esta guerra, e querer continuallá, mandou Embaixador ao Vice-Rei, offerecendo satisfazer ás nossas queixas; mas não se lhe acceitou a proposta, sem primeiro pagar quarenta mil pardáos pela despeza, que fez o Vice-Rei Caetano de Mello de Castro com a conquista de Pondá, cuja posse, e utilidades lograva o Rei por

beneficio nosso, ajustando o Embaixador estas dependencias.

O Angria era hum Pirata, a quem o seu atrevimento, fortuna, e o descuido de alguns dos Principes, e Potencias da India, fizerão formidavel; porque os muitos roubos, que fez no mar, e alguns tambem em terra, lhe derão riquezas, com que attrahia a si Soldados de varias Nações da Asia, e ainda da Europa; e fabricou navios de força, com que se atreveo a contender com o poder maritimo de qualquer Principe da Costa da India. Occupando o porto de Culabo, vizinho ao de Ghaul, fortificando-se nelle, justamente o podemos comparar com o célebre Barbaroxa, que em outros tempos se fez tão temido na Europa nas Costas do mar mediterraneo.

A insolencia deste Pirata, que chegou a ser respeitado como Principe, depois de se lhe dissimularem alguns insultos, e roubos, que fez aos Vassallos do Estado, obrigou tambem ao Vice-Rei a fazer-lhe a

guerra depois de esgotados todos os meios de accommodamento; e porque a Praça de Chaul ficava muito proxima a Culabo, e hum vizinho tão atrevido, e infiel sempre nos devia ser suspeitoso, ainda na paz, e muito mais depois de se romper a guerra, mandou o Vice-Rei soccorrer esta Praça com munições, e gente, de que estava mui desprovida; e remetteo este soccorro em huma fragata de trinta e quatro peças, de que era Capitão de mar e guerra Antonio de Sousa, e Capitães Tenentes Manoel Lobo de Faria, e Aleixo Pinto. Neste navio mandou o Vice-Rei metter alguns Officiaes, e Soldados de confiança, porque em razão de estar tão propinquo o porto de Chaul ao de Culabo, e não haver então navio de maior força para ir metter este soccorro naquella Praça, era precisa esta cautela, e partio de Góa em Março deste mesmo anno.

Chegou brevemente a fragata defronte da barra de Chaul, e desembarcou o soccorro, sem entrar no

porto, por não ter fundo para o seu porte. Estando já em terra este soccorro, veio o Angriá com toda a sua armada, que constava de cinco palas, e doze galvetas, a buscar a fragata; e tanto que o Capitão della avistou estes navios, por não dilatar a si a gloria, que esperava da pelêja, foi demandar ao inimigo; e dando se principio ao combate huma quarta feira pela manhã, durou até á sexta á noite, em que desenganado com o seu destroço da esperança certa com que se promettia, ou render a fragata, ou metella no fundo, se recolheo ao seu porto com tanto damno, que a maior parte das suas palas, e galvetas forão destroçadas, e huma destas mettida a pique. Morrêrão dos inimigos cento e oitenta, e forão os feridos cento e setenta. Recebeo a fragata em o costado, obras mortas, e mastros quinhentas e trinta e duas balas de quatro, seis, e doze libras. Da nossa parte houverão dezoito mortos, e vinte e dois feridos. Fez mais estimavel esta occa-

tião, o haver sido esta peleja á vista de duas fragatas Inglezas, que estavão em Culabo por ordem do General de Bombaim, ajustando huma paz com mui poucas vantagens para a sua Nação.

Foi esta acção tão singular, e extraordinaria, que admirou a toda a Costa da India; e verdadeiramente ha mui poucos exemplos na nossa Historia, ainda das gloriosas acções da primeira conquista, com que ella se compare. O Vice-Rei dando-lhe a justa estimação, que merecia, honrou ao Capitão de mar e guerra com o foro de Fidalgo, e aos Tenentes com o Habito de Christo; e aos mais Officiaes accrescentou á proporção do seu merecimento, para que servisse de estimulo aos mais para os imitarem. Para castigar a insolencia deste Pirata mandou armar cinco palas, oito galvetas, e duas manchuas de guerra, que entregou ao Capitão Antonio Cardim Froes, com o titulo de Capitão-Mór da armada do Norte, com ordem que se puzesse se-

bre a barra de Culabo, e fizesse ao inimigo todo o damno que pudesse.

Segundo a ordem que o Capitão-Mór recebeo do Vice-Rei, devia pôr-se sobre a barra de Culabo a 15 de Setembro de 1713; porém não pôde executar as suas ordens antes de Outubro, por se não achar até então a Armada prompta. Sahio, e fez o que se lhe ordenou continuando o sitio até Dezembro, e continuára mais, se o Vice-Rei lhe não ordenára que se recolhesse, tendo já alli por inutil a sua assistencia; porque Angriá, considerando que as suas embarcações ainda dentro da ribeira não estavão seguras do nosso fogo, desconfiado da sua defensa, fez romper hum lanço da muralha, e as metteo dentro da Fortaleza, varando-as em terra, e defendendo-as com huma forte tranqueira, que levantou em forma de tenalha, guarnecida com hum bom número de peças de artilharia, de que estava bem provido; por haver tomado muitas em varias embarcações, que rendeo.

Como as desgraças costumão fazer as guerras por diversões, ao mesmo tempo que a nossa Armada impedia a Angriá o sustento, e o commercio, se lhe levantárão quasi todas as Fortalezas, que elle havia conquistado o inverno antes ao Mogor Siva Raja, (outro Potentado da mesma Costa) ou incitado do nosso exemplo, ou lançando mão da opportunidade, para executar a sua vingança, lhe declarou guerra; e era este o motivo que elle teve para a fazer.

Havia o Grão Mogor conquistado algumas Fortalezas de Rama Rao Rei de Sivagy, as quaes Siva Raja dizia lhe pertencião por herança: Angriá, que queria sustentar o que tinha usurpado áquelle Imperio, offereceo a Siva Raja a sua alliança, e ambos unidos emprendêrão, e conseguírão reconquistar aquellas Fortalezas; mas com tanta cavillação se houve este Alliado, que as guarneceo com gente sua, e recusou depois entregar-lhas; e para ficar mais seguro na posse deste roubo, maqui-

nou com a Rainha de Sivagy, que governava os Estados de seu marido na minoridade de dois filhos, que delle lhe ficárão, que querendo ella casar com elle, lhe entregaria as referidas Praças, e a pessoa de Siva Raja. Ajustárão-se na proposta, e para poder cumprir esta segunda o convidou com fingimento de amizade, e pretexto de tratar o ajuste da entrega das Fortalezas, quizesse passar huns dias com elle em Culabo, no que o outro já convinha; mas avisado da traição com que se ordenava este convite, se escusou de ir visitallo, e ajuntando o maior poder a que se extendião as suas forças, desceo com o exercito contra elle. A primeira operação se encaminhou á restauração das Praças que Angriá presidiava, e com effeito havia já tomado algumas. O Vice-Rei aproveitando-se da conjunctura, tratou de persuadir a Siva Raja a continuar a guerra, e a mesma diligencia fez com o Rei de Sindy, que tambem estava queixoso de Angriá, que neste tempo

lhe havia tomado duas Praças, e destruido muitas povoações. Expedio juntamente por seu Embaixador á Côrte de Agra o Padre José da Silva, da Companhia de Jesus, para persuadir ao Grão-Mogor, entre outras cousas, quizesse ajudar a alliança destes Principes, e mandasse acabar com este inimigo commum, que tão atrevidamente havia profanado o respeito da sua grandeza.

Feitas estas disposições, em muitas das quaes trabalhou tambem o General do Norte D. Lopo José de Almeida, se vio o Vice-Rei precisado a mandar recolher Antonio Cardim Froes, com a Armada que sitiava a barra de Culabo, por lhe chegarem noticias, que a do Immamo de Mascate se achava em Surrate, porto do Grão-Mogor, e nos tinha tomado hum navio da China de Francisco Xavier Doutel, que alli se achava. Como as forças não erão tantas que se pudessem repartir, quiz obrar com ellas unidas, para com mais effeito poder empregar-se contra hum

inimigo, ainda mais perigoso, e de maior poder que o de Angriá, cujas operações, conforme lhe avisou o General do Norte, não podião na presente conjunctura causar ao Estado algum receio.

Recolheo-se Antonio Cardim Froes, depois de haver tomado duas embarcações, que navegavão para a Fortaleza de Culabo, huma com mantimentos, outra com roupas, e de haver impedido todo o commercio, e provimento áquelle inimigo no decurso de tres mezes, que esteve sobre a sua barra. Mas a incançavel vigilancia, com que o Vice-Rei se applicava ao estudo da conservação do Estado, discorrendo que a distancia da Armada que hia a Surrate, podia dar atrevimento a Angriá para querer vingar-se, intentando a conquista de alguma das nossas terras, mandou aprestar a fragatinha S. Francisco de Assis, e embarcar nella o Capitão de mar e guerra Manoel Lobato de Faria, ordenando-lhe que passasse ao Norte, e accudisse com ella a toda

a parte, onde julgasse necessaria a sua assistencia.

Partio o Capitão em Janeiro com vento favoravel, e chegando defronte da barra de Culabo, encontrou quatro palas, e nove galvetas de Angriá, todas bem guarnecidas, e com mais gente da que lhes dava a sua lotação; porque depois se soube lhes ajuntára a de outras embarcações que ficárão desarmadas. Apenas avistárão o nosso navio, fizerão véla sobre elle. O Capitão, que a não ter tanto valor, pudera recear, quando não a qualidade das embarcações, o número dellas, sem bandeira (fingindo-se mercantil) se foi amarrando; mas de tal modo, que mostrava não podia navegar, desejando fugir-lhe. Era o seu animo attrahillos mais ao mar, onde pudesse ser senhor do vento, que lhe podia faltar na Costa. Logrou-se esta destreza militar; e tanto que os vio amarrados, voltou sobre elles, e os começou a bater com a sua artilharia, tão destra, e tão utilmente, que depois de fazer nelles hum grande es-

trago, e lhes haver morto muita gente, os constrangeo a largar a empreza, fugindo vergonhosamente. O Capitão os seguio até os metter pela barra de Culabo, e alli se deixou estar tres dias, desafiando os inimigos; mas vendo que ninguem sahia a pedir-lhe satisfação, continuou a sua derrota, e chegou a Baçaim, donde fez aviso do successo ao Vice-Rei, que o estimou muito, e por carta lho mandou agradecer; fazendo-o mais singular a circumstancia de não haver perdido Soldado algum na pelêja, sendo muitas as balas com que a Armada inimiga o perseguia.

Entrando no porto de Mormugão obrigada do tempo huma embarcação do Canará sem passaporte, tendo-se-lhe acabado a licença, navegando sem a reformar, havia justificado pretexto para ser tomada por perdida. Considerando porém o Vice-Rei que era proprietario della o Governador de Mangalor valído do Rei de Canará, e que convinha aos interesses do Estado dispensar por

esta occasião a Lei em seu favor, lha mandou dar livre, insinuando-lhe que a muita attenção, que tinha com a sua pessoa, fazia relevar ao Capitão do seu navio a falta de o trazer desprovido de licença; sendo esta prerogativa a de que o Estado era mais cioso. Com esta generosidade, em que a fazenda Real perdeo mui pouco, lhe accumulou mui grandes interesses; porque lucrando a amizade do valído, aquem poz em obrigação com esta fineza, ficou ganhando a boa influencia do seu conselho a favor das nossas pertenções, e o continuar nas vantagens, que havia tão poucos mezes tinhão adquirido pelo Tratado de paz, concluido com aquelle Rei em favor da Religião, em beneficio de Góa, em honra, e utilidade de todo o Estado, e em credito, e reputação da Corôa de Portugal, que em Paizes tão remotos faz dar Leis pelos seus Vassallos a Principes tão grandes.

Depois de concluida a paz geral, ajustada em Utrech entre Portu-

gal, França, Hespanha, Inglaterra, Saboia, Prussia, e Hollanda, ainda durou a guerra hum anno entre o Imperador Carlos VI., e o Rei de França Luiz XIV., no fim do qual a 6 de Março do anno seguinte, ajustárão estes dois Monarchas a paz no Castello de Rastád no Marquezado de Bade, por meio das negociações de seus Plenipotenciarios o Principe Eugenio de Saboia, e o Marechal de Villars. 1714

Fizerão tambem estes Soberanos a 7 de Setembro outro Tratado de paz na Cidade de Baden, que contém trinta e oito artigos, no qual se confirma o Tratado de Rastád.

Acabada a sanguinolenta guerra de tantos annos, suspensa a effusão de tanto sangue humano derramado, ainda os Cataláes não quizerão abraçar a paz; e seguindo o partido do Imperador d'Alemanha Carlos VI. declarárão guerra aos Reis de Hespanha, e França. Para isto erigírão differentes Conselhos, e Tribunaes para a administração dos negocios,

tudo com o titulo de República Soberana. Daqui se seguio mandar El-Rei contra elles hum exercito ás ordens do Duque de Popoli, que foi nomeado Capitão-General da Provincia, o qual bloqueando Barcelona, até ao mez d'Agosto, conseguio unido com o Marechal de Berwich Commandante das Tropas Francezas, que se unirão ás Hespanholas levar de assalto a praça a 12 de Setembro, depois de huma desesperada resistencia da parte dos sitiados. Então se rendêrão á obediencia d'ElRei D. Filipe V. as duas praças de Barcelona, e Cardona na Catalunha, que erão as unicas que ainda reconhecião a D. Carlos III.

CAPITULO XVI.

Tratado de paz entre o Senhor Rei D. João V., e D. Filippe V. Rei de Hespanha, feito em Utrecht a 6 de Fevereiro de 1715.

D. João por graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, dáquem, e dalém mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, etc. Faço saber aos que esta minha Carta Patente de approvação, ratificação e confirmação virem, que aos seis dias do mez de Fevereiro do anno presente de mil setecentos e quinze na Cidade de Utrecht se ajustou, e concluio hum Tratado de Paz perpetua, e amizade entre mim, e o muito alto, e muito poderoso Principe D. Filippe V. Rei Catholico de Hespanha, meu bom

Irmão, e Primo, por João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, Senhor das Villas de Tarouca, Lalim, Lazarim, Penalva, Gulfar, e suas dependencias, Commendador de Villa Cova, do meu Conselho, e Mestre de Campo General dos meus Exercitos; e D. Luiz da Cunha, do meu Conselho, e Commendador da Commenda de Santa Maria de Almendra, ambos meus Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios no Congresso, que se formou para a Paz geral na mesma Cidade; e D. Francisco Maria de Paula Telles Giron Benavides Carrilho e Toledo Ponce de Leon, Duque de Ossuna, Conde de Urenha, Marquez de Penafiel, Grande de Hespanha da primeira classe, Camareiro, e Copeiro-Mór de Sua Magestade Catholica, Notario maior dos Reinos de Castella, Claveiro-Mór na Ordem, e Cavalleria de Calatrava, Commendador della, e de Usagre na de S. Tiago, General dos Exercitos da mesma Magestade, Gentil-homem de sua Camara,

e Capitão da primeira Companhia Hespanhola das suas Guardas de Corpo, outro sim seu Embaixador Extraordinario, e Plenipotenciario: os quaes forão deputados para o ajustamento, e conclusão do dito Tratado, em virtude dos plenos poderes, que para isso tiverão, do qual Tratado o teor he o seguinte:

Em nome da Santissima Trindade.

Saibão todos os presentes, e futuros, que achando-se a maior parte da Christandade afflicta com huma larga, e sanguinolenta guerra, foi Deos servido inclinar os animos do muito Alto, e muito Poderoso Principe D. João V. pela graça de Deos Rei de Portugal; e do muito Alto, e muito Poderoso Principe D. Filippe V. pela graça de Deos Rei Catholico de Hespanha, a hum sincero, e ardente desejo de contribuir para o socego universsal, e de segurar o descanço dos seus Vassallos,

renovando, e restabelecendo a Paz, e boa correspondencia que havia de antes entre as duas Corôas de Portugal, e de Hespanha. Para cujo effeito derão as ditas Magestades plenos poderes aos seus Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios: a saber, Sua Magestade Portugueza ao Excellentissimo Senhor João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, Senhor das Villas de Tarouca, de Lalim, Lazarim, Penalva, Gulfar, e suas dependencias, Commendador de Villa Cova, do Conselho de Sua Magestade, Mestre de Campo General dos seus Exercitos; e ao Excellentissimo Senhor D. Luiz da Cunha, Commendador de Santa Maria de Almendra, e do Conselho de Sua Magestade: e Sua Magestade Catholica ao Excellentissimo Senhor D. Francisco Maria de Paula Telles Giron Benavides Carrilho e Toledo Ponce de Leon, Duque de Ossuna, Conde de Urenha, Marquez de Penafiel, Grande de Hespanha da primeira classe, Camareiro, e Copeiro-Mór de

Sua Magestade Catholica, Notario maior dos Reinos de Castella. Claveiro-Mór na Ordem, e Cavalleria de Calatrava, Commendador della, e de Usagre na de S. Tiago, General dos Reaes Exercitos de Sua Magestade, Gentil-Homem de sua Camara, e Capitão da primeira Companhia Hespanhola de suas Reaes Guardas de Corpo: os quaes concorrendo na Cidade de Utrecht, lugar destinado para o Congresso, examinando reciprocamente os plenos poderes, de que se ajuntará a cópia no fim deste Tratado, depois de implorarem a assistencia Divina, convierão nos Artigos seguintes:

I.

Haverá huma Paz solida, e perpetua com verdadeira, e sincera amizade entre Sua Magestade Portugueza, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, todos os seus Estados, e Vassallos de huma parte, e Sua Magestade Catholica, seus Descen-

dentes, Successores, e Herdeiros, todos os seus Estados, e Vassallos de outra parte: a qual Paz se observará firme, e inviolavelmente, assim por terra, como por mar, sem permittir que por huma, ou outra Nação se commetta alguma hostilidade em qualquer lugar, e por qualquer pretexto que for; e succedendo contra toda a esperança que se contravenha em alguma cousa ao presente Tratado, elle ficará sempre em seu vigor, e a dita contravenção se reparará de boa fé, sem dilação, nem difficuldade, castigando severamente os Aggressores, e repondo-se tudo no primeiro estado.

II.

Em consequencia desta Paz ficarão em inteiro esquecimento todas as hostilidades que se commettêrão até ao presente, desorte que nenhum dos Vassallos das duas Corôas tenha direito para requerer a satisfação dos damnos padecidos, ou por via de Jus-

iça, ou por outro qualquer caminho; nem possão allegar reciprocamente as perdas que experimentárão na presente guerra, esquecendo-se de tudo passado, como se não tivera havido alguma interrupção na amizade que agora se restabelece.

III.

Haverá huma Amnistia para todas as pessoas, assim Officiaes, como Soldados, e quaesquer outras, que pendente esta guerra, ou com a occasião della mudárão de serviço, excepto aquelles que tiverem tomado partido, ou entrado no serviço de outro Principe, que não for Sua Magestade Portugueza, ou Sua Magestade Catholica; e só os que tiverem servido a Sua Magestade Portugueza, e a Sua Magestade Catholica, serão comprehendidos neste Artigo, como tambem o serão no Artigo XI. deste Tratado.

IV.

Todos os Prizioneiros, e Refens, de huma, e outra parte serão restituidos promptamente, e postos em liberdade sem excepção, e sem que se peça cousa alguma pelo seu troco, ou despezas que fizerão; com tanto que satisfação as dívidas particulares, que houverem contrahido.

V.

As Praças, Castellos, Cidades, Lugares, Territorios, e Campos pertencentes ás duas Corôas, assim em Europa, como em qualquer outra parte do mundo serão restituidos inteiramente sem reserva, de sorte que as Rayas, e limites das duas Monarquias fiquem no mesmo estado que antes da presente Guerra. Especialmente se restituirão á Corôa de Portugal o Castello de Noudar com o seu districto, a Insua do Verdoejo, e o Territorio, e Colonia do Sacramento; e á Corôa de Hespanha as

Praças de Albuquerque, e de Puebla com os seus districtos no estado em que se achão presentemente, sem que Sua Magestade Portugueza possa pedir á Corôa de Hespanha cousa alguma pelas novas fortificações que se lhe accrescentarão.

VI.

Sua Magestade Catholica não sómente restituirá o Territorio, e Colonia do Sacramento, sita na margem Septentrional do Rio da Prata, a Sua Magestade Portugueza; mas cederá assim em seu nome, como de todos os seus Descendentes, Successores, e Herdeiros, de toda a acção, e direito, que pertendia ter ao dito Territorio, e Colonia, fazendo a Desistencia pelos termos mais fortes, e mais authenticos, e com todas as clausulas que se requerem, como se ellas aqui fossem declaradas, para que o dito Territorio, e Colonia fiquem comprehendidos nos Dominios da Corôa de Portugal, e pertencendo a Sua

Magestade Portugueza, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros como parte dos seus Estados, com todos os direitos de Soberania, Poder absoluto, e inteiro Dominio, sem que Sua Magestade Catholica, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros intentem jámais perturbar a dita posse a Sua Magestade Portugueza, seus Descendentes, Successores, e Herdeiros: e em virtude desta cessão ficará sem effeito, ou vigor o Tratado Provisional, que se celebrou entre as duas Corôas aos sete dias do mez de Maio de mil e seiscentos e oitenta e hum: mas Sua Magestade Portugueza se obriga a não consentir que alguma Nação de Europa, que não seja Portugueza, se possa estabelecer, ou commerciar na dita Colonia directa nem indirectamente, por qualquer pretexto que for, e muito menos dar mão, e ajuda a qualquer Nação Estrangeira, para que possa introduzir commercio algum nos Dominios, que pertencem á Corôa de Hespanha; o que tambem está pro-

hibido aos mesmos Vassallos de Sua Magestade Portugueza.

VII.

Ainda que Sua Magestade Catholica céde desde logo a Sua Magestade Portugueza o dito Territorio, e Colonia do Sacramento na forma do presente Artigo; com tudo poderá offerecer hum Equivalente pela dita Colonia, o qual seja da satisfação, e agrado de Sua Magestade Portugueza; e para esta offerta se limita o termo de anno e meio desde o dia da ratificação deste Tratado; com declaração que se o dito Equivalente for approvado por Sua Magestade Portugueza, ficará o dito Territorio, e Colonia pertencendo a S. Magestade Catholica, como se o não houvera restituido, e cedido. E se Sua Magestade Portugueza não acceitar o dito Equivalente, ficará possuindo o dito Territorio, e Colonia, como no Artigo precedente se declara.

VIII.

Para a entrega reciproca das Praças assim em Europa como na America, referidas no Artigo V., se expedirão Ordens ás pessoas, e Officiaes a quem toca. E pelo que pertence á Colonia do Sacramento, não sómente Sua Magestade Catholica mandará em direitura as suas Ordens ao Governador de Buenos-Ayres, para fazer entrega, mas dará huma cópia dellas, ou segunda via com tal recommendação ao sobredito Governador, que sem embargo de não ter recebido as primeiras, não possa por algum pretexto, ou caso ainda não previsto, dilatar-lhes a execução. E assim estas segundas Ordens, como as que respeitão a Noudar, e Insua do Verdoejo, se trocarão com as de Sua Magestade Portugueza para a entrega de Albuquerque, e de Puebla, por Commissarios que concorrerão para este effeito na Raya dos dois Reinos; e no termo de quatro mezes contados do dia em que se trocarem

reciprocamente as Ordens, se fará a entrega das Praças tanto em Europa, como na America.

IX.

As Praças de Albuquerque, e Puebla se entregarão no mesmo estado em que se achão, e com tantas munições de guerra, e o mesmo número, e calibre de peças de artilharia, que ellas tinhão quando forão tomadas, conforme os inventarios que se fizerão; levando-se para Portugal as outras peças de artilharia, e mais munições de guerra, e boca, que alli se acharem. Tudo o acima dito sobre a restituição das munições de guerra, e peças de artilharia, se entende igualmente a respeito do Castello de Noudar, e Colonia do Sacramento.

X.

Os moradores destas Praças, ou de quaesquer outros Lugares occupados na presente guerra, que não qui-

rerem alli ficar, poderão retirar-se das ditas partes, vendendo, e dispondo de seus bens de raiz, e moveis, como lhes parecer, e lograrão os frutos pendentes, e os que houverem semeado, supposto que as terras, e herdades passem a outros possuidores.

XI.

Os bens confiscados reciprocamente por causa, e razão da presente guerra, serão restituidos aos antigos possuidores, ou a seus herdeiros, pagando elles as bemfeitorias uteis, que se lhes tiverem feito; mas nunca poderão pertender das pessoas, que até agora lográvão os ditos bens, a importancia do que rendêrão desde o tempo da confiscação até ao dia da publicação da Paz. E para que se effectue a restituição da propriedade dos ditos bens confiscados, serão obrigadas as partes interessadas a apresentar-se dentro de hum anno diante dos Tribunaes a que pertencer, onde requererão o seu direito, e serão

julgados os ditos requerimentos dentro no termo de outro anno.

XII.

Todas as prezas que se fizerão de huma, e outra parte pendente o curso da presente guerra, ou por causa della, são julgadas por boas, e não ficará aos Vassallos das duas Nações direito, ou acção para em algum tempo pedirem que se lhes restituão; por quanto reconhecem ambas as Magestades, o fundamento que houve para fazer as ditas prezas.

XIII.

Para maior firmeza, e validade do presente Tratado se confirma de novo outro, que se fez entre as duas Corôas em treze de Fevereiro de mil seiscentos sessenta e oito, o qual fica valido em tudo aquillo que se não derogar no Tratado presente; e especialmente se confirma no Artigo VIII. do referido Tratado de treze

de Fevereiro de mil seiscentos sessenta e oito, como se estivesse aqui incluido neste Tratado palavra por palavra, offerecendo reciprocamente S. M. Portugueza, e S. M. Catholica mandar fazer prompta, e inteira justiça ás partes interessadas.

XIV.

Da mesma sorte se confirmão, e comprehendem no presente Tratado os quatorze artigos conteudos no Tratado da Transacção feito entre as duas Corôas em 28 de Junho de mil setecentos e hum, os quaes todos ficarão em sua força, e vigor, como se aqui fossem escritos palavra por palavra.

XV.

Em virtude de tudo o estipulado na sobredita Transacção sobre o Assento para a introducção dos negros, Sua Magestade Catholica deve aos interessados no dito Assento a somma de duzentas mil patacas de

anticipação, que os interessados em prestárão a Sua Magestade Catholica com os reditos de oito por cento desde o dia do emprestimo até o seu inteiro pagamento, o que faz a quantia de duzentas e noventa e seis mil patacas, contando desde sete de Julho de mil e seiscentos noventa e seis, até seis de Janeiro de mil setecentos e quinze, como tambem a somma de trezentos mil cruzados, moeda Portugueza, que fazem cento e sessenta mil patacas. Estas tres sommas ficão reduzidas pelo presente Tratado sómente á somma de seiscentas mil patacas, que Sua Magestade Catholica promette pagar em tres pagamentos iguaes, e consecutivos, cada hum de duzentas mil patacas. O primeiro pagamento se fará com a chegada á Hespanha da primeira frota, florilha, ou galeões que vierem depois da troca das Ratificações do presente Tratado, e este primeiro pagamento será por conta dos reditos devidos pelo capital das duzentas mil patacas de anticipação. O segun-

do pagamento se fará com a chegada da segunda frota, flotilha, ou galeões, e será o capital de duzentas mil pataças de anticipação. E o terceiro pagamento far-se-ha com a chegada da terceira frota, flotilha, ou galeões, que será de trezentos mil cruzados, reduzidos, a cento e sessenta mil pataças, e de quarenta mil pataças de resto dos reditos. As sommas necessarias para estes tres pagamentos se poderão levar para Portugal em dinheiro, ou em barras de ouro, ou prata. Em virtude disto a somma de duzentas mil pataças de anticipação não vencerá juros depois do dia da assignatura do presente Tratado; porém se Sua Magestade Catholica não pagar a dita somma com a chegada da segunda frota, flotilha, ou galeões, correrão os juros das duzentas mil pataças de anticipação a oito por cento desde a chegada da segunda frota, flotilha, ou galeões até o inteiro pagamento da dita somma.

XVI.

Sua Magestade Portugueza cede pelo presente Tratado, e promette fazer ceder a Sua Magestade Catholica todas as sommas devidas por S. M. Catholica em Indias de Hespanha á companhia Portugueza do Assento da introducção dos negocios, excepto as sincoenta mil patacas de que se faz menção no Artigo XV. deste Tratado. Cede tambem Sua Magestade Portugueza a Sua Magestade Catholica aquillo, que os ditos interessados poderião pertender da herança de D. Bernardo Francisco Marin.

XVII.

Abrir-se-ha geralmente o Commercio entre os Vassallos de ambas as Magestades com a mesma liberdade, e seguraça que havia antes da presente guerra; e em demonstração da sincera amizade que se deseja não só estabelecer, mas ainda accrescentar entre os Vassallos das duas Co-

rôas, concede Sua Magestade á Nação Hespanhola, e Sua Magestade Catholica á Nação Portugueza todas as vantagens do Commercio, e todos os Privilegios, Liberdades, e Izenções que até aqui tiver dado, ou pelo tempo adiante conceder á Nação mais favorecida, e mais privilegiada das que tem Commercio nos Dominios de Portugal, e de Hespanha; entendendo-se isto só nos Dominios de Europa, por estar unicamente reservada a Navegação, e Commercio das Indias ás duas sós Nações nos seus Dominios respectivos da America, exceptuando o que ultimamente se tem estipulado no contrato do Assento dos negros, feito entre Sua Magestade Catholica, e Sua Magestade Britanica.

XVIII.

E porque na boa correspondencia que se estabelece se devem evitar os damnos, que podem ser reciprocos; e na Concordata, que se fez entre as duas Corôas no tempo d'ElRei D.

Sebastião de gloriosa memoria, declarando-se os casos, em que os delinquentes se havião de entregar de parte a parte, e a restituição dos furtos, se não podia comprehender o genero do Tabaco, que então não havia, quando se fez a Concordata, e ao depois se tem introduzido de maneira, que tanto em Portugal, como em Castella são os seus Estancos de grande importancia: Sua Magestade Catholica se obriga a fazer que em nenhuma das terras dos Reinos, e Dominios de Hespanha se possa introduzir Tabaco de Portugal, seja feito, ou pizado nos ditos Reinos, e Dominios, ou fora delles, e mandará destruir todas as fabricas que houver de Tabaco Portuguez nos ditos seus Reinos, e Dominios; como as que de novo se fizerem, impondo graves penas aos culpados nestes delictos, e encarregando a sua observancia, e execução não só aos Ministros de Justiça, mas tambem aos Cabos, e Officiaes de Guerra. E S. M. Portugueza se obriga igualmente

a fazer a mesma prohibição, e com as mesmas circumstancias que Sua Magestade Catholica, pelo que toca ao Tabaco de Hespanha nas terras de Portugal, e em todas as outras do seu Dominio.

XIX.

Os Navios de Guerra, e Mercantes de ambas as Nações poderão reciprocamente entrar nos Portos dos Dominios das duas Corôas, onde costumavão entrar d'antes, com tanto que nos Portos maiores se não achem ao mesmo tempo mais do que seis Navios de Guerra, e nos Portos menores mais do que tres. E se acasò chegar maior numero de Navios de Guerra de huma das duas Nações a qualquer Porto da outra, não poderão entrar nelle sem licença do Governador, ou do Magistrado; e se constrangidos de tormentas, ou alguma urgente necessidade entrarem sem pedir licença, serão obrigados a dar logo parte da sua chegada, e se di-

latarão sómente em quanto lhes for permittido, pondo grande cuidado em não fazer damno, ou prejuizo algum ao dito Porto.

XX.

Dezejando Suas Magestades Portugueza, e Catholica a prompta execução deste Tratado para socego dos seus Vassallos, se ajustou que elle tenha toda a força, e vigor immediatamente depois da publicação da Paz, a qual publicação se fará nos Dominios de ambas as Magestades o mais brevemente que for possivel. E se depois da suspensão de armas se fez alguma contravensão, se dará satisfação della reciprocamente.

XXI.

Se por algum acontecimento suceeder (o que Deos não permitta) que haja interrupção de amizade, ou rompimento entre as Corôas de Portugal, e de Castella, neste caso se

dará aos Vassallos de ambas as Corôas o tempo de seis mezes depois do dito rompimento, para que se retirem, e vendão os seus bens, e effeitos, ou os transportem aonde lhes parecer.

XXII.

E porque a Rainha da Grã-Bretanha de gloriosa memoria tinha offerecido ser Garante da inteira execução deste Tratado, e da sua firmeza, e duração, Suas Magestades Portugueza, e Catholica acceitão a sobre dita Garantia em toda a sua fôrça, e vigor para todos os presentes Artigos em geral, e cada hum em particular.

XXIII.

As mesmas Magestades Portugueza, e Catholica acceitarão tambem a Garantia de todos os Reis, e Principes, e Republicas, que quizerem no termo de seis mezes ser Garantes da execução do presente Tra-

tado, com tanto que seja á satisfação de ambas as Magestades.

XXIV.

Todos os Artigos acima escriptos forão tratados, acordados, e estipulados entre os sobreditos Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios dos Senhores Reis de Portugal, e de Hespanha em nome de Suas Magestades. E promettem em virtude dos seus plenos poderes, que os ditos Artigos em geral, e cada hum em particular serão observados, cumpridos, e executados inviolavelmente pelos Senhores Reis seus Amos.

XXV.

As Ratificações do presente Tratado, dadas em boa, e devida forma, se trocarão de ambas as partes dentro do termo de cincoenta dias, contados da dita assignatura, ou mais cedo se for possivel.

Em fé do que, e em virtude das

Ordens, e plenos poderes, que nós abaixo assignados recebêmos de nossos Amos ElRei de Portugal, e ElRei Catholico de Hespanha, assignámos o presente Tratado, e lhe fizemos pôr o Sello de nossas Armas. Feito em Utrecht a 6 de Fevereiro de mil setecentos e quinze.

(L. S.) *Conde de Tarouca.*
(L. S.) *D. Luiz da Cunha.*
(L. S.) *El Duque de Ossuna.*

Seguem-se os plenos poderes dados por ambos os Monarchas aos seus Embaixadores, e as Ratificações dos mesmos Reis; a do Senhor D. João V. he do teor seguinte:

E sendo visto por mim o dito Tratado, depois de bem considerado, e examinado, approvo, ratifico, e confirmo tudo nelle contendo, e cada ponto em particular, e pela presente o dou por bom, firme, e valioso, promettendo em fé, e palavra Real, seguir, e cumprir inviolavelmente sua fórma, e teor, e fazello seguir,

observar, e cumprir, sem fazer, nem permittir se faça cousa alguma em contrario directa, ou indirectamente em qualquer modo que ser possa; renunciando todas as Leis, costumes, e todas as outras cousas que hajão em contrario; e para fé, e firmeza de tudo mandei passar a presente Carta de Approvação, Ratificação, e Confirmação por mim assignada, e sellada com o sello grande de minhas Armas. Dada na Cidade de Lisboa, aos nove dias do mez de Março. Antonio Pinto Coelho a fez, anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos, e quinze. Diogo de Mendonça Côrte Real a sobscrevi.

ElRei.

A Approvação d'ElRei de Hespanha he da mesma forma que a d'ElRei de Portugal.

Artigo separado.

Pelo presente Artigo separado, que terá a mesma força, e vigor, que se fosse comprehendido no Tratado de Paz, que hoje se concluio entre Suas Magestades Portugueza, e Catholica, e que deve ser ratificado como o dito Tratado, se ajustou pelos Embaixadores Extraordinarios, e Plenipotenciarios de ambas as Magestades, que o Commercio reciproco das duas Naçôes se restabeleça, e continue da mesma maneira, e com as mesmas seguranças, liberdades, izenções, franquezas, direitos de entradas, e sahidas, e todas as mais dependencias, com que se fazia antes da presente guerra, em quanto se não dispõe outra cousa, e se não declara a forma, em que se deve proseguir o Commercio entre as duas Naçôes.

Em fé do que, e em virtude das Ordens, e plenos poderes, que nós abaixo assignados recebêmos de nossos Amos ElRei de Portugal, e

ElRei Catholico de Hespanha, assignámos o presente Artigo, e lhe fizemos pôr o Sello de nossas Armas. Feito em Utrecht a seis de Fevereiro de mil setecentos e quinze.

(L. S.) *Conde de Tarouca.*
(L. S.) *D. Luiz da Cunha.*
(L. S.) *El Duque de Ossuna.*

E sendo visto por mim o dito Artigo, depois de bem considerado, e examinado, approvo, ratifico, e confirmo tudo nelle conteudo, e cada ponto em particular, e pela presente o dou por bom, firme, e valioso; promettendo em fé, e palavra Real, seguir, e cumprir inviolavelmente sua forma, e teor, e fazello seguir, observar, e cumprir, sem fazer, nem permittir se faça cousa alguma em contrario directa, ou indirectamente, em qualquer modo que ser possa; renunciando todas as Leis, costumes, e todas as outras cousas, que haja em contrario. E para fé, e firmeza de tudo mandei

passar a presente Carta de Approvação, Ratificação, e Confirmação, por mim assignada, e sellada com o Sello grande de minhas Armas. Dada nesta Cidade de Lisboa aos nove dias do mez de Março. Mathias Ribeiro da Costa a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1715. Diogo de Mendonça Côrte Real a sobscrevi.

ElRei.

Por outra igual Approvação ratificou ElRei D. Filippe o mesmo Artigo separado.

Logo a 6 de Abril do mesmo anno se publicou em Lisboa esta Paz com a solemnidade costumada, como já referimos na da França. Começou desde então a correr o trato, e commercio livremente entre os Vassallos de huma e outra Corôa. De Portugal foi Embaixador a Madrid Pedro de Vasconcellos e Sousa, Mestre de Campo General dos Exercitos d'ElRei, e de Hespanha veio para Portugal o Marquez de Capellatro,

Com a publicação da Paz começárão os povos a gozar de huma tranquilla felicidade, porque não só se vírão livres de inevitaveis vexações, que comsigo traz a guerra, mas livres de alguns tributos que forão logo levantados. ElRei tendo particular cuidado em alliviar os seus povos dos tributos, que tinhão pela occasião da guerra, foi servido por Resolução de 17 de Setembro mandar declarar á Junta dos Tres Estados, que no anno seguinte se não lançasse o usual, nem tambem a decima, e fossem sómente os quatro e meio por cento, e tambem ficassem as sisas dobradas. Para isto tinha primeiro reformado o Exercito por Decreto de 20 de Agosto, determinando que dos trinta e quatro Regimentos de Infanteria de lotação de seiscentas praças cada hum que havia no Reino, se formassem vinte Regimentos de quinhentos homens cada hum, repartidos em dez Companhias de cincoenta praças cada huma, inclusos os Officiaes dellas; além dos dois Regimentos da

Armada Real, e da Junta do Commercio, que erão da lotação de mil homens cada hum, e do da Cidade do Porto, os quaes por não serem pagos pelas repartições das Fronteiras, ficárão na mesma forma em que se achavão; importando por este modo toda a Infanteria em doze mil e seiscentos homens.

Em quanto á Cavallaria ordenou, que dos vinte Regimentos de Cavallaria que havia de lotação de oitenta cavallos cada hum, se escolhessem tres mil, e delles se formassem dez Regimentos de trezentos cavallos, repartidos em dez Companhias, tendo cada huma trinta, inclusos os Officiaes dellas; e assim mais dois Soldados desmontados para supprirem as faltas dos doentes.

Os Regimentos de Cavallaria se formárão da maneira seguinte: de dois que havia na Côrte se escolhêrão doze Companhias, e do Alemtéjo vierão oito para complemento das vinte, que na Provincia da Estremadura ficarão perfazendo dois Regimentos.

Dos da Provincia do Alemtéjo, e dos do Reino do Algarve se formárão quarenta e oito tropas, vindo as oito para a Côrte, e as quarenta ficando naquella Provincia em quatro Regimentos.

Dos dois Regimentos que havia na Provincia da Beira, se escolhêrão doze tropas, que com oito que forão da Provincia do Minho, fizerão vinte para os dois Regimentos de Cavallaria que ficárão na dita Provincia.

Na de Tras os Montes havia tres Regimentos de Cavallaria, dos quaes se escolhêrão dezeseis tropas, e da Provincia do Minho vierão quatro para fazer o computo de dois Regimentos que ficárão naquella Provincia.

No Reino do Algarve, e na dita Provincia do Minho não ficou Cavallaria alguma. Em quanto á Infantaria, ficárão cinco Regimentos em Lisboa, e Provincia da Estremadura. No Alemtéjo sete. Na Beira dois. Na de Tras os Montes dois. Na do Mi-

pho dois. E no Reino do Algarve dois.

CAPITULO XVII.

Dá-se noticia de huma Academia de Historia Ecclesiastica em Lisboa.

APRESENTANDO Monsenhor Ferrão, Nuncio Extraordinario de Sua Santidade, a 25 de Julho de 1715, ao Senhor Rei D. João V. em audiencia publica as faxas, que o Papa Clemente XI. mandava de presente ao Principe D. José, como he costume, recebeo ordem do mesmo Rei para ficar continuando a sua assistencia nesta Côrte, e tratar nella alguns negocios da Santa Sé. A grande applicação, que elle tinha ás letras, lhe fez erigir no seu Palacio huma doutissima Academia de conferencias lit-

terarias sobre a Historia, e Canones Sagrados, em que houverão as seguintes conferencias.

Sessão I.

No dia 24 de Agosto deste mesmo anno se fez a primeira Sessão, em que se discorreo sobre a Historia, Canones, e Dogmas do Sagrado Concilio Niceno, assistindo a ella o Cardeal da Cunha, e Monsenhor Bicchi, Nuncio Apostolico ordinario nesta Côrte, alguns Senhores da primeira qualidade, e os Religiosos mais doutos dos Conventos desta Côrte. Abrio a conferencia com huma muito erudita, e eloquente oração o Conde da Ericeira; fazendo-se digno acrédor do applauso de todos os Academicos. Os sujeitos, a quem coube em sorte por bilhetes o discorrer nesta primeira Sessão, forão I. o P. M. Fr. José da Purificação, Religioso da Ordem de S. Domingos, Lente de Theologia, sobre a Historia do dito Concilio. II. O Doutor João da Motta, Cone-

go Magistral da Capella Real, sobre os Sagrados Canones. III. O Padre João Tavares, da Companhia de Jesus, sobre os Dogmas: todos douta, e eruditamente com approvação do auditorio.

Sessão II.

Foi a segunda Sessão a 2 de Outubro. Discorreo-se nella sobre o Sagrado Concilio Sardiquense, que se celebrou contra os Arrianos no anno de Christo 347. Assistio o Cardeal da Cunha, e muitos Cavalleiros, Titulos, e outros Senhores da Côrte, muitos Prelados, e tanto concursso de pessoas que muitas não puderão ter lugar na Camera da Assemblea. As pessoas, a quem coube por sorte de bilhetes o discorrer nesta Sessão, forão o Padre Manoel de Oliveira, da Companhia de Jesus, que discorreo sobre a Historia deste Concilio. O Padre Mestre Fr. Fernando de Avreu, Religioso da Ordem de S. Domingos, que discorreo sobre os

Sagrados Canones. O Padre Pedro Alvares, da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri, a quem tocou discorrer sobre os Sagrados Dogmas. Houverão muitas proposições, e difficuldades dos outros Academicos, que fizerão a tarde muito divertida, e muito util.

Sessão III.

Fez-se a terceira Assemblea a 3 de Novembro. Discorreo-se sobre o primeiro, e segundo Concilio Geral de Constantinopla, celebrado o primeiro no anno de Christo 381, governando a Igreja de Deos o glorioso Pontifice S. Damaso, e o Imperio Theodosio o Grande, convocado para sustentar o Niceno, e condemnar os erros de Macedonio: o segundo no anno de 553 no Pontificado de Vigilio, e Imperio de Justiniano, em que se condemnárão as heresias de Nestorio, Eutiches, Origines, e de outros. Fez a lição historica o Padre Fr. Miguel de Santa Maria, da

Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. A do Ponto Canonico tocou ao Padre D. Manoel de Tojal da Silva, Clerigo Regular da Divina Providencia. Fez a dos Dogmas o Padre Duarte Jones, Reitor do Collegio de S. Pedro, e S. Paulo da Nação Ingleza. Sobre os mesmos Concilios fez hum discurso mui erudito, e mui discreto o Conde da Ericeira. Concluio-se o acto com varios argumentos, e assistírão o Cardeal da Cunha, o Embaixador de França, muitos Senhores da Côrte, e grande número de Religiosos, e pessoas doutas.

Sessão IV.

No dia 31. de Dezembro se fez a quarta Conferencia. Foi o assumpto o Sagrado Concilio de Epheso, terceiro Geral da Igreja, celebrado na Cidade deste nome na Provincia de Jonia na Asia menor contra a heresia de Nestorio Patriarcha de Constantinopla, no anno de Christo 431, governando a Igreja de Deos o Papa

S. Celestino, primeiro deste nome. Discorrêrão sobre elle o Doutor, e Abbade D. João André Tria, Auditor da Nunciatura; o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular da Divina Providencia; o Doutor Fr. Gabriel Coutinho, Religioso da Ordem de Cister, e Lente de Theologia na Universidade de Coimbra; o primeiro sobre a Historia, o segundo sobre os Canones, o terceiro sobre os Dogmas. Sobre a mesma materia fez tambem hum discurso tão erudito, como discreto, o Conde da Ericeira. Movêrão outros Academicos varias duvidas, e difficuldades, sobre que houverão eruditissimos argumentos, merecedores de grandes applausos que tiverão. Assistírão a este Acto o Cardeal da Cunha, Monsenhor Bicchi, Nuncio nestes Reinos, o Embaixador de França, muitos Conselheiros d'Estado, e Sabios mais conspicuos desta Côrte.

Sessão V.

A 19 de Abril de 1716 se fez a quinta Sessão. Foi o assumpto della o Sagrado Concilio Calcedonense, que he o quarto dos Geraes, celebrado no anno do Senhor 451, com a assistencia de 636 Prelados em Calcedonia, Cidade da Bithinia; contra os erros de Eutiches, que negava duas naturezas em Christo Senhor Nosso. Discorreo sobre a Historia deste Concilio o Padre Mestre Fr. Caetano de S. José, Religioso Carmelita Descalço, a que se seguio o Conde de Villarmaior com hum elegantissimo Poema Latino, recopilando nelle quanto se póde dizer sobre o dito Concilio, tanto a respeito da Historia, como dos Canones, e Dogmas. O Doutor João da Motta da Silva, Conego Magistral da Capella Real, discorreo sobre os Sagrados Canones, e especialmente sobre o setimo. Sobre os Dogmas discorreo o Padre João Antunes da Congregação do Oratorio. O Conde da Ericeira

fez tambem hum discurso muito elegante. Houverão muitos argumentos, e concorrêrão a este Acto as pessoas mais illustres, e mais sabias da Côrte.

Sessão VI.

No dia 28 de Junho teve lugar na Academia a sexta Sessão. Foi o assumpto desta conferencia o V. Concilio Geral, que he o II. celebrado em Constantinopla no anno de Christo 553, sendo Pontifice da Igreja de Deos Vigilio I., e Imperador Justiniano, no qual com assistencia de 163 Prelados, forão condemnadas as heresias de Origenes, e seus sequazes, a pessoa, e escriptos de Theodoro Bispo de Mopsuestia, os escriptos de Theodoreto Bispo de Cyro contra S. Cyrillo, e a Epistola de Ibas de Edessa a Martim Persiano sobre o mesmo S. Cyrillo. Discorrêrão sobre a sua Historia o Abbade Tria, Auditor da Nunciatura. Sobre os Canones o Padre Mestre Fr. Gabriel Coutinho, da Ordem de S. Bernardo; e sobre os Dogmas o Padre Mestre Fr. Miguel

de Santa Maria, da Ordem de Santo Agostinho. O Conde da Ericeira fez tambem huma erudita oração na lingoa Portugueza, discorrendo por todas as tres materias desta Conferencia. Houverão muitos argumentos, e grande concurso de pessoas doutas, e illustres, com assistencia de Monsenhor Bicchi, Nuncio ordinario de Sua Santidade nesta Côrte, e de muitos Ministros Estrangeiros.

Sendo porém nomeado o Monsenhor Farrao pelo Papa para passar á República dos Esguizaros, com o emprego de Nuncio ordinario de Sua Santidade, sahio desta Côrte a 13 de Novembro de 1716 em hum navio Hollandez, que o devia conduzir a hum dos portos da França, havendo sido acompanhado abordo por Monsenhor Bicchi, Nuncio Apostolico, e pelos Embaixadores de França, e Hespanha até á enseada de S. José de Ribamar, onde a Torre de Belém o salvou com treze peças, e então se acabou esta Academia.

CAPITULO XVIII.

Trasladação solemne das gloriosas Servas do Senhor Santa Tereza, e Santa Sancha Infantas de Portugal, Beatificadas pelo Papa Clemente XI.

ANTES de darmos principio a esta Trasladação, faz-se perciso fazermos memoria de tão gloriosas Santas. Foi a Rainha D. Tereza filha d'ElRei D. Sancho I. segundo Rei de Portugal, e de sua mulher a Rainha D. Dulce. No fim do anno de 1190, a casou ElRei seu Pai com ElRei D. Affonso IX. de Leão seu primo, e por não haver precedido a licença necessaria para este matrimonio, o deo por nullo o Papa Innocencio III. pouco antes, ou depois do anno de 1195. Precisada a separar-se de seu marido, se recolheo a

Portugal, deixando já em Leão tres filhos, que forão os Infantes D. Fernando, e D. Dulce, que fallecêrão sem estado, e a Infanta D. Sancha, Religiosa no Mosteiro de Santa Eufemia de Cozelhos, que em idade de oitenta annos, resplandecendo em muitas virtudes, passou á eternidade deixando o seu corpo incorrupto.

Restituida a este Reino, lhe fez ElRei D. Sancho seu pai doação das Villas de Monte-Mór o Velho, e Esgueira. Pertendeo depois ElRei D. Affonso II. seu irmão, que lhe largasse a Santa Rainha estas terras. Entendeo ella poder-lhas defender com a Justiça. Chegárão ás armas, e favorecêrão as de Leão o seu partido. Depois de varios successos vierão a compor-se, ficando as condições do ajuste na decisão do Pontifice; porém não se executou este arbitrio naquelle Reinado, e tudo ficou indeciso até ao anno de 1223, que foi o primeiro do governo d'ElRei D. Sancho II. seu sobrinho.

Herdeira da devoção, que o Se-

renissimo Rei D. Affonso Henriques, seu Avô, teve á Religião de S. Bernardo, houve por transacção feita com os Monges do glorioso Patriarcha S. Bento, e depois por demanda, o Mosteiro de Lorvão, situado na distancia de duas legoas da Cidade de Coimbra, (residencia então ordinaria da Côrte Portugueza) e o deo ás Religiosas daquella Ordem, com as quaes se recolheo depois, vestindo o seu Habito. Alli com orações, e abstinencias fez exemplarissima a sua vida. Vestia camisa de estamenha, e pannos ordinarios, e grosseiros. Visitava as Religiosas enfermas, repartia com os pobres a maior parte das suas rendas, e anticipava muitas vezes o tempo ás Matinas. Os seus divertimentos erão as mortificações, a sua recreação a penitencia; e com esta prevenção esperava os combates da morte. Certa de que se chegava a hora de deixar o Mundo, ordenou que a levassem ao Côro, onde ao tempo que as Religiosas entoavão o cantico da *Magnificat*, e chegavão

ao verso: *Suscepit Israel puerum suum*, com grande contrição, e notavel edificação de todas entregou ao Senhor o seu espirito.

A Santa Infanta D. Sancha foi filha segunda d'ElRei D. Sancho I. Ignora-se tambem o anno do seu nascimento; mas acha-se já confirmando as doações reaes no anno de 1186. Inclinou-se desde os seus primeiros annos á vida Religiosa, e com a lição das acções dos Santos se graduou na virtude.

Viveo algum tempo na Villa d'Alemquer, de que foi Senhora; e alli estando em oração, lhe apparecêrão gloriosos os cinco Martires de Marrocos, primeiras victimas da minha Serafica Religião, a quem antes da sua Missão tinha hospedado. Nesta fundou tambem o Convento de S. Francisco em obsequio deste glorioso Patriarcha, de quem foi devotissima.

Ainda no seculo consagrou a Deos a sua virgindade, e fez voto de entrar na Clausura. Assistio algum

tempo no Real Mosteiro de Lorvão com a Rainha Santa Tereza sua irmã; e affeiçoada a tão louvavel modo de vida, se resolveo a fundar outro da mesma Ordem, em que passasse o restante de seus annos. Fundou com effeito o de Cellas, junto á Cidade de Coimbra, em 1215 pouco mais, ou menos; e recebendo o Habito de Cister, observou tão exacta, como gloriosamente a Santa Regra, de que fez profissão. Cheia de merecimentos, e de virtudes falleceo no dia 13 de de Março de 1229, no seu Convento, donde a Rainha Santa Tereza sua irmã fez conduzir o seu corpo para o de Lorvão, e lhe deo sepultura na que tinha mandado fazer para seu jazigo.

Pelos merecimentos, e intercessão destas Santas foi sempre constante, depois de seus gloriosos transitos, alcançarem saude muitas pessoas, invocando o seu patrocinio, particularmente as que padecem febres, e cesões. De muitos milagres deste genero mandou fazer hum summario au-

thentico pelos ditos de testemunhas gravissimas o Reverendissimo D. Fr. Lourenço do Espirito Santo, Geral que foi da Ordem de S. Bernardo; e fizerão depois nova inquirição o Padre Fr. Antonio da Conceição, Abbade Reitor do Collegio de S. Bernardo de Coimbra, com o grande Fr. Bernardo de Brito, Chronista-Mór, que depois foi deste Reino; e de ambas estas diligencias se averiguárão casos mui notaveis, succedidos em prova, e abono da santidade de ambas. O Padre Fr. Antonio Brandão no livro 15 Cap. X. da quarta parte da Monarquia Lusitana refere outros, que succedêrão quando forão trasladados os seus tumulos do Côro, onde estiverão, para os lugares da Igreja, em que se achavão.

Tratava da sua Beatificação El-Rei D. Sebastião de sempre lastimosa memoria; mas o infeliz successo d'Alcacer suspendeo esta diligencia. Foi depois a Sagrada Religião de S. Bernardo que o conseguio, alcançando esta graça do Papa Clemente

XI. por Bulla passada em 14 de Dezembro de 1705, pelas activas representações, e efficaz deprecação, que em seu nome lhe fez o Padre Doutor Fr. Bernardo de Castello-Branco, Lente de Theologia na Universidade de Coimbra, assistindo muito tempo na Côrte de Roma com esta incumbencia.

Beatificadas as Serinissimas Princezas, determinou a Abbadessa do Real Mosteiro de Lorvão, D. Bernarda Telles de Menezes, fazer trasladar os seus veneraveis corpos do Altar em que estavão, para a Capella-Mór da sua Igreja, onde aos lados do Altar se fizerão outros, para ficarem expostos com mais decencia ao culto dos Fieis. Para este effeito dando-se a mão com o Real Mosteiro de Alcobaça, e concorrendo tambem para a despeza os mais Conventos da sua Ordem, se mandárão fabricar para seu deposito dois cofres de prata batida ao martello, os quaes fez na Cidade do Porto Manoel Car-

seiro da Silva, artifice insigne em manufacturas de prata.

Feita assim esta, e outras precisas disposições supplicárão a Abbadessa, e mais Religiosas ao D. Abbade Geral da sua Ordem, que neste tempo era D. Fr. Antonio do Quintal, pedisse licença a ElRei para fazer esta Trasladação; o que elle executou alcançando a dita licença com muita satisfação d'ElRei, cuja licença o D. Abbade-Geral communicou ao Bispo de Coimbra como Prelado da Diocese, em que se acha incluido o territorio de Lorvão, o qual era D. Antonio de Vasconcellos de Sousa, Conde de Arganil, do Conselho de Sua Magestade, e seu Sumilher da Cortina.

Disposto tudo para esta Trasladação, chegou a tarde do dia 19 de Outubro deste anno, destinada pelo Bispo Conde para a vistoria, e exame das Santas Reliquias, e concorrêrão á Igreja do Real Mosteiro o Bispo com o seu Cabido, o D. Ab-

bade Geral com todos os seus Abbades, e varios Religiosos da sua Ordem; muitos de outras differentes, com grande número de pessoas Ecclesiasticas, e seculares; sem faltar a Camara de Coimbra; e na presença de todos, vindo os artifices, e instrumentos necessarios, se abrírão os dois tumulos de marmore, que estavão em huma das Capellas collateraes, principiando pelo da Rainha Santa Tereza, onde se lia hum Epitafio em latim que em Portuguez he o seguinte:

"Aqui descança a Rainha D. Tereza filha d'ElRei D. Sancho I. de Portugal, a qual havendo sido casada algum tempo com ElRei de Leão D. Affonso IX. annullado o matrimonio, desprezando as cousas do mundo, vestindo o habito Cisterciense neste Convento de Lorvão, que por sua industria passou dos Monges de S. Bento para as Religiosas de S. Bernardo; e perseverando nelle mais de 20 annos, falleceo com

muitos applausos de prudente, generosa, modesta, cheia de muitas virtudes, e com maravilhosos prodigios de Santidade no anno do Senhor 1250."

Aberto, se achou dentro o corpo da gloriosa Rainha de Leão Santa Tereza, cuberto com hum véo de tafetá branco, os ossos já sem carne, nem pelle, mas todos unidos, e organizados na forma da composição de hum corpo humano, havendo 465 annos que o sepultárão, e só se achava separada delle a cabeça. Depois de feito o exame ordenado pelo Ritual Romano, se involvêrão as Santas Reliquias em hum finissimo panno de cambray, e lhe sobrevestirão a Cogulla da Ordem de S. Bernardo, pondo-lhe tambem toucado, e véo de Religiosa, e logo na presença do Bispo Conde, e do D. Abbade Geral foi mudado do tumulo para o precioso cofre de prata, que lhe estava prevenido, o qual tinha oito palmos de comprimento,

dois emeio de largo, com altura proporcionada a esta medida; a prata figurada em ramos, e flôres com pedraria de cores differentes nellas engastada, e tudo assentado sobre veludo carmesim, deixando claros de hum, e outro lado para se poderem vêr pelo diafano dos cristallinos vidros, que os occupavão as sagradas Reliquias. A tampa, em tudo obra superior, forma hum throno, sobre o qual descança nas mãos de dois Anjos huma Corôa, pela qual sahem quatro açucenas, tudo do mesmo metal; o encaixe se cobre com huma bem lavrada cornija, a que nos quatro angúlos servem de remates outras tantas figuras de Anjos. Na primeira face tem formada huma tarja com a Imagem da Santa Rainha vestida no Habito de S. Bernardo com hum escudo aos pés partido em pala; do lado direito as Armas de Leão, de que foi Rainha; no esquerdo as de Portugal, onde nasceo Infanta, e esta letra: *Sancta Teresia Regina.* Na face ulterior, e lugar correspon-

dente á primeira se forma outra tarja, em que se vem humas letras complicadas, cifra do nome da Prelada, em cujo triennio se fez a obra, e junto a ella hum escudo atravessado com hum banda xadrezada entre duas flôres de Lis, que são as Armas da illustre Ordem de Cister, herdadas do seu glorioso Patriarcha. Da parte da cabeceira ha outra tarja, que expõe huma cruz, e por cima duas mãos dadas com esta inscripção: *Ratis haec junctis*. Na correspondente ha outra tarja, e nella esculpido em meio relevo hum Mosteiro com este Epigraphe: *Hic tutior*. Em fim he a obra deste cofre de primor tão relevante, que iguala ao precioso da materia; he todo forrado por dentro de riquissima téla encarnada com colchões, e almofadas da mesma peça, e em tudo dignissimo do precioso deposito que guarda.

Passou-se ao exame do segundo tumulo, que estava vizinho ao primeiro com hum epitaphio em latim, que traduzido diz o seguinte:

"A Infanta D. Sancha filha de ElRei D. Sancho I. de Portugal, que em todo o discurso da sua vida applicada a obras de virtude consagrou a sua virgindade ao Senhor, seguindo a vida monastica no Convento de Cellas, que edificou junto aos muros de Coimbra; e resplandecendo nelle com os ornatos das maiores virtudes, e fama de grande Santidade, falleceo no anno do Senhor 1229, foi trasladada por sua irmã para este Templo de Lorvão, e reposa neste tumulo."

Levantada a pedra que o cobria, se achou dentro hum caixão de madeira sem cobertura, e nelle o corpo da Santa Infanta, coberto com hum véo de tafetá, o qual tirado com a veneração, e respeito, que se deve a Reliquias igualmente Santas, e Reaes, como se praticou com a gloriosa Rainha sua irmã, se vio todo unido, e inteiro, sem embargo de se haver sepultado 480 annos antes, com os

braços cruzados sobre o peito, e estes organizados com a composição de ossos, e nervos cubertos com a pelle, e carne; todo o peito composto, e cuberto com a cuticula sem lhe apparecer nenhuma das costellas; e fazendo exame o Doutor Manoel dos Reis de Sousa, Lente de Medicina na Universidade de Coimbra, e o Doutor Francisco de Oliveira Raposo, Medico do Mosteiro, pelo contacto do pulso, e artelho declarárão que se achava brandura na carne. Só se achava separada dos hombros a cabeça, e sem carne, nem pelle, por cuja causa pôde o D. Abbade-Geral tirar-lhe hum osso grande da graganta; o qual mettido em hum relicario com sua authentica deo depois ao Senhor Rei D. João V.

Feito este exame, se involveo o veneravel corpo em hum panno de cambray, vestio-se-lhe a Cogulla, reunio-se-lhe a cabeça, em que se lhe poz o ordinario toucado, e véo das mais Religiosas; e foi trasladado para o cofre de prata, que se lhe

tinha destinado; o qual era em tudo semelhante ao primeiro na grandeza, estructura e excellencia da Obra; differente só nas figuras, emblemas, e epigraphes. Vê-se na tarja da primeira face a imagem da mesma Santa polidamente formada, com esta inscripção: *Sancta Sanctia Infans*, e ao pé hum escudo com as Armas de Portugal. Na da cabeceira duas Corôas, huma Real, outra de espinhos com esta letra: *Per hanc ad illam.* Na da parte dos pés duas mãos dadas com esta letra: *Felicitas temporum*, e no remate do meio huma Corôa, por onde sahem quatro palmas. O forro, e mais ornatos erão correspondentes aos do outro. Fechárão-se ambos cada hum com duas chaves differentes, e derão-se duas de cada hum ao Bispo, por prevenção, huma de prata, outra de aço; ambas de curioso invento, e muito bem obradas. Ficou o D. Abbade-Geral com outras duas dos mesmos metaes, mas com differentes guardas: desorte que em nenhum tempo se poderão abrir sem

concorrerem presentes o Bispo de Coimbra, e o D. Abbade-Geral da Ordem de S. Bernardo. Fechados se collocárão em dois Altares da parte da Epistola, rodeados de hum grande número de tochas, que estiverão ardendo sempre até ao dia da Procissão, renovando-se de tempo em tempo com o mesmo número. Assistírão a este acto, além de todas as pessoas referidas, o Provisor do Bispo Conde, e alguns Notarios, que de tudo passárão instrumentos authenticos por ordem do mesmo Bispo. Acabou-se a função pelas dez horas da noite, o tempo que já o Mosteiro se achava todo illuminado pela multidão de luzes que o rodeavão.

Amanheceo o dia 20 de Outubro, e deo-se principio ao solemnissimo triduo. Entrou na Igreja á hora competente o Bispo Conde, e foi recebido com o *Te Deum*. Expoz-se o Santissimo Sacramento; e celebrou a Missa em Pontifical na forma determinada no Ceremonial dos Bispos o Doutor Fr. Bernardo de Castro,

D. Abbade, e Reitor do Real Collegio de S. Bernardo; assistindo o Bispo Conde no seu sitial; o D. Abbade-Geral no seu faldistorio com habito Prelaticio; os Dons Abbades, os Reverendos Conegos, e o nobre Senado de Coimbra; todos nos lugares que se lhes tinhão destinado, nos quaes assistírão todos os tres dias da festa.

De tarde houve grande musica, e Sermão, que prégou o Padre Mestre Doutor Fr. Manoel da Rocha, Religioso de S. Bernardo, e no fim se encerrou o Santissimo.

No dia seguinte cantou a Missa o Padre Mestre Doutor Fr. Bernardo de Castello-Branco, da mesma ordem, e Chronista-Mór do Reino, e cuja deligencia, e cuidado se deve a Beatificação das inclitas Princezas.

De tarde se cantárão Vesperas com toda a solemnidade officiadas pelo Bispo Conde. Depois houve o Sermão, que prégou o Padre Mestre

Doutor Fr. Marcos da Silva, Monge de S. Bernardo. No fim delle cantárão as Religiosas as Matinas do Commum das Virgens. Tornou a officiar em Cabido, e Pontifical o Bispo Conde; e acabadas as Matinas, se encerrou o Senhor, e deo fim a festa deste dia, repetindo-se de noite as das precedentes.

No terceiro, e ultimo dia foi mais solemne a festividade. Expoz-se como nos precedentes o Santissimo Sacramento. Celebrou a Missa Pontificalmente o Bispo Conde. De tarde houve Sermão que prégou o Padre Mestre Fr. João Barbarica, Monge de S. Bernardo. Encerrou-se o Santissimo, e depois se fez a solemne Procissão, indo os dois cofres das Reliquias debaixo de dois ricos Pallios. Chegando á Capella-Mór incensou o Bispo Conde os lugares, em que devião collocar os preciosos cofres, nos quaes com effeito se puzerão; ficando a Rainha Santa Tereza da parte do Evangelho, o da Infanta Santa Sancha da parte da Epistola;

e expostas as suas Reliquias á pública, e devota veneração dos Fieis. Feita assim como fica referido a sua Trasladação, repetio o Bispo o culto do incenso, e cantando elle mesmo a oração propria daquelle acto, a que respondeo a Musica, se deo fim a este célebre triduo, e á magnifica solemnidade da festa.

A 10 de Dezembro falleceo de doença o Conde de Avintes D. Antonio d'Almeida, do Conselho d'Estado, e Guerra de Sua Magestade, Mestre de Campo General, que foi na ultima guerra, e Governador da Provincia de Traz os Montes, e do Reino do Algarve, em idade de 75 annos.

CAPITULO XIX.

Soccorre ElRei de Portugal ao Papa contra o Turco; e dá-se noticia do memoravel sitio de Corfú.

TENDO o Papa Clemente XI pedido com instancias soccorro contra os Turcos ao Senhor Rei D. João V. por hum Breve feito a 18 de Janeiro de 1715, escreveo ultimamente huma carta de sua propria mão, feita
1716 a 18 de Janeiro do anno seguinte, em que lhe referia o estado, em que a Christandade se via, atemorizada pela arrogancia do Imperio Ottomano, que ameaçava a Ilha de Corfú, depois de haverem os Turcos conquistado aos Venezianos a Moréa; rogando a ElRei, lhe mandasse huma esquadra, para que unindo-se á da Igreja, e de outros Principes, se oppu-

zesse á Armada Ottomana, que soberba intentava pôr Italia na ultima ruina. Antes de darmos relação da Esquadra que ElRei lhe mandou logo aprompтar, daremos algumas noticias deste sitio.

O sitio de Corfú pôz em cuidado toda a Italia, e levou as attenções de toda a Europa; não só pelo empenho com que os Turcos procurárão fazer-se senhores daquella Ilha, mas pelas vantagens, que lhes daria o seu dominio; e para se conhecer a sua importancia, será preciso descrever a sua situação.

Esta Ilha he a mesma, que os Gregos conhecêrão com o nome de Phæacia, e os Latinos com o de Corcyra, célebre já pela sua fertilidade, nas horras d'ElRei Alcinoo, pela admiravel musa do grande Homero. A sua figura se assemelha a huma fouce, por cuja razão Climaco a chamou Drepano, que vale o mesmo na lingoa Grega. Jaz situada no mar Jonio, que he o que medêa entre Napoles, e Epiro, tão chegada á Cos-

ta desta ultima Provincia da parte do Levante, que na ponta do Sul dista sómente della o espaço de seis legoas, e na do Norte apenas se contão duas de distancia; tão vizinha á garganta do mar Adriatico, que parece Atalaia, que alli formou a Natureza para a defender. Tem de comprimento dezoito legoas, na sua maior largura oito, e em circumferencia quarenta, com clima saudavel, terreno fertil, povoado de oliveiras, de vinhas, e bosques de arvores de espinho, com vinhos delicados, e deliciosas fructas. Dividia-se em quatro Baliados, ou Comarcas; o de Leuchin, em que havia vinte e cinco povoações, e mais de dez mil almas; o de Leros com outras vinte e cinco, e oito mil habitantes; o de Agiru com vinte villas, e oito mil moradores; e o do meio com trinta lugares, e mais de vinte e cinco mil pessoas. Nesta se acha situada a Cidade de Corfú, cabeça de toda a Ilha, fundada pelos Corinthios no anno 52 da fundação de Roma; forte por

natureza, e arte; porque he situada na extremidade de huma Peninsula, que lhe forma hum porto entre o Septentrião, e o Oriente, com hum surgidouro mui capaz; porque na sua fortificação se empenhárão mais os Venezianos, que em nenhuma dos outros lugares, e portos da mesma Ilha. Tinha duas grandes fortalezas, a que chamão Cidadellas, huma ao Occidente, que a defende pela parte da terra, outra ao Sul, que tambem lhe ampara o seu porto. As outras obras se acompanhavão de tudo o que póde fazer huma Praça capaz de grande resistencia. Os povoadores são pela maior parte Gregos, divididos na Religião; porque huns seguem o Rito Latino, outros o Grego. Os do primeiro obedecem a hum Arcebispo, que nesta Cidade tem a sua Sé Metropolitana em huma Igreja de construcção magnifica. Os do segundo, que são muitos em número, a hum Vigario Geral do Patriarcha de Constantinopla, a que chamão Protopapa.

Estive a Ilha de Corfú no dominio dos Reis de Nápoles muitos annos, até que no de 1386 reinando a Rainha Joanna a primeira, se passarão os seus moradores ao da Republica de Veneza, que se soube aproveitar das desordens, que naquelle Reino causárão as parcialidades dos Duques de Anjou, e Durazzo. Pertendeo depois recobralla dos Venezianos ElRei Ladislão o Magnanimo; e vierão a compor-se, cedendo-lhe este Principe no anno de 1402. pela quantia de trinta mil Ducados.

Crescendo com os forsbos dos Turcos o seu Imperio, e a sua ambição, procurárão elles fazer-se Senhores desta Ilha, para franquear o caminho da Italia, cujo dominio desejárão sempre; porque tendo nella as suas Armadas, não só podião adiantar com facilidade as suas conquistas, mas nem huma só embarcação podia sahir do golfo de Veneza, sem lhes cahir nas mãos; e as Costas do Estado Ecclesiastico, e as do Reino de Napoles, serião continuamente

infestadas dos seus Corsarios, e opprimidas das suas invasões. Por esta razão he chamada Corfú o Baluarte da Italia, e o porto do golfo de Veneza, e nesta consideração dispendêrão os Venezianos sommas immensas, para a fazerem inconquistavel.

No anno de 1537 a invadio por ordem do Sultão Solimão II. o famoso Cheredin Barbaroxa. Recorrêrão os Venezianos ao Papa, e ao Imperador, pedindo-lhes soccorro para a sua conservação, depois de lhes representarem as consequências da sua perda; mas antes que as forças auxiliares se unissem ás suas, tiverão a fortuna de o fazer retirar cheio de injuria, e de vergonha.

No anno de 1716 orgulhoso Achmet II. Sultão dos Turcos com os bons successos, que as suas Armas tiverão na conquista da Moréa, entendendo que os Venezianos se tinhão esquecido daquelle valor, com que já se fizerão celébres no Mundo, premeditou a mesma empreza. Tinha noticia a Republica, e soava já

por toda a Europa o ruido dos aprestos militares, e navaes dos Ottomanos; mas ignorava-se o designio, e fazia a desconfiança geral a prevenção. Dispoz a Republica o provimento das suas Praças, e particularmente o de Corfú, procurou tropas em varias partes da Helvecia, e de Alemanha, proveo-se de Generaes de reconhecido valor, e pratica militar. Ajustou alliança offensiva, e defensiva com o Imperador d'Alemanha, engrossou a sua Armada, pedio por via de Sua Santidade soccorros navaes aos Principes Christãos, e começou a esperar os movimentos do seu contrario, fazendo invernar a sua Armada na mesma Ilha de Corfú.

De Portugal sahio em soccorro desta Ilha huma luzida Esquadra, a 5 de Julho do mesmo anno, á ordem do Conde do Rio Grande Lopo Furtado de Mendonça, Almirante da Armada Real, do Conselho de Guerra, que no mar, e na terra havia servido com reputação, dando do seu valor, e experiencias repetidas de-

monstrações desde os seus primeiros annos. Erão os Cabos Subalternos o Conde de S. Vicente, General de Batalha do mar; e Pedro de Sousa de Castello Branco, Senhor do Guardão, Coronel do Regimento da Marinha. Compunha-se a Esquadra de seis Náos de guerra, e hum Brulote, hum Hóspital, e huma Tartana armada em guerra. Na Capitania, que era da invocação de Nossa Senhora da Conceição, de oitenta peças, embarcou o General Conde do Rio; o Coronel Pedro Gonçalvel da Camara Coutinho com o seu Regimento, a que se havião aggregado o Conde da Ilha do Principe Antonio Carneiro de Sousa, Coronel de Infantaria, e seu irmão Bernardo Carneiro, e outros Fidalgos que embarcárão pela occasião, e que tinhão servido na guerra com muita reputação: os Capitães de Mar, e Guerra da Capitania erão Antonio Duarte, Luiz de Abreu Prégo, e João Baptista Rolhano. Na Assumpção, que servia de Almiranta, de sessenta e seis peças, embarcou

o Conde de S. Vicente com os Capitães de Mar e Guerra Bernardino Freire de Andrade, e Luiz de Queirós. Na de Nossa Senhora das Necessidades, tambem de sessenta e seis peças, que servia de Fiscal, embarcou Pedro de Sousa de Castello-Branco com os Capitães de Mar e Guerra Simão Porto, e Francisco Dias Rego. Na Santa Rosa, tambem de sessenta e seis peças, os Capitães de Mar e Guerra Gilbert do Biscaye, e Bartholomeu Freire. Na Rainha dos Anjos, de cincoenta e quatro peças, o Capitão de Mar e Guerra Manoel Pereira de Avila. Em a Nao Nossa Senhora do Pilar, de quarenta peças, o Capitão de Mar e Guerra Antonio Lopes. No Brulote chamado Santo Antonio, de quatro peças, o Capitão Jorge Mathias de Sottomayor. Embarcárão nesta Esquadra por voluntarios o Conde de Arcos D. Thomaz de Noronha, Brigadeiro da Cavallaria, José Bernardo de Tavora, filho do Conde General da Armada, Capitão de Cavallos, Miguel João

Botelho, filho do Conde de S. Miguel; Jorge de Sousa Meneses, Irmão do Conde de Villa-Flor; Dom Antonio da Silveira, Capitão de Cavallos; Mordomo da Rainha D. Luiza Luiza de Sousa Tavares Silveira; Vedor da Casa da Rainha; Pedro Alvares Cabral, Senhor de Azurara; o Alcaide Mór de Belmonte; João de Sousa Coutinho, irmão do Conde Mór do Reino, e Capitão de Infantaria; Antonio de Mello de Castro; Rodrigo de Figueiredo de Aguiar; Francisco de Vasconcellos de Bentaberra, e outros filhos principaes destes Senhores. Diogo de Napoles de Norohna, filho de Dom Thomaz de Napoles de Noronha; Diogo Rangel Thomaz de Macedo, filho de Diogo Rangel de Macedo, Commendador de Santa Marinha de Lisboa; João de Sousa Chichorro; Antonio de Sousa da Silva; Guarda-Mór da Casa da India; Francisco de Mesquitas da Silva; Vasconcellos; Mouteiro; Antonio Carlos Cary; Calvalheiro Inglez, Pagens de honor, que havia sido da Serenissima Rainha da

Grã Bretanha D. Catharina, filho de João Cary, Gentil Homem da casa da mesma Senhora; Vos filhos do Mestre de Campo Francisco Garcez de Brito; Thadeo Daly, Coronel da Cavallaria, e outros Fidalgos, e Officiaes Reformados, que assentárão praça pela occasião, e que tinhão servido na guerra com bom nome. Chegou a nossa Esquadra a Liorne, donde o Almirante Conde do Rio mandou a Pedro Alvares Cabral a Roma a dar noticia ao Papa de que ElRei commandava, para seguir as suas ordens, que voltou com a resposta brevemente, e com a instrucção do Papa huma graça de Indulgencia plenaria para todos os que se empregavão naquella acção. Continuou a Armada com toda a diligencia a derrota de Corfú com a noticia, que teve de estar aquella Praça sitiada pelos Turcos, que defendia o Marechal de Scoulembourg; e em quanto os Portuguezes navegão para aquella Ilha, daremos a noticia das particularidades deste sitio.

Apresentada a Armada dos inimigos, sahio dos Dardanellos, e surgio douro de Constantinopla. Compunha-se de sessenta Náos de guerra, ou segundo outras noticias, de setenta e duas, das quaes erão de linha vinte e duas chamadas entre elles Sultanas, as outras de trinta até quarenta peças, nove Galés, e setenta Galeotas, tudo á ordem do Capitão Baxá, com o pregão entre os Turcos correspondente ao de Capitão-General da Armada. Provendo-se de marinheiros em varios portos do Archipelago, passando por fora da Ilha de Zante, onde a Armada Veneziana estava surta, tomou o rumo da Costa da Barbaria, e logo fazendo sobre volta de Napoles, passou á vista de Otranto, e pelo golfo de Fanese introduzio-se no Canal de Corfú, que he o braço do mar, que medeia entre esta Ilha, e a terra firme.

Dentro deste canal, na Costa do Epiro estava situada a Cidade de Butrinto, chamada antigamente Buthrotos, já Episcopal, e consideravel

pelos estragos dos Ottomanos a huma
Cristandade, e o que impostou a retiro de
pescadores. Nesta sua ida tinhão feito
acompanhar estes seus inimigos hum grande corpo
de suas tropas, que ao principio
se mostrarão para passarem a Dalmacia,
e Hungria, mas logo quando
começarão a trabalhar em baterias,
e embarcações, se recolherão. Confirmou
hum inverno, e confirmou-se com a
chegada da Armada neste tempo
Commandada por André Pizani, que
depois que embarcou os legados
dos Turcos, e convocou
o Conselho dos seus Baxás,
e nisso ficou-se nelle, que seria mais
acertado, que fossem buscar os inimigos
com forças tão desiguaes, e
não ao mesmo tempo a segurança da República
esperassem as esquadras auxiliares, para
fazer melhor duvidosa a esperança
do bom successo no combate; porque
era menos mal perder-se alguem porto,
que se podia restaurar com huma Armada,
do que perder-se toda a Armada
e depois o porto.

terminou passar sahir de Zante; mas para observar os inimigos, mandou o General fazer á vela os navios ligeiros, que os seguirão de longe até o Cabo de Orno. Pouco depois se poz de noite, que podia ser a sua esperança inutil, por-lhes poderem os inimigos não só embaraçar a união das forças, com que esperavão ser soccorridos, mas quebrar-lhes tambem os comboyos, e fazer-lhes mais cruel guerra com a fome que com as armas. Tomou differente cõrdo, e seguirão com navios Agrossos, e ligeiros. Juntos todos, e reconhecido o perigo de Cadiz, resolveo o General Pisani buscar os inimigos, e dar-lhe batalha; procurando estorvar-lhe a execução do seu intento. Poz-se, pois obra esta resolução, buscou a Armada da Veneza a dos Turcos dentro no mesmo Canal. Adiantou-se os Generaes com vinte Galés, e tres Galeaças até S. Maria do Cassopol, e ahi esperou o resto. Chegarão trinta navios já depois das quatro horas da tarde, e unidos forão logo animosos

ter a Armada Ottomana; buscando as suas embarcações de maior força, e entre ellas a do mesmo Capitão Bajá. Durou o combate tres horas, e continuára mais, se o não atalhára a noite. Não se soube com certeza a perda dos inimigos. Julgou-se que foi grande, porque se pelejou primeiro com a artilharia, e depois chegárão a tiro de pistola, onde a mosqueteria fez grande effeito. Disse-se que chegarião a tres mil homens, os que morrêrão no conflicto. Dos navios se foi a pique a Capitania de Argel, que alli se achava auxiliar: a mesma sorte tiverão huma Galé, e tres Galeotas. A Almiranta ficou rasa dos portalós, e quatro das suas Sultanas forão levadas a reboque pelas suas Galés, como incapazes de navegar sem este remedio. Da parte dos Venezianos chegariáo a cento e cincoenta homens os mortos, e feridos, e entre elles os Nobres Marco, e Zanor Corniaro, pessoas principaes.

Quiz a Armada Christã repetir o combate na manhã seguinte, e im-

pedio-lho huma calma, que sobreveio, e durou tres dias; calma tão grande, que parece absorveo todo o ardor militar dos Cabos; porque em cincoenta e tantos dias, que estiverão vizinhas as dúas Armadas se não repetio a peleja. Allegavão os Venezianos que não tinhão vento favoravel: más de qualquer modo sempre foi misteriosa a inacção. Ficárão estes surtos no porto, entre o Ilheo de Vido, ou S. Vito, e a Fortaleza velha de Corfú. Os Turcos fizerão entrar no porto de Butrinto, para se concertar, os navios que lhes forão destroçados, e com os outros favorecêrão o desembarque na Ilha, cobrindo as embarcações que a ella transferírão as tropas, que acampavão em Epiro. Estas farião o número de trinta mil homens, outros a sobem a mais, mandados por hum Seraskier, titulo que na lingoa Turca corresponde ao General de Exercito.

Para segurança da sua Armada mettêrão os Turcos as suas embarcações ligeiras na Bahia de Guia da

mesma Ilha, fortificando-se, e guarnecendo-a com artilharia a sua entrada, e na terra fronteira fizerão duas baterias, que tinhão á flôr da agoa, e formárão com os seus navios grossos huma cadêa desde Guia até Burrinto; tendo por operação mais gloriosa o logro do designio com que alli vierão, pois ter nelle a Côrte Otomana mais seguros interesses que na casualidade de huma batalha.

Desembarcada a gente Turca, formou o Seraskier o seu Exercito, quatro milhas distante da Cidade, e em quanto não chegavão a artilharia grossa, e mais aprestos para o sitio, expedio dois corpos de Cavallaria, hum a reconhecer a Praça, outro a explorar a Ilha; o primeiro foi logo cachaçado pela artilharia das muralhas; o segundo discorrendo livremente o ambito da Ilha, reduzio a cinzas a maior parte das povoações, e condemnou á escravidão todos os moradores, a que não cortou a espada, ou valeo a fuga. Os que puderão escapar ao primeiro impeto dos

Barbaros, se escondêrão nas montanhas eminentes ao mar, e fronteiras ás Costas de Calabria, com querendo dellas despassar, procurando salvar-se naquella Provincia, e aproveitando-se das embarcações, que casualmente apparecião; e muitas familias tivecão a fortuna de passar a Otranto.

Emquanto os inimigos fazião estas disposições, se não descuidava em Corfú de fazer toda a prevenção necessaria para a sua defensa. Era Governador da Ilha, e Praça Antonio Moredano, Cavalleiro de muito valor, e zelo, e achava-se já nella o Conde de Schulyemburgo General Alemão, que a Republica tinha convidado para Cabo das suas tropas, no posto de Feld-Marechal de Campo, ou Mestre de Campo General, pela noticia que já tinha das suas experiencias, e do seu esforço. Ambos cuidárão em prover tudo de maneira que sahissem com honra do empenho, e porque os inimigos se podião chegar muito ás Praças, cubertos

com as casas dos arrabaldes, as mandárão abater, para descobrir melhor os seus movimentos.

Em 25 de Julho, havendo já perto de vinte dias, que tinhão desembarcado, e não havendo já cousa na Ilha, que lhes pudesse causar susto, mandárão os inimigos reconhecer segunda vez a Praça, e derão principio ao assedio. Havia-se divulgado que o Capitão General tinha deixado nesta Praça huma Guarnição de sete mil homens, com quatro navios, duas galés, e cinco galeaças, para serviço, e defensa do seu porto. Mas como isto era só voz para fazer respeito aos inimigos, o Conde de Schuylemburgo, que se achava sem gente bastante para sustentar hum sitio de Exercito tão poderoso, a tinha pedido por muitas vezes, e a 26 pela manhã mandou a noticia do novo movimento dos inimigos, ao Capitão General da Armada por hum Ajudante de Campo, queixando-se da tardança que fazia em mandar socorrello a tempo. O General traba-

lhava por mostrar que desejava defender a Praça, e tinha-se resoluto em hum Conselho de Guerra no mesmo dia, ir segunda vez buscar a Armada inimiga com o primeiro vento Sul; porque destroçada ella, ficaria desvanecido o cerco; mas como este aviso pedia mais pressa, se resolveo metter na Praça algum soccorro, e fazer alguma hostilidade.

A 27 de madrugada mandou adiantar as Galés Venezianas, e Maltezas, para atirar sobre algumas Galeotas Turcas, que pertendião bloquear a Praça da parte do mar; porém sendo fustigadas com as balas das batarias, que os inimigos tinhão formado na borda do mar, forão constrangidas a recolherem-se com brevidade aos seus primeiros postos.

A 28 mandou o General reforçar a guarnição da Praça com trezentos homens, tirados de algumas embarcações menores, que se desarmárão; e de noite foi elle mesmo em pessoa conferir com o Conde de Schuylemburgo, o mais que se de-

via fazer, e lhe parecia necessario para a sua defensa.

A 29 se adiantárão os Turcos até huns pequenos oiteiros da parte do Monte Abrahão, que igualmente com o de S. Salvador, são dois padrastros da Cidade. O Conde de Schuylemburgo para os desalojar daquelle sitio, mandou sahir logo com alguns Esclavonios ao Tenente Coronel Monti (Official de grande valor, que por ordem da República havia sahido de Veneza a 14 pelo caminho de Ottranto, para assistir á defensa da Praça, onde entrára a 24) sahio, e com tão bom successo, que executou as ordens do Conde, e se recolheo com muito pouca perda. Depois de jantar chegárão ao porto os navios do Papa, e os do Grão-Duque de Toscana com as suas Galés. Os Turcos entre tanto não perdião tempo, porque trabalhárão juntamente em formar batarias contra a Cidade, e contra a Armada.

A 30 depois do meio dia, começárão os inimigos a atirar de hu-

ma bataria de cinco peças de calibre de bala de cincoenta libras, que tinhão formado sobre hum cabo pequeno acima de Montechio, acanhonando a armada Christã, que se achava ainda, como já se disse, no porto junto á Fortaleza velha, da parte de S. Nicoláo, com tanta frequencia, que a obrigárão a retirar-se do perigo, e passar a abrigar-se com o referido Ilheo de S. Vito. Depois de retirada a Armada, assestárão a mesma artilharia contra a Cidade para a parte direita da Fortaleza nova, com grande damno dos moradores.

A 31 continuárão em atirar contra a Cidade; e como o seu designio parecia encaminhar-se contra a Fortaleza nova pela parte da Villa de Montechio, ordenou o Conde ao Tenente Coronel Monti, fosse occupar a altura do Monte de Abrahão para lho impedir. Assim se executou; e logo o Conde fez tirar huma linha desde aquelle Monte até á Igreja de Santo Athanasio, que fica imminente ao mar pela parte direita, e pela

esquerda outra, desde o mesmo Monte até S. Roque, e dalli pela altura do Monte de S. Salvador até ao mar, de maneira que com esta linha se fechava a Cidade toda pela parte da terra, e se podia defender com seiscentos homens. Trabalhárão os sitiados nestas obras com tanta pressa, que no dia seguinte se achavão já capazes de defensa.

Os Turcos advertindo este trabalho, pertendêrão impedillo, e investírão na manhã do primeiro de Agosto os postos do Monte Abrahão, e a Igreja de Santo Athanasio, que defendia o Tenente Coronel Monti com cem homens, os quaes pelejárão de maneira, que os obrigárão a retirar com perda; e como este lugar era o mais exposto, se resolveo fazello com outras obras mais defensivel. No Monte Abrahão se pelejou com igual successo. Os inimigos accrescentárão tres morteiros á sua bataria, e com elles bombardeárão a Cidade.

Perto da noite sahio o Conde

fora com duzentos Granadeiros, e cem gastadores, para continuar, e accrescentar as sobreditas linhas. Os Turcos, que se avançavão ao mesmo tempo para trabalhar nos seus ataques, descobrindo gente a carregárão, e havendo posto em fugida os Granadeiros, prostrárão por terra os trabalhadores. O General Schuylemburgo vendo-se desamparado, esteve em grande perigo de ser prezo, ou morto; mas reprehendendo, e animando aos Granadeiros, os fez voltar ao combate; e redimindo com o esforço a injuria do medo, pelejárão de maneira, que rechaçárão os inimigos destroçados. Vingárão elles depois a raiva desta perda, dando tres assaltos successivos na mesma noite á Igreja de Santo Athanasio. Porém os defensores, sostidos pelo Tenente-Coronel Conti, os rebatêrão com tanto valor, que os obrigárão a largar a empreza, depois de experimentarem as mortes de muitos, que era perigosa a profia.

A 2 pela manhã tornou o Se-

raskier a repetir a mesma empreza com tropas novas: achárão os proprios defensores, mas assistidos já da vantagem de ficarem victoriosos tres vezes na noite antecedente, e este brio os revestia de novas forças, para supportar a repetição do trabalho. Pelejou-se tão destemidamente, como se o arriscar a vida não fosse perigo. Vencêrão porém os sitiados, rebatendo os aggressores com grande perda. Vendo o Seraskier que não podião os seus levar a Igreja por assalto, resolveo destruilla por meio do fogo, e do ferro, combatentes mais effectivos, e menos arriscados; e assim fez assestar contra ella canhões, e morteiros, que toda a tarde continuárão nesta operação.

De noite trabalhárão os defensores nas mesmas linhas, ou trincheiras para se cobrirem, ainda que continuamente perseguidos pelos sitiantes, que tres vezes os investírão; e em todas os fizerão retirar com perda de credito, e de gente.

A 3 pela manhã renovárão os

Turcos as suas baterias contra a Igreja de Santo Athanasio, repetindo muito amiudo as suas descargas com tanto damno da gente que a guarnecia, que de cem homens que nella entrárão, apenas havia quarenta capazes de peleja; os outros ou erão ja mortos, ou estavão mui feridos; e contavão se no número dos primeiros hum Capitão, dois Tenentes, e hum Alferes.

Vendo o Tenente-Coronel Monti o damno que fazia aos sitiados a conservação deste posto, e o muito que os inimigos se empenhavão em ganhallo, começou a dispor tudo o que era necessario para fazer voar a Igreja, a fim de que os Turcos se não aproveitassem della contra a Praça, no caso que elle fosse precisado a retirars-e. Mas o Conde de Schuylemburgo, que acudia incançavel a todas as partes, animando com a sua presença os defensores, chegando a este posto, e reconhecendo quanto importava conservallo, recommendou ao Tenente-Coronel o sustentar-se

todo o tempo que lhe fosse possivel; mas que não chegasse a estado de não poder retirar-se.

Pelas duas horas depois do meio dia accommettêrão os Turcos toda a linha com quinze mil homens, e furia correspondente a este número; defendêrão-lha os sitiados mais de huma hora com todo o seu vigor. Mas os Esclavonios, que occupavão o posto de S. Roque á mão esquerda do Monte Abrahão, não podendo resistir mais á força com que os accommetião, começárão a retroceder, e derão occasião a que os inimigos penetrassem a linha, e que os outros defensores com o receio de serem cortados, desamparassem os seus postos, cedendo o campo á desigualdade do partido.

Ao mesmo tempo que os inimigos penetravão orgulhosos as linhas, accupando os lugares que os sitiados evacuárão, fez o Tenente-Coronel Monti dar fogo ás minas, e voar a Igreja de Santo Athanasio, tão opportunamente, que ou no fogo, ou

nas ruinas, perecêrão muitos dos infieis, havendo entrado nella por obediencia, e por curiosidade hum grande número. Foi grande a perda que os inimigos tiverão neste dia: a dos sitiados foi menor na quantidade; igual, respeitando o que de ambas as partes havia para perder. Ficou morto na força da peleja o Coronel Maina, Commandante dos Esclavonios, e ferido em hum hombro o Coronel Acken.

A 4 trabalhárão os sitiados em se cobrir dentro na mesma Praça, por se acharem expostos ao fogo, que se fazia dos dois montes de Abrahão, e S. Salvador, novamente occupados, os quaes descortinavão as muralhas. Os Turcos aperfeiçoárão a sua linha, até então defensiva da Praça, agora offensiva, reforçando-a da parte do mar, defronte de huma especie de Ornaveque, formada ao pé da Fortaleza nova, a que alli se dá o nome de Escarpão.

A 5 como crescia o trabalho, e se tinha diminuido a gente, pedio o

Conde ao Capitão-General quizesse soccorrello com alguma da Armada; e elle lhe fez introduzir na Praça trezentos Esclavonios. Mandou tambem, que as Galés tirassem os navios ao reboque para o largo, para com o primeiro vento Sul poder buscar a Armada inimiga, e pelejar com ella, não duvidando que era este o caminho mais breve de descercar Corfú.

A 6 depois de jantar recebeo o Conde huma carta do Seraskier, em que o exhortava a render-lhe a Praça, representando-lhe o estado em que se achava, a desigualdade do poder com que contendia; que sería melhor poupar o sangue de tantos innocentes, do que expollo sem esperança de soccorro, por conservar hum monte de pedras, já mal ordenadas; pois não devia duvidar concederia Deos a vantagem aos verdadeiros crentes. Mandou-lhe o Conde responder, que a guarnição daquella Praça seguia a Religião Christã, que era só a verdadeira, e não contribui-

ria de nenhum modo ás vantagens da Mahumetana, que tinhão por falsa, antes por lhe mostrar quanto se oppunhão os sitiados a não lha conceder, estavão dispostos agora a pelejar com valor dobrado; pois até alli o fazião pelo serviço da Patria, e já o devião fazer pelo zelo da Religião. Que elle viera de Alemanha para defender aquella Praça, não para entregalla; e podia estar na certeza, que só sería caminho de ser senhor della, o que abrissem as espadas dos seus Soldados, mas que não era mui seguro, o que se fazia por pedras mal sustentadas.

Com esta resposta se renovárão de parte a parte as hostilidades, que estiverão suspensas por tempo de tres horas. Não tinha cessado estes dias o trabalho das trincheiras, e batarias: Os inimigos levantárão huma peqena sobre hum outeiro da falda do Monte Abrahão, e na de bombas accrescentárão hum morteiro. Perto da noite entrou na Praça outro soccorro de trezentos homens, tirados da Armada.

A 7 se fez de ambas as partes hum grande fogo, e de noite fizerão os Turcos huma linha, de perto de quatrocentos passos, tirada da borda do mar, até ao Hospital que fica ao pé do Monte Abrahão, defronte do Escarpão da Fortaleza.

A 8 persiguírão os sitiados muito aos Turcos na linha nova com a sua artilharia, por estar parallela com a face direita de huma meia lua, que alli chamão de Grimani. Pelo meio dia entrou no Porto hum navio Inglez, que havia oito dias tinha partido de Veneza, e trazia o aviso de terem chegado a Brindisi oito navios da mesma nação carregados de Soldados, e biscouto para soccorro, e provimento dos sitiados. O Conde o fez partir no mesmo dia, para advertir aos outros que tinhão a passagem livre, e podião continuar a sua navegação com segurança.

De noite reforçárão os Turcos a sua parallela com algumas linhas pequenas, avançadas a trezentos passos do Escarpão.

A 9 pela manhã fez o Conde de Schuylemburg metter quatro peças de artilharia de vinte libras de bala sobre huma bataria, em que se tinha trabalhado no dia antecedente, para incommodar os inimigos na sua trincheira. De noite fizerão os sitiados huma grande fogueira ao pé do Escarpão, para descobrirem as suas operações, e foi este arbitrio remedio, para lhes impedir o adiantar por aquella parte o seu trabalho, ou ganhar algum posto mais avançado, em quanto durou o escuro.

A 10 transpuzerão os Turcos a sua bataria mais abaixo, para o arrabalde de S. Roque; e os sitiados para lha destruirem, apontárão para aquella parte algumas peças grossas.

A 11 descubrírão os sitiados outra nova bataria, que os inimigos tinhão levantado á parte direita do Monte de S. Salvador, para bater o Escarpão pelo flanco, e outra de quatro peças na Villa, chamada Castrate, para bater a porta Raymunda.

Depois de jantar, considerando

o Conde, de quanta importancia era para a defensa da Praça a do Escarpão, escolheo quatro Capitães, quatro Tenentes, e quatro Alferes com quatrocentos Soldados voluntarios, a quem prometteo soldo dobrado, e entregando-os á ordem do Tenente Coronel Monti, com dois Capitães engenheiros, lhes encarregou aquelle posto; ordenando-lhes se defendessem nelle até a ultima extremidade, promettendo-lhes que teria cuidado de substituir todos os dias com Soldados novos, todos os que faltassem por mortos, ou feridos, e os proveria de tudo o que fosse necessario. Entrou esta nova guarnição naquelle lugar, e fizerão tão furioso, e tão continuo fogo contra os inimigos, que lhes impedio o avançar no seu trabalho.

A 12 pela manhã atirárão os inimigos muito da sua bataria de Castrate para a porta Raymunda, e accrescentárão alguns morteiros na sua bataria de bombas. Os sitiados, querendo impedir-lhe os effeitos, pro-

curárão desmontar-lhes as suas peças, para o que fizerão depois de jantar incessantes descargas dos seus Canhões.

A 13 depois do meio dia, investírão os Turcos huma pequena trincheira, que os sitiados tinhão formado com barris na ponta da ala direita do Escarpão, e expulsárão della seis Esclavonios, que a defendêrão quanto lhes foi possivel, até que vendo se precisados a retirar-se, o fizerão pondo fogo a huma mina em que se tinha trabalhado para o mesmo effeito; e rebentou com tanta furia, que não só forão espirar nos ares os que voárão com a trincheira, mas muitos dos circumstantes perecêrão lastimosamente abrazados. Intimidou tanto aos inimigos o horror deste estrago, que começárão a desesperar da empreza, e a murmurar do General. Este para os satisfazer, mandou bombardear furiosamente a Cidade toda a noite, o que se executou com prejuizo de muitas casas.

Na mesma noite de 13 para 14

estiverão com grande susto os defensores do Escarpão, por haverem sahido os inimigos da sua trincheira em grande número, marchando direitos a elle, como para assaltallo; mas pouco depois fizerão alto, e se tornárão a recolher em desordem, sem fazer manobra alguma. Ignorava-se na Cidade o motivo desta subita contra marcha; porém depois se soube haver sido o não quererem os Soldados obedecer aos seus Commandantes, em quanto a continuar o sitio, representando-lhes que a defensa parecia já sobre natural, pois achando-se naquelle exercito as melhores tropas do Grão-Senhor, havia mais de hum mez, que se empregavão nesta expedição, quasi inutilmente. Que todas as vezes, que emprehendêrão ganhar qualquer porção das obras exteriores daquella Praça, havião sido obrigados a recolher-se com affronta, e perda; e alguma vantagem que tiverão lhes custára tão cara, que importava sem comparação muito mais a despeza, pois

se não podia refazer em muitos annos a falta de gente, que alli tinha perecido, sendo a flôr da milicia Ottomana. Que pelejarião antes em campo plano com leões, e com tigres, ou com as nações mais bellicosas da Europa Christã, onde podião mostrar o valor dos seus corações, e a força dos seus braços; mas contender com a violencia de huma mina, contra quem não tinha resistencia nenhum esforço, não era só temeridáde, era obstinação do entendimento. Que a epidemia que reinava na Armada, e no Exercito, tinha consumido tambem gente sem número, e cada dia continuava com maior força; de maneira que muitos dos que alli se achavão, se sentião tocados do mesmo mal, e parecia que os que persistião em continuar o sitio, trabalhavão só por arruinar as forças do Imperio do Sultão; pois não podião deixar de advertir que Corfú tinha communicação livre com a Armada Veneziana, a qual se achava reforçada com outras Esquadras dos Principes Chris-

tãos; e esperava ainda algumas, das quaes podia receber soccorros de gente, e provimentos todas as horas; nem se podia entender que a Christandade toda não concorresse para a sua defensa. Custou muito ao Seraskier socegar o tumulto, mas não pôde obrigar os Soldados a proseguir a marcha para o escarpão, e os recolheo com trabalho ás trincheiras.

A 14 se continuárão as hostilidades de parte a parte, correspondendo-se as baterias com frequente fogo, mas sem cousa que merecesse reflexão particular. Só se soube que o Seraskier fizera prender cautelosamente, e castigar com severidade os principaes factores do motim, pertendendo que o medo do castigo faria mais bem obedecidas as suas ordens.

A 15 entrárão no porto de Corfú os dez navios que estavão em Brindisi, de quem já acima se referio, vinhão carregados de tropas, e mantimentos. Era a maior parte delles de Inglezes, a quem a República os fretou para este effeito. O Conde de

Schuylemburgo alegre com semelhante soccorro, que fizerão mais estimavel a opportunidade, e a circumstancia de concorrer nelle a maior parte do seu Regimento, convidou a jantar os Capitães das embarcações; e como os inimigos não atiravão, tiverão os sitiados algum descanço. Depois de jantar repetírão estes as descargas da sua artilharia; mas não houve accidente, que mereça memoria.

A 16 pela madrugada entrárão na Praça mil e oitocentos homens, de que parte erão Alemães, parte Suecos, dos que forão prizioneiros em Stralsund, que não devendo servir contra a sua patria, quizerão sentar praça no Regimento do Conde, para militarem no serviço de Veneza; e como já costumados a supportar cercos, e desprezar fogo, forão mais bem recebidos. O Conde lhes passou mostra, e lhes assignou estancias. Com a entrada deste soccorró, o animo que cresceo aos sitiados, diminuio nos inimigos; e já como des-

confiados do logro da empreza, mostrárão mais abatido o seu primeiro ardor. Trabalhou-se com menos calor nos seus aproches, mas augmentava-se ao mesmo tempo no valoroso Seraskier o desejo de sahir com honra desta empreza; e querendo tentar ainda a sua fortuna, determinou dar hum assalto a hum revelim da fortaleza nova. Começárão os Mineiros a trabalhar na sapa, e depois de muitas horas de applicação, representárão a impossibilidade de a proseguir, por haverem encontrado em algumas partes com agoa, em outras com pedra. Indignado o Seraskier com tantos obstaculos, fez avançar de tarde algumas tropas para ganhar a contraescarpa. Tocou-se arma: acudírão os sitiados a recebellos, e os tratárão de maneira que voltárão rebatidos. Mandou de noite repetir a mesma diligencia, e valeo-lhe a porfia, porque com effeito ganhárão hum posto defronte da contraescarpa; mas não tão barato que lhes não custasse sangue, e vidas.

A 17 trabalhárão os sitiados muito em prevenir os designios dos inimigos, cobrindo-se dos seus insultos pela parte da porta Raymunda, contra a qual fazião segundo ataque; e os perseguírão com bombas nas trincheiras. Elles, que na noite precedente começárão logo a trabalhar em linhas de communicação, fizerão nesta outra de cem passos diante da contraescarpa, para chegar a sua esquerda até ao mar, e lancárão algumas bombas na Fortaleza nova.

A 18 se incommodou muito mais aos inimigos na sua trincheira nova; porque lhes atirárão de través, e como o terreno era muito duro, não pudérão cobrir-se para se sustentar nella abrigados, senão já de noite, e todo o dia estiverão expostos ao fogo dos sitiados, padecendo frequentes destroços.

O Conde não podendo soffrer que o inimigo estivesse tão vizinho á Praça, fez dois destacamentos, hum de cem homens, outro de quatrocentos Esclavonios, e duzentos

Alemães. Ambos sahírão por differentes partes, e cahírão sobre os Turcos. O primeiro era mandado por Mons. La Riviere, Engenheiro Francez, de grande prestimo, e valor, o qual se distinguio muito nesta occasião, expulsando os inimigos dos postos que occupavão, pela parte da porta Raymunda. O segundo mandava-o o Tenente-Coronel Bourgman, conduzido pelo Engenheiro Meibom, e carregou os Turcos com tanta força, que os lançou fora da trincheira, e os pôz em derrota, perseguindo-os até hum lugar chamado Manuchio. Chegaria a sua perda até oitocentos homens: a dos sitiados foi pequena, e fora menor, se não contára entre os mortos o Sargento Maior Maina, que commandava os Esclavonios. Recolhêrão-se ambas as partidas já ao romper do dia, quando os Turcos, recobrados do primeiro terror, se tinhão unido, e as vinhão carregando.

Depois do tumulto que houve entre as Tropas Ottomanas acima re-

ferido; desconfiou o Seraskier da sua obediencia; e para continuar na empreza, pedio ao Capitão Bachá, lhe mandasse da armada tres, ou quatro mil homens; porque ou o brio de buscados por mais valentes, ou a menos experiencia que tinhão do valor dos sitiados, os faria accommetter mais affoutos o perigo que desconhecião. Chegados ao campo houve hum grande Conselho de Guerra, onde depois de ouvidos todos os Cabos do Exercito (dos quaes alguns seguião a opinião do levantamento do sitio) convierão á instancia do Seraskier, que continuasse mais alguns dias; e se a fortuna não apparecesse mais propicia, procurarião retirar-se. O Seraskier para melhor animar as suas tropas lhes fez grandes promessas, e entre estas a de lhes largar inteiramente todo o despojo da Praça depois de ganhada: com esta condição se comprometterão todos a persistir no sitio.

Tudo isto tinha precedido ao dia 18; e como naquella noite ainda

que ao principio no horror da tenebrosidade, fez nelles mais aprehensão o sobresalto dos primeiros golpes, depois reunidos tiverão a vantagem de fazer recolher na Praça os sitiados, restaurando os postos que perdêrão. O Seraskier, que os vio orgulhosos com este bom successo, valendo-se da occasião, os incitou a tomar vingança de empreza tão atrevida, e os dispoz a dar hum assalto geral á Praça. Elles persuadidos das palavras do General, da esperança do despojo, e da opposição em que os tinha posto o brio, accommettêrão com força tão desmedida, e animo tão intrepido, que ganhando a explanada, saltárão com a espada na mão na estrada encuberta por muitas partes. Os sitiados recorrendo neste perigo ao remedio das minas, que para este caso estavão preparadas, fizerão voar hum grande número de inimigos, e rechaçárão por varias vezes outros com a força do fogo da artilharia, mosqueteria, e granadas; mas persistindo no intento de ganhar a Pra-

ça neste dia, lhe derão outra a vançada com furia nova, e entrárão na contraescarpa em tanto número, que os Soldados que a guarnecião, perdendo o animo, a desamparárão, e os inimigos arvorárão nella trinta bandeiras, e se trincheirárão, pertendendo entrar á escala na Fortaleza nova. Da banda da ponta Raymunda penetrárão tambem os inimigos até ao revelim de Santo Antonio, que cobre a Hornaveque, que a defende, e desalojárão delle a gente que a guarnecia; mas o Conde de Schuylemburgo, que corria sem descançar por toda a parte, dando as ordens necessarias em semelhante aperto, sahio na frente de hum corpo de Alemães, resoluto a morrer, ou a expulsar os inimigos dos postos que occupavão, com o que animou tanto huns, e soccorreo a tão bom tempo os outros, que cada qual tornou a ganhar o que perdeo. O Governador Antonio Loredano fez tambem da sua parte, quanto cabe no valor; assistindo nas muralhas, ani-

mando os Soldados, e fazendo lançar sobre os inimigos granadas, panellas de polvora, e betumes ardentes. Com duzentos homens passou o Tenente-Coronel Monti á Cidade nova, e perseguio os inimigos, que occupavão a contraescarpa, ferindo-os ao travez com tanta felicidade, e frequencia, que não podendo já supportar o muito fogo que sobre elles cahia, tomárão a resolução de desamparar o posto, deixando nelle quatro escadas de invenção nova, e infinito número de cadaveres. Os sitiados tornárão a guarnecer immediatamente os lugares de que forão expulsos; redimindo-lhes o valor, a honra, ou a fortuna.

Forão tambem lançados do revelim de Santo Antonio os inimigos, mas custou a restauração deste lugar a vida do Engenheiro Mons. La Riviere, que nesta acção foi morto, depois de dar muitas provas do seu valor, e foi aos sitiados mais sensivel a sua falta. Perdêrão mais neste dia hum Capitão, muitos Officiaes

subalternos, e grande número de Soldados, e pudera ser maior a perda, segundo foi grande o risco. Mas não se duvidou, que não bastaria todo o esforço ao grande empenho de forças tão superiores, se os não assistisse sobre natural auxilio.

Incomparavelmente foi maior a perda dos Turcos, porque das muralhas, e Fortalezas se fez hum fogo continuo sobre as suas tropas; todas as noticias concordão a que chegárão a tres mil os seus mortos. A cavallaria, que começou a sustentar o assalto dos Janizaros, perdeo hum grande número de cavallos, encravados nos abrolhos, e cravos, que o Conde de Schuylemburgo havia mandado semear por certas partes entre os ataques, e a explanada; e a artilharia fez grande effeito nesta desordem. Entrou no número dos mortos hum Bachá, que sendo captivo, e não podendo ser conduzido á prizão pelos extravagantes, e barbaros arremessos, que fazia, o mesmo Official, que lhe tirou a liberdade, o privou da vida.

Duas horas durou a força do segundo combate, assignalando-se notavelmente nelle o esforço do General Schuylemburgo, aquem não pôde fazer perder o acordo a grandeza do perigo. O Governador Antonio Loredano, exposto á morte em risco tão geral, assistio sempre nas muralhas, mandando, e animando os Soldados, e Artilheiros, que trabalhando sem cessar nas descargas de canhões, e mosquetes, contribuírão muito para o estrago dos inimigos, e livramento da Praça.

Tambem o General Pizani com as suas Galés procurou fazer huma diversão ao inimigo, atormentando terrivelmente com duas baterias as suas trincheiras da banda dos montes de Abrahão, e S. Salvador. Os Soldados Alemães obrárão maravilhas. Todos os outros fizerão o que devião ao seu officio. Serião dez horas, quando tudo se achava já tranquillo. Os sitiados começárão a reparar todo o damno recebido no escarpão, e contraescarpa, fortificando huns lu-

gares com faxinas, outros com terraplenos. O Seraskier pedio ao Conde, permittisse que cessassem por algumas horas as hostilidades, para ter lugar de fazer dar sepultura aos mortos; ajuntando á piedade a politica de esconder aos olhos dos Soldados, e dos inimigos as evidencias do perigo, a grandeza do estrago; mas as razões que o movêrão a pedir-lho, persuadírão ao Conde a não conceder-lho.

A 20 se repetio de parte a parte o fogo. Os Turcos trabalhárão em reformar as suas trincheiras, os sitiados em reparar as suas minas. A Armada Christã achando vento Sul propicio, se preparou para a batalha, levantando estandartes, e dispondo as Galés á forma de tirar os navios grandes ao reboque, desejosos igualmente todos de assignalar o seu prestimo contra os infieis, assim Venezianos, como auxiliares; mas depois de jantar se cubrio o horizonte, e se enfureceo o vento, de maneira que degenerou em tempestade: alterou-se

e mar, cresceo a borrasca, viáo-se povoados os ares de settas de fogo; e era só o que deixava vêr a cerração do dia: começou a cahir huma chuva mui grossa, acompanhada de trovões, relampagos, e raios, que continuou por espaço de cinco horas. A Armada padeceo algum damno, porque os navios ligeiros, e as Galés, não podendo resistir ás ondas, tocavão sem remedio humas em as outras, e se maltratárão, ainda que sem grave perda. Na dos Turcos foi maior o prejuizo, porque se virárão seis das suas Galeotas, e hum raio, que cahio dentro de huma Sultana, lhe quebrou o mastro grande; a chuva inundou o alojamento dos infieis, arruinou-lhes os reductos, e desmoronando-lhes ás trincheiras, que guardavão, expostos á inclemencia do tempo, forão obrigados a largallas, e a retirar-se. Ficárão tambem destruidas as munições, e polvora, que fiados na estação tinhão sem cubertas.

A 21 não pudérão os inimigos

guarnecer as suas trincheiras, por se acharem ainda cheias de agoa, e assim foi pouco o fogo, com que molestárão aos sitiados. De tarde entrárão no porto oito Náos de guerra Hespanholas, mettidas ao reboque pelas Galés da mesma Nação, que alli se achavão, humas e outras mandadas por ElRei de Hespanha D. Filippe V. para reforçar a Armada Christã, com a qual se encorporárão.

Os inimigos vendo com forças novas os Christãos, considerando o estrago que tinhão padecido no sitio, a continuação da doença, que lhes levava gente sem número, damno recebido nas suas munições, a Fortaleza da Praça, a resistencia, e valor dos sitiados, a perda da batalha de Peter-varadin, de que corria já voz no Exercito, ainda que diminuta; determinárão obrigar o Seraskier a levantar o sitio, e recolher-se. Amotinárão-se, e representárão-lhe tudo o que discorrião; accrescentando, que de trinta mil homens, que tinhão desembarcado naquella Ilha, e qua-

tro mil que vierão da Armada, apenas haveria já dezeseis mil escapados á morte, ou da epidemia, ou da guerra, havendo a sua obstinação sacrificado os mais aos seus particulares interesses, sem reparar que a infelicidade destes successos parecia sobre natural, e effeitos da ira do seu Profeta; pois não só os inimigos, mas os mesmos elementos lhes fazião guerra, de que era boa prova romper hum raio o mastro de huma Sultana, descompor-lhes huma tempestade a Armada, e desfazer-lhes a chuva as obras dos seus ataques. O Seraskier pertendeo com palavras benevolas applacar o tumulto, e perseverar na empreza, pondo-lhes diante dos olhos o credito das Luas Ottomanas, as suas proprias honras, e os interesses do Grão-Senhor. Mas elles que não estavão já de acordo para a obediencia, lançando mão delle, o afogárão, e matando tambem outros Officiaes Maiores, que concorrêrão para o defender, como livres já do jugo, que os continha unidos, desordenadamente

desamparando o campo, corrião em bandos a embarcar-se na Armada, desprezando tudo o que podia fazer embaraço á fugida.

O Capitão Bachá, que em termos semelhantes já não podia fazer outra cousa mais que salvar estas reliquias do Exercito da espada dos Christãos, não duvidando que estes as seguissem, com os navios grandes fez vanguarda no Canal, para que as Galés, e as Galeotas pudessem costear com segurança aquellas praias, tomallas a bordo, e reconduzillas a Epiro.

Como no campo inimigo se não fez mais tiro, nem se ouvio rumor, entrou o Conde de Schuylemburgo no desejo de saber o motivo, e mandou quatro homens a explorallo, continuando sempre no cuidado de prevenir-se.

A 22 pela manhã voltárão á Praça os quatro exploradores, e uniformemente referírão achar-se o campo deserto, os inimigos fugindo em confusão para a Armada, e todo o seu trem, provimentos, e muni-

ções ao desamparo. Apenas o Conde ouvio esta informação, sahio da Praça com hum corpo de tropas a certificar-se da verdade: com effeito achou desamparadas as trincheiras, mas ainda fez prizioneiros bastantes Turcos, que se achavão guarnecendo alguns postos, e redactos, e assegurárão não terem noticia alguma do embarque; no que se conveio, advertida a distancia, e a precipitação com que os seus se puzerão em retirada. Outros, a quem o escuro da noite fez perder o caminho, encontrárão tambem, ou a morte, ou a perda da liberdade. Serião entre todos dois mil os que indefensos se fizerão escravos; mas a maior parte delles feridos. No campo onde tiverão o seu arrayal, se achárão, além de duas grandes tendas de campanha, e muitas barracas, dezeseis mil barris de polvora em dois armazens, cincoenta e seis peças de artilharia de varios calibres, dez morteiros, e tres mil bombas, quatorze mil saccos de farinha, cinco mil de arroz, nove mil de cevada, dois

mil cavallos e mulas, mil e quinhentos Bufalos, tres mil cabeças de gado, e outros provimentos, tudo em grande quantidade; e tudo se mandou conduzir á Praça.

Depois que o Capitão Bachá fez passar a Epiro as Tropas fugitivas, continuou em costear a Ilha até 25 para salvar alguma gente, que em varios corpos buscava as embarcações sem acertar com o porto; e executada esta diligencia em tres dias successivos á vista da Armada Christã, sem que esta lho pudesse embaraçar em razão do vento, se fez á véla no dia 26; e cosendo-se com a terra da parte do Casopo, desembocou o Canal de Corfú pela banda do Poente, e com vento favoravel tomando o rumo de Barbaria, escapou ao combate da armada unida, com grande sentimento do Commandante Hespanhol, que já com bandeiras despregadas estava com a sua esquadra de navios, e Galés prompto para a peleja; podendo fazer aquelle dia tão glorioso á Christandade, como já o

foi a 7 de Outubro de 1571 com a batalha de Lepanto, se todos os Cabos unidos conviessem unanimes na mesma resolução.

Desassombrada a Ilha da vizinhança dos inimigos, começárão a apparecer nella muitos dos habitantes, que se tinhão retirado aos lugares mais escabrosos das montanhas, e a reedificar as suas casas destruidas. Achou-se que não tinhão feito nos olivaes o damno que se temia, por ser o azeite o genero que faz mais opulenta a Ilha. Os sitiados trabalhárão logo em desfazer os ataques dos inimigos, arrasando as suas obras. Captivárão-se ainda mais de quatrocentos Turcos, que a cobiça tinha espalhado por varias povoações, buscando o que poderia haver escapado ao despojo dos primeiros invasores, e andava-se nos primeiros dias á caça de Turcos como se fossem feras.

No porto de Guin, onde se fez o desembarque, se achárão doze peças de artilharia, e depois se descubrírão vinte, que os inimigos deixárão en-

terradas, huma quantidade grande de munições de toda a sorte, abundante provisão de carnes frescas, e salgadas, mil cavallos, e mais quinhentos Bufalos.

O General Conde de Schuylemburgo, tanto que a Armada inimiga se apartou do Canal, aproveitando-se dos effeitos que havia produzido nos inimigos o terror do seu nome, e á vista do estrago do seu Exercito, passou com oitocentos Soldados a Epiro, e poz cerco ao Castello de Butrinto, onde se achavão cincoenta homens de guarnição, os quaes, ou obrigados do temor, ou reconhecendo desigualdade nas forças, promettêrão logo entregar-se a partidos; e porque o General o julgou assim conveniente, lhes concedeo a sahida livre, fazendo-se senhor sem despeza de polvora, nem de sangue, daquella Fortaleza. Além da artilharia que havia no Castello, se achárão tres mil saccos de biscouto, tres mil de farinha, tres mil de trigo, tres mil de arroz. Huma torre cheia de farinha, hum

armazem de arroz, e outro de peixe secco; de sorte que ficou nas mãos dos vencedores tudo quanto os Mahometanos ajuntárão em muitos mezes para a empreza de conquistar Corfú.

Desta maneira acabou, depois de vinte e cinco dias de trincheira aberta, este famoso sitio emprehendido, não para accrescentar esta conquista ao Imperio Turco, como o Sultão pertendia, mas para fazer esta Ilha novamente celebre no Mundo, e deixar gloriosos os seus defensores.

Continuando a armada Portugueza com toda a diligencia a derrota de Corfú, chegou a tempo em que os Turcos havião levantado o sitio; e não havendo em que se empregar naquelles mares, nos quaes padecéo sempre ventos contrarios, se fez na volta de Lisboa, aonde entrou a 25 de Novembro do referido anno, e ahi esteve até 28 de Abril do anno seguinte, em que a veremos tornar a sahir neste dia, e chegar a Corfú a 10 de Julho.

CAPITULO XX.

Relação da solemne Procissão de preces, que por ordem da Côrte Ottomana fizerão os Turcos na Cidade de Meca, para alcançar a assistencia de Deos contra as armas do Imperador d'Alemanha, e mais Potencias Christãs. Traduzzida de huma que se recebeo dos confins do Imperio Mahometano.

A GUERRA como huma das maiores calamidades do Mundo em todos os tempos foi formidavel, e a todas as nações se faz horrivel. Pode atropellar a consideração das suas consequencias, ou a demasiada ambição de se engrandecer, ou a justa necessidade de se conservar. Póde ser util aos particulares, por adiantarem com ella os seus interesses; mas sempre he damnosissima aos Estados pelos

prejuizos, que della lhes resultão. Ha Ministros, que ou subornados por Potencias estrangeiras, ou com animo de fazer dependentes do seu favor os outros Vassallos, e sustentar a fortuna do seu vãlimento com o número das suas creaturas, influem espiritos guerreiros nos seus Principes, sacrificando á sua conveniencia particular, nos accidentes de huma guerra, a decadencia de huma Monarquia. No Imperio Ottomano, por se fazer arbitro das forças delle, fez mover o Grão-Vizir as armas do seu Monarca contra Veneza no anno de 1715, rompendo os vinculos da paz tecidos no Tratado de Carlowitz. Ganhou o passo do famoso Isthmo de Corintho; conquistou em huma campanha o celébre Reino da Moréa; entrou com tropas na Dalmacia; infestou com as suas armadas os mares, e as Ilhas do Dominio Veneziano; poz em consternação toda aquella República, e teve com sobresalto a Italia toda; porém todos os triunfos desta campanha fórão contrapezados com o sus-

to de ouvir as representações do Imperador d'Alemanha contra o rompimento da paz com os seus Alliados; vêr inundar das mais excellentes tropas do Mundo as fronteiras de Hungria, e Transilvania; e suspeitar negociações de allianças com a mesma República, com alguns Principes de Italia, e com o Czar de Moscovia, hum dos mais poderosos Monarcas. O Múfti, Pontifice Summo, ou primeiro Ministro da Religião Mahometana, cujos conselhos os Imperadores Turcos attendem sempre para a declaração da guerra, havia sido contrario a ella com hum sequito de muitos Conselheiros oppostos á parcialidade do Vizir, os quaes depois representavão mais horrorosas ao Sultão as forças Alemãs, não só pelo número (com excederem ás de todos os Imperadores passados) mas pela bondade das tropas, superiores a todas na disciplina, e nas experiencias, e pela excellencia dos Generaes sem disputa famosos.

Na consideração das consequen-

cias do rompimento, procurou o Sultão evitallo por todos os caminhos; mas entendendo que o mais seguro era o de implorar sempre a assistencia, e protecção do Deos dos Exercitos, aquem, ainda que cega, e barbaramente, conhece por Author de tudo, resolveo mandar encommendar a resolução deste negocio nas orações de todos os subditos do seu Imperio, celebrando em todo elle varios dias de jejum, e de preces, e fazendo huma Procissão solemne em Meca, Cidade de Arabia, tão venerada entre os Mahometanos por lugar da sepultura do seu falso Profeta, como Jerusalem entre os Christãos, por hum edital seu, cuja substancia era:

Mustapha II. pelas infinitas graças do todo poderoso Creador, e pela abundancia dos milagres dos seus Profetas, Imperador dos victoriosos Imperadores; Distribuidor das Corôas aos maiores Principes da terra; Servidor das duas muito sagradas, e muito augustas Cidades de Meca, e

Medina; Protector da Santa Jerusalem; Senhor da maior parte de Europa, de Asia, e de Africa, conquistadas com a nossa victoriosa espada; dos Paizes, e Reinos de Grecia, de Bosnia, Natolia, Caramania, e Egypto; de todo o Paiz dos Parthos, Curdos, e Georgianos, dos Paizes do Principe dos Tartaros menores, das Arabias, de Chipre, da Porta de Ferro, de Temeswar, de Diarbeque, de Alepo, de Extzerum, de Damasco, de Babilonia, Balsora, de Tunes, e Tripoli em Barbaria, etc.

Havendo occasião para se temer que o Immenso, e Omnipotente Deos, offendido das grandes culpas, e vicios dos Musulmanos, tenha determinado desembainhar a espada da sua ira contra o nosso Imperio, e todos nossos Vassallos, e Senhorios, entregando-a nas mãos do Imperador dos Christãos, que já confiado nas grandes forças, e bondade de tropas com que se acha, ousou perder o respeito ao nosso poder, mandando apresentar-nos proposições injuriosas á glo-

ria da Casa Ottomana, e á vastidão da nossa Monarquia; e procurando nós evitar as desgraças que nos promettem o grande orgulho deste Principe, e as armas das mais Potencias Christãs suas alliadas, cujo poder, desamparando-nos a mão Divina, póde suffocar todo o valor, e número das nossas milicias, fazendo-nos cahir nas mãos dos maiores inimigos da nossa Casa, e da nossa Lei: desejando applacar a ira do todo poderoso Deos, e a justa indignação do nosso grande Profeta: ordenamos, e mandamos a todos os moradores dos nossos Estados, e Senhorios geralmente, que as presentes virem, ou ouvirem lêr, que nas segundas, e quintas feiras de cada semana, que começarão a contar-se desde o dia que declarará o nosso muito veneravel, e muito amado Mufti, até ao dia de huma Procissão geral de preces, que ordeno se faça na Santa Cidade de Meca com a maior solemnidade, jejuem todos abstendo-se desde pela manhã até á noite de todo

o genero de mantimento, ou bebida, e nestes dias todos os Emaums, e Dervizes (Parochos, e Religiosos) vestidos de cilicio, com os olhos na terra, sahirão pelas ruas, e caminhos públicos implorando com gritos a clemencia Divina, e pronunciando nelles estas palavras: = O' grande Deos, assiste ao teu povo. =

No ultimo dia desta devoção se continuará com toda a decencia, e veneração, que pede a nossa piedade, e nos obriga a Lei que professamos, o tumulo do nosso grande Profeta já hum lugar público, onde descançará sobre quatro columnas de ouro; e em sua circumferencia se porão doze tumulos cheios de ossos dos Santões Musulmanos, que com o prodigioso Mahomet logrão o premio das suas excellentes virtudes, para que elle na presença dos que tanto souberão seguir suas pizadas, não deixe de deprecar ao Altissimo, abrande a sua ira contra nós, e não tome por instrumentos da sua vingança aos inimigos da verdade.

Mas porque ninguem he digno de olhar sem acção de respeito para o maravilhoso =Kibblah= (lugar da sepultura de Mafoma) ordenamos a todos os Bachás, que acompanharem esta Procissão, vão na guarda do veneravel tumulo; e a qualquer pessoa que sómente por curiosidade lhe puzer os olhos sem aquella attenção que lhe he devida, o matem logo immediatamente, e os corpos dos que assim morrerem, como indignos de sepultura, sejão lançados aos cães.

Todos os moradores de Meca, e todos os estrangeiros, que se acharem naquella ditosa Cidade, farão sete vezes o circulo ao dito tumulo em Procissão, suspirando, soluçando, e gemendo; e em quanto a dita Procissão durar, fallarão todos os Religiosos ao povo, lembrando-lhe os males, e damnos que o Imperio Ottomano padeceo na ultima guerra, que teve com os Christãos. Os peccados que actualmente existem nos Musulmanos =verdadeiros crentes= e os grandes castigos que por elles

merecemos, e devêmos justamente recear, se todos não fizerem verdadeira penitencia, e implorarem do Santissimo Deos os effeitos da sua justissima indignação.

E em quanto durar este tempo de penitencia, e Procissão, cessarão em todo o nosso Imperio todo o genero de divertimentos, jogos, musicas, e desenfados. Assim he nossa vontade, e o mandamos assim sob as mais graves penas. Dada na nossa Côrte de Adrianopoly no decimo quinto dia da setima Lua da Era da Egita 1094.

Mustaphá Sultão.

A era deste Edital corresponde ao anno de Christo 1716, e he a que usão geralmente todos os Mahometanos, começando a conta della no anno de 622 quando Mahomet, a que vulgarmente chamamos Mafoma, sahio fugido de Meca para Jetrib ao castigo merecido por ser author de huma sedição, que para em tudo ser

o systema dos Mahometanos, até de hum acto de ignominia do seu falso Profeta fizerão época para a conta dos seus annos.

Em virtude da ordem do Sultão se executou exactamente tudo, como se dispõe no referido Edital. Fizerão-se os jejuns; continuárão-se as preces; passou o Mufti á Arabia; concorrêrão de todo o Imperio infinito número de Sacerdotes, Religiosos, e Romeiros, e em Meca onde se acha o detestavel deposito das cinzas daquelle famoso Heresiarca, se expoz o seu tumulo com as mais solemnes ceremonias do seu rito, ordenando-se a Procissão na forma seguinte:

Em primeiro lugar marchavão seiscentos homens envoltos em saccos, e em cilicios com os pés descalços, e nas mãos as armas que servírão na ultima guerra, humas inteiras, outras quebradas.

Seguião-se tres mil Mustimás (certo genero de Religiosos) despidos, com facas de trinchar nas mãos,

fazendo incisões nos seus proprios corpos, batendo de espaço em espaço nos peitos, suspirando, e fazendo deprecações.

Logo immediatamente se vião perto de seis mil homens, que se ferião nas costas com açoutes, e disciplinas.

Depois destes se seguião em grande número os Mevelevis (certo genero de Religiosos) que vestem tunicas pardas de lã com mantos brancos, tudo grosseiro, camisas de estopa da mais grossa, bonnetes de lã de camelo mui erguidos, e largos sem aba, cingidos com huma corrêa apertada com huma fivella, com as cabeças baixas, os corpos curvos, os olhos no chão, guardando hum silencio profundo na forma da sua instituição.

Em seguimento destes vinhão alguns Ebrbuharis, (Religiosos de outra ordem) dos quaes se dispensão muitos de ir a Meca, dizendo que a pureza de sua alma, e os extasis seraficos, que os sobrepõem aos outros

homens, lhes fazem o lugar do sepulchro tão presente nas suas cellas, como se effectivamente estivessem em Meca.

Logo marchavão os Nimetulahis, (que são outros Religiosos de instituto differente) os quaes para haverem de ser recebidos ao habito são obrigados a estar quarenta dias mettidos em huma casa sem companhia alguma, louvando, e adorando sem cessar o Creador do Universo, sem comer mais que tres onças por dia: fazendo crer que no tempo destes exercicios vem a Deos cara a cara, e logrão toda a gloria do Paraiso.

Os Kadrys, que nunca rapão as cabeças, nem as cobrem com cousa alguma, famosos sophistas, e grandes hypocritas, professando a meditação; o seu habito he só huma tunica de panno branco mui grosso, e andão sempre descalços conforme a regra da sua Religião.

Os Edhemis, (que são outros Religiosos) de vida devota, e austera, dados á solidão, e ao desprezo

do Mundo, jejuando frequentemente, comendo só pão de cevada, e repartindo com os pobres, assim de mantimento, como de vestido, quanto tem de superfluo, estudão, e são os melhores Prégadores entre os Mahometanos; vestem habitos de panno escuro, grosso, e espesso; bonnetes de lã com seu turbante, e toalhinhas brancas com listras vermelhas lançadas aos pescóços, com as pontas penduradas sem nó. Seguião-se a estas Communidades duas de homens conhecidamente depravados entre os mesmos Turcos, a saber, a dos Kalenderis, que são os verdadeiros sectarios de Epicuro no nosso Seculo, entregando-se com liberdade a todos os vicios sem pejo de os fazer públicos, expellindo de si quanto lhes he possivel o enfado, e tristeza, trazendo sempre comsigo instrumentos para se divertirem, passando o tempo em comer, e beber, e pertendendo persuadir ao Mundo que são bons Religiosos, andão nús, cobrindo só as costas com huma pelle de animal,

e as partes pudendas com hum panno, trazendo á cintura a cabaça, e a caldeira em que cozinhão as esmolas, de que se sustentão.

A dos Bectasses, que são ainda mais abominaveis que os primeiros entre os mesmos Turcos, acompanhando ordinariamente com os Janissaros, e sendo como elles geralmente inclinados ao peccado nefando.

Havendo passado todas estas Communidades de Religiosos, se seguia o celébre tumulo do Pseudo-Profeta, levado por trinta Santões, ou Religiosos Arabios, chamados no seu idioma Ispahiay, com a barba raspada, e a cabeça descuberta. Aos lados marchavão por guarda trezentos Bachás, ou Senhores, que já tiverão governos de Provincias, com os alfanges desembainhados nas mãos.

Immediatos ao tumulo caminhavão cincoenta Emires, ou Principes Turcos, descendentes do sangue do seu Profeta, despidos do ornato da purpura, e banhados em sangue de Christãos, as cabeças descubertas,

as mãos esquerdas atadas, e arrastando cada hum com a direita huma cauda de cavallo.

Depois se seguião tres mil Janissaros, que em lugar de armas levavão, arrastando pela terra, os seus escudos, lamentando-se em altas vozes com estas palavras: *Halla*, *Halla*, *Hu*. Senhor, Senhor, tende misericordia com nosco.

Fechava a Procissão o Mufti montado sobre hum jumento com a cabeça descuberta, levando na mão esquerda o seu bonnete banhado em sangue Christão, e na direita huma cana, com que de espaço em espaço dava na cabeça; deplorando a calamidade futura, e deprecando a assistencia divina pelos merecimentos do seu Profeta com estas vozes: = Oh grande Profeta, ajuda-nos a alcançar a graça do nosso ineffavel Deos, para que fiquem confusos os Christãos nossos inimigos. =

Os Emaums, ou Sacerdotes das Mesquitas Arabicas, conduzião em seus hombros os ossos dos seus San-

tões, que venerão por bemaventurados. Depois se seguia hum cofre cheio de Arpres, moedas de prata de Turquia, que hum Turco, que para isso se deputou, hia lançando ao povo; mas havia ordem que ninguem sob pena de morte se atrevesse a levantar nenhuma, antes de acabada a Procissão.

A esta acompanhava ultimamente huma incrivel multidão de Turcos, Arabios, e de outras Nações, pessoas de todo o genero, e profissão, humas moradoras em Meca, outras concurrentes de Paizes distantes a este acto. Entre ellas se vião os seus Ermitões arrepelando os cabellos, arranhando as caras; e de cem em cem passos levantando as mãos ao Céo gritavão em altas vozes: *Halla, Halla, Bachá*, oh Deos, oh Deos, assisti-nos na guerra com que os Christãos nos ameação, para que nos não percamos.

Collocado o precioso tumulo do execrando enganador de tantas Nações em huma vasta campina com a

maior veneração, e decencia que póde produzir naquelles cégos povos a sua barbara doutrina, e com a mais fastosa ostentação, que póde idear a grande riqueza da Monarquia Turca; situados na sua circumferencia os doze caixões dos ossos dos seus Santões, com a magnificencia que pede o seu culto, o rodeárão sete vezes com esta Procissão, gemendo, soluçando, e batendo todos nos peitos, gritando entre tanto os seus Sacerdotes, que applacassem com a sua penitencia a cólera de Deos, para que não experimentasse o seu Imperio semelhante, ou maior ruina, que a que padecêrão na precedente guerra dos Christãos. Acabada a função referida, foi levado, e reposto no seu lugar o tumulo com as mesmas ceremonias, e acompanhamento, com que alli fora conduzido. Julguei a proposito dar esta noticia não só por ser curiosa, e pouco sabida, mas tambem para que os Christãos aprendão daqui a tratar santamente as cousas santas da nossa Sagrada Religião, vendo

o modo com que tantos homens, enganados pela malicia de tão malevolo Heresiarca, tratão as cousas da sua falsa crença.

CAPITULO XXI.

Relação da batalha de Peter-varadin, em que as Armas Imperiaes em beneficio universal da Christandade, vencêrão, e desbaratárão as forças do Imperio Ottomano, naqual se achou o Infante de Portugal o Senhor D. Manoel.

DEPOIS de dezoito annos de continua, e terrivel guerra, em que os triunfos de Alemanha forão estimulos á Turquia para o arrependimento de havella emprehendido, se conveio em huma tregoa de vinte e cinco annos entre os dois Imperios. Esta se assignou em Carlowitz em 26 de Janeiro de 1699 pela mediação da

Corôa de Inglaterra, e dos Estados Geraes das Provincias unidas, compromettendo-se ambos de guardar religiosamente as condições estipuladas no Tratado, e em que, acabando-se o dito termo, ficarião na liberdade de continuar a paz, ou declarar a guerra. Mas este socego desejado, e pedido tantas vezes pela Côrte Ottomana, curadas as feridas, e restabelecidas as forças, começou a estimar-se nella em menos, ou porque o novo governo avaliasse mal as disposições do passado, ou porque entendesse que a inconstancia da fortuna poderia favorecer em outra guerra a quem naquella desamparára.

A perda mais sensivel aos Turcos era a dos dominios, que os Venezianos lhes conquistárão; porque sempre o seu principal designio foi a sujeição da Italia, a que esta conquista impedia o caminho, não só para dilatar com o sceptro a sua seita, mas para ter debaixo do seu mando todos os lugares da veneração Christã. Levando interessadas nesta

conquista á gloria, e a conveniencia, se resolvêrão os Turcos á romper com a República a paz, que pelo tratado de Carlowitz devia ainda continuar dez annos; e esta, que na segurança da sua duração se achava desapercebida de tudo o necessario para a guerra, contribuio com os seus descuidos aos felizes progressos dos infieis, fortalecendo-os no orgulho das suas idéas.

Não olhava sem reflexão para estas transgressões do Tratado o Imperador de Alemanha; e já alguns annos antes tinha dissimulado a de receberem os Ottomanos nos seus Estados os rebeldes de Hungria, contra o expressado naquelles artigos; mas querendo sempre fazer mais justificada a razão do seu rompimento, procurou insinuar ao Sultão, que entendia que elle não desejava continuar na paz, em que vivião; pois contra as condições della a quebrára com os Venezianos seus aliados; mas o Sultão ao mesmo tempo, que protestava querer conservar-se na ami-

zade do Imperador, se valia da mediação da Grã-Bretanha, e de Hollanda, para temperar a sua desconfiança; não só não queria admittir pratica sobre a restituição do Reino de Moréa, tomado na campanha passada a Veneza, mas occultamente fazia levas de tropas em toda a Asia, pertendendo entreter o Imperador, em quanto as não unia ás de Europa. Porém tanto que humas e outras se achárão promptas, de repente rejeitou as proposições, que amigavelmente se lhe fazião para o restabelecimento da concordia, e mandando reter o Residente Imperial, que tinha ordem para se retirar a Vienna, o fez guardar no Castello de Simandria.

Com esta noticia mandou o Imperador passar a Hungria (onde já de prevenção tinha feito acantonar as suas tropas) o Principe Eugenio Francisco de Saboya, Presidente do Conselho Aulico de Guerra, com o posto de seu Tenente-General, e mando supremo das suas armas. Par-

tio este Principe da Côrte de Vienna no 1 de Julho, e chegou felizmente em 9 a Futack, lugar vizinho ao Danubio, não distante de Peter-varadin, onde já se achava acampado hum corpo de tropas Imperiaes. Dispôz logo todas as prevenções necessarias para poder formar o exercito, e dar principio á campanha, logo que os Turcos se declarassem por inimigos. Todo o Exercito Mahometano marchou no primeiro de Agosto até Salankemen. Mandou o Principe Eugenio reconhecer o terreno, e forças dos inimigos, pelo Principe Manoel de Saboya, seu Sobrinho, filho do Principe Luiz de Soissons seu Irmão, com hum destacamento de 1400 cavallos Allemães, Hungaros, e Racianos; mas no principio da marcha tropeçando furioso o em que montava, cahio com elle tão precipitadamente, que nem pôde evitar a queda, nem livrar-se de quebrar huma perna, que lhe ficou entalada; sentindo mais que a dôr da ferida o perder a gloria daquella expedição. Pedio-a com

grande instancia o Conde João Palfi Marechal de Campo General, Governador da Croacia, e alcançou-a. Partio; e havendo-se avançado para a parte de Carlowitz, descubrio hum grosso de cavallaria inimiga, em número superior ao seu. Combateo com elle quatro horas com desigual partido para ganhar o desfiladeiro de Peter-varadin, e conseguio a victoria.

Recolhido o General Palfi ao exercito com a gloria desta acção, fez o Principe Eugenio as disposições necessarias para acommetter o inimigo nas suas mesmas trincheiras.

Erão sete horas da manhã do dia 5 de Agosto, quando os inimigos forão lançados fóra das suas linhas do lado direito.

O Conde Maximiliano de Starremberg, com a Brigada do lado direito de Infantaria, acommetteo neste tempo os inimigos pelo seu lado esquerdo, com igual esforço, mas com desigual successo; porque chegando ás suas trincheiras com

desprezo de hum chuveiro de balas, que expedião, elles estiverão tão constantes no seu posto, e rebatêrão com tanto vigor os aggressores, que os fizerão retroceder, e em tanta confusão, que a communicárão ao lado esquerdo, o qual consequentemente começou a perder a vantagem em que se achava. Os inimigos aproveitando-se desta desordem, sahindo das suas linhas, carregárão por ambos os lados toda a Infantaria Imperial com tanta vehemencia, que a rompêrão, e sem amor ao muito sangue que lhes custava esta vantagem, penetrárão até ao fosso da segunda trincheira, ganhando-lhe o flanco que pegava com o Danubio, procurando fazer-se senhores da ponte superior de barcas, para ganhar inteiramente a passagem deste Rio.

Nesta confusão compulsado das tropas que retrocedião, cahio o cavallo no fosso da trincheira ao Senhor Infante D. Manoel, o qual guiado de hum glorioso espirito militar, quiz achar-se como voluntario nesta

campanha, passando pela posta de París á Hungria, e corrêra perigo huma vida de tanto preço, se a Providencia, sempre prodigiosa com a Serenissima Casa de Portugal, não tivera naquelle Exercito a D. Diniz de Almeida, Cavalleiro da Ordem de Malta, e Coronel de Cavallaria no serviço do Imperador, que vendo Sua Alteza neste perigo, expondo a vida aos Alfanges Turcos, que o cercavão, lhe deo o braço, e felizmente o livrou da morte, fazendo-se benemerito descendente de tantos Avós illustres, em que por ambos os costados tinha muitos exemplos de valor, e fidelidade aos seus Principes. Por este serviço lhe mandou o Senhor Rei D. João V. dar huma grande ajuda de custo.

Já parecia declarar-se a fortuna pelos inimigos, esmorecendo o valor Germanico na desordem, quando o Principe Eugenio apeando-se, e pondo-se diante da sua Infantaria, trabalhou em reanimalla com as palavras, e com o exemplo. O Senhor

Infante D. Manoel desprezado o perigo passado, e o presente, com a espada na mão se poz a pé ao lado do mesmo Principe, sem que as suas reiteradas instancias pudessem persuadillo a retirar-se a lugar menos perigoso. Ambos neste dia fôrão alvos da inveja aos animos mais briosos.

Reunindo-se, e pelejando, se achárão os Imperiaes novamente formados em batalha, e remettendo aos inimigos com furia inexplicavel, lhes fizerão perder o ganhado terreno, obrigando-os a salvar-se com precipitação nas suas mesmas trincheiras; desamparando em partes as suas batarias, e aproches. O Grão-Vizir não podendo sustentar o arrebatado impeto, com que a sua Cavallaria já sem ordem desamparava o campo, resolveo, ou vencer a fortuna com a sua constancia, ou procurar na perda da vida a salvação da honra. Cahião mortos de huma e outra parte, cheios de gloria militar, mas com destino differente. Não intimidava aos outros a vista deste espectaculo,

antes lhes servia de estimulo para a vingança, e violentando já o brio a natureza, achavão-se prostradas as forças; mas os espiritos sempre firmes na obstinação da defensa.

Nesta contingencia continuou muito tempo o conflicto, fazendo o Grão-Vizir por sua pessoa acções correspondentes ao seu posto, sem que huma pelourada, que recebeo no ventre, lhe estorvasse o valor, nem o acordo; até que ferido na cabeça com outra bala, cahio mortalmente. Mahometh Bachá, Agá dos Janizaros, ou Cabeça militar das tropas deste nome, General entre os seus de grande reputação, e que neste accidente obrava extremos de valentia, acabou tambem pouco depois a vida; anticipando ambos o effeito, que a desgraça deste successo lhes fazia esperar em Constantinopla, e interessando nesta anticipação a differença. Aqui com a honra da morte fizerão glorioso o seu nome; lá com a ignominia do castigo até o farião escandaloso á sua mesma estirpe.

Vendo-se já sem Cabos a Infantaria Turca, destruida, e desenganada da esperança da victoria, começou a ceder o terreno, cuidando só em salvar as vidas das mãos dos Alemães, que havendo entrado victoriosos as trincheiras, a ninguem concedião quartel. Insensivelmente occupárão estes hum terreno tão grande, que poderão formar-se em linhas, e marchar em ordem de batalha para hum alto, onde os inimigos se demorárão, mostrando querião sustentar aquelle posto; mas elles vendo-se buscados, o largárão logo, fugindo declaradamente, ou á morte, ou á perda da liberdade. Alguns se separárão, salvando-se no bosque da montanha vizinha; outros, ainda fieis aos seus Generaes defuntos, postos sobre dois carros os seus cadaveres, com huma marcha precipitada, mas já sem ignominia, os conduzírão a Belgrado, onde lhes derão sepultura.

Não erão ainda duas horas depois do meio dia, quando os Alemães se achavão inteiramente senho-

res do campo inimigo, com toda a sua artilharia, provimentos, e bagagem. O lucro do despojo, foi igual á gloria do vencimento. Nada se pôde salvar de Exercito tão grande, mais do que as vidas dos que fugirão. O Quartel-General ficou inteiramente nas mãos dos vencedores com a mesma tenda do Grão-Vizir, magnifica, e preciosa.

Tomárão-se aos inimigos cento e cincoenta e duas bandeiras, e estandartes, além de outros muitos que maltratou a raiva dos Soldados, vinte e hum morteiros, setenta e dois canhões grossos, e cincoenta e oito peças de campanha, doze mil tendas, mil e seiscentos carros providos com munições de guerra, mil e quatrocentos com avêa, e muitos mil com mantimentos, vinte mil saccas de arroz, dez mil com café em grão, sete mil e quinhentos barris com farinha, oito mil com polvora, quatro mil cavallos, dois mil camêlos, dois mil bufalos, dez mil bois, quarenta mil carneiros, onze mil bombas, e infi-

nito número de balas. Avaliou-se o despojo em muitos milhões de cruzados.

Em quanto á gente, além do Grão-Vizir, e Agá dos Janizaros, postos supremos na milicia Turca, morrêrão na batalha quinze Bachás, cento e cinco Officiaes-Maiores, e perto de trinta mil Soldados.

Diminuio o gosto de tanto triunfo á lastimosa vista do Conde Sigifredo de Breiner, e dos mais Officiaes prezos no choque do General Palfi, os quaes, como sacrificados á raiva dos vencidos, achárão os vencedores mortos junto ao pavilhão do Grão-Vizir, prezos com cadêas nos pés, e nos pescóços, e ainda derramando sangue das feridas com o calor dos espiritos vitaes. Além desta perda custou tambem a victoria as mortes de muitos Officiaes, e seis mil Soldados Alemães.

Tem muita gloria nesta campanha o Reino de Portugal; porque além dos interesses da Religião, do parentesco, e da alliança, tem outro

particular nas valorosas acções, com que alguns Portuguezes contribuírão para ella.

Do valor do Senhor Infante D. Manoel fallão com particular applauso as gazetas estrangeiras; entrando em acção de tanto trabalho, mal convalecido das molestias contrahidas na jornada. D. Diniz de Almeida, além do que temos referido, fez maravilhas contra os Turcos. Manoel Telles da Silva, filho segundo do Conde de Tarouca, Embaixador Extraordinario desta Corôa na Côrte de Hollanda, se fez admirar por seu esforço, e pelo seu brio. Tinha assentado praça de voluntario no Regimento de Cavallaria Hespanhola do Conde de Galbe, Irmão do Duque do Infantado, e seu parente, ainda que remoto, como ramos da Illustrissima Casa de Silva, descendentes ambos por linha legitima, e varonil de Fruella II. Rei de Leão; e no dia da batalha se fez merecedor de mais applausos, do que tinha de annos. Outros, ainda que de infe-

rior qualidade, trabalhárão muito por não desmerecer o nome de Portuguezes.

Oriundo he tambem deste Reino, como Neto terceiro de Manoel Filisberto, Duque de Saboya, filho do Duque Carlos III. deste nome, e da Senhora Infanta D. Brites, filha do felicissimo Senhor Rei D. Manoel (em cuja memoria se gloriárão muitos dos seus descendentes deste nome) este famoso Heróe do seu Seculo, primeiro papel de tão glorioso acto, o Principe Eugenio de Saboya, que em 14 do mez de Agosto do anno de 1697 tinha feito mui celebre o seu nome, alcançando nas mesmas fronteiras de Hungria huma completa victoria do Sultão Mustapha II., com tantas vantagens das armas Imperiaes, que o obrigárão a pedir logo a paz; e nesta acabou de entrar no Templo da immortalidade, onde a fama com inextinguiveis caracteres de honra deixará gravado, e eterno o seu nome nos padrões da memoria.

Não chegava o Exercito Imperial a oitenta mil homens, nem deste número entrárão no combate dois terços; porque a desigualdade do terreno em partes montuoso, em outras coberto de cerrados bosques, não permittia que a Cavallaria pudesse pelejar toda com os inimigos; pouco mais de trinta Regimentos forão os instrumentos do seu estrago. Elles chegavão a cento e oitenta mil, outros sobem a duzentos mil o seu número. As suas linhas occupavão duas legoas de comprimento. A sua disciplina fazia parecer outras as suas tropas. Todas pelejárão com ordem tão regular, como as mais destras da Europa.

Querendo o Principe General dar descanço á sua gente, cançada na operação de sete horas de continua peleja, mandou em seguimento dos inimigos o General Spleni com dois Regimentos de Hussares; que por ficarem no corpo de reserva trabalhárão menos; e fazendo tocar a recolher, ficou alojado o Exercito

no mesmo campo que desamparárão os Infieis. O Principe se aposentou na Tenda do Grão-Vizir, onde jantou, e escreveo ao Imperador dando-lhe a noticia deste feliz successo.

Voltou o General Spleni, e deo parte ao Principe de haver seguido os inimigos até á Ribeira do Savo, e observar que passavão com grande confusão aquelle Rio, tomando o caminho de Belgrado. Depois se soube haverem-se afogado mais de quatro mil na passagem; porque apossado o medo dos seus espiritos, matavão huns aos outros, que lhes querião preceder na fugida. Fez-se Conselho, e reconhecendo-se nelle inutil a assistencia daquelle campo, se recolheo o Exercito ao primeiro, carregado de gloria, e de despojos. Da parte que coube ao Principe Eugenio, offereceo elle ao Senhor Infante D. Manoel a eleição dos melhores cavallos para se servir delles; e porque o Infante mui urbanamente mostrou agradar-se mais do primor da offerta que da acceitação do presente,

o Principe lhe mandou dois de maior preço, ajaezados ricamente á Turca.

Tem esta victoria a circumstancia de ser alcançada no dia 5 de Agosto, em que por obsequio da Virgem Nossa Senhora faz a Igreja Catholica commemoração do prodigio da neve, apparecida em dia semelhante no monte Exquilino de Roma.

A Côrte Imperial se empenhou em dar ao Altissimo as mais solemnes acções de graças por tão grande beneficio. O Imperador enviou ao Summo Pontifice a noticia attestada com algumas bandeiras, e a communicou por cartas a todos os Principes, e Potencias da Europa, seus amigos, e alliados, o que todos altamente celebrárão.

CAPITULO XXII.

Continuação de alguns factos memoraveis deste anno.

1716

A 20 de Abril se erigio o Recolhimento da Madre de Deos da Villa de Guimarães em Convento de primeira Regra de Santa Clara, em que o Arcebispo Primaz de Braga D. Ruy de Moura Telles publicou a clausura, e começou o Noviciado das Religiosas. A sua primeira Abbadessa, e fundadora, foi a Soror Luiza da Conceição, Religiosa no Convento da Madre de Deos de Lisboa, Irmã do mesmo Arcebispo, conduzida de Lisboa por seu Sobrinho João Guedes de Miranda, e por dois Religiosos de S. Francisco; e passárão por Braga, donde o Arcebispo Primaz com o seu Cabido, a acompanhou até Guimarães, e foi recebida,

e levada para o novo Mosteiro com huma procissão solemne, composta do mesmo Cabido, e da Collegiada, Senado, Clero, e Communidades desta Villa, que com repiques, e luminarias festejou tres dias esta função; e os Cavalheiros della a celebrárão com grandes festins, fogos de artificio, e outros divertimentos. O Arcebispo Primaz, além de concorrerem por sua conta os gastos destes tres dias na Igreja, e Convento, deo para elle huma esmola de cem moedas.

A 17 de Junho se abrírão os banhos chamados até então das Alcaçarias, e da hi por diante do Duque, por ser o Duque de Cadaval senhor delles; o que tem servido de grande utilidade pública, por terem as mesmas virtudes que as Caldas da Rainha, com os admiraveis effeitos, que as experiencias tem mostrado. Guilherme Low Inglez, Cirurgião do Enviado da Grã-Bretanha, e Izack Eliot Francez, Cirurgião-Mór do Exercito, ambos insignes na sua profissão, to-

márão por sua conta reduzir a forma mais commoda o uso destes banhos, reduzindo-os a quatorze com seus camarotes, seis para homens, e oito para mulheres, todos providos de muita agoa, e com tão boa ordem, que as mulheres tem differente entrada, e se não podem encontrar com os homens.

A 20 do mesmo pelas 7 horas da manhã partio de Lisboa o Senhor Rei D. João V. para o Convento de Varatojo de Recoletos do meu Padre S. Francisco, da reformação do Veneravel Fr. Antonio das Chagas, sete legoas distante de Lisboa, para honrar com a sua Real presença a profissão de Fr. Gaspar da Encarnação, Irmão do Marquez de Gouvêa seu Mordomo-Mór, que no Seculo se chamou D. Gaspar de Moscoso, e deixando as Dignidades que occupava, e renunciando as esperanças quasi certas da purpura, se resolveo a tomar o Habito naquella Religião, em que professou no dia 21 de Junho, com grande edificação de

todos. Em outro lugar trataremos das suas acções. No dia 22 voltou Sua Magestade, e jantou na Quinta das Lapas, onde o Marquez de Alegrete, dono della, hospedou a ElRei, e a todas as pessoas que o acompanhárão, com a maior magnificencia, e profusão que se póde imaginar. Pelas quatro horas da tarde se poz a caminho, e se restituio a esta Côrte, aonde chegou pelas nove horas da noite. Acompanhárão a ElRei nesta jornada o Senhor Infante D. Antonio, o Cardeal da Cunha, o Duque D. Jayme, o Marquez de Gouvêa, e seu filho o Conde de Santa Cruz, o Marquez de Marialva, o de Alegrete, e seu filho o Conde de Villar-Maior, o Conde de Unhão, e o da Ericeira, D. Francisco de Sousa, Commissario-Geral da Bulla da Santa Cruzada, Rodrigo de Mello Irmão do Conde de S. Lourenço, e o Deão da Sé de Lisboa, cujo Cabido mandou assistir dois Conegos da sua parte a este acto.

No dia 5 de Julho falleceo D.

Francisco de Sousa, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, Sumilher da Cortina, Deputado da Meza da Consciencia e Ordens, Conego Doutoral da Sé da Guarda, e Commissario-Geral da Bulla da Santa Cruzada, venerado nesta Côrte pelas suas grandes prendas, e letras. Jaz sepultado na Igreja da Madre de Deos de Xabregas. Seguio-se em o lugar de Commissario-Geral da Bulla Pedro Hasse de Belém, que fallecendo a 10 de Junho de 1717, foi nomeado para este emprego o Doutor João Duarte Rebeiro.

No dia 19 fez a sua profissão solemne no Convento de Varatojo, D. Fernando Antonio de Menezes, filho segundo dos Condes da Ericeira, Doutor pela Universidade de Coimbra, Opposítor ás Cadeiras, e Mestre-Escola da Capella Real com o nome de Fr. Antonio da Piedade.

CAPITULO XXIII.

Jornada, que o Senhor Rei D. João V. fez a Villa-Viçosa.

QUERENDO este piedoso Monarcha satisfazer huma Romaria, que havia promettido á milagrosa Imagem da Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, na Provincia do Alemtéjo, sahio a 28 de Outubro de Lisboa com os Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio, á ligeira, com poucos criados, e só os precisos para o servirem; que forão o Duque de Cadaval D. Jayme, Estribeiro-Mór, o Marquez de Gouvêa D. Martinho Mascarenhas, Mordomo-Mór, o Marquez de Marialva D. Rodrigo de Noronha, e o Conde de Unhão Rodrigo Telles de Menezes, seus Gentis-Homens da Camara, o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça

Côrte Real, o Padre Francisco Pedroso da Congregação do Oratorio, com quem ElRei se confessava, e o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, a quem ordenou que o acompanhasse. Na sua ausencia deixou o Governo á Rainha sua Esposa, para o que se lavrárão os Decretos precisos, que então baixárão aos Tribunaes, ficando para lhe assistir no Despacho o Cardeal da Cunha, fazendo a função de Secretario d'Estado, o Secretario das Mercês Bartholomeu de Sousa Mexia.

Passou ElRei o Rio em *hum* bergantim Real, e foi desembarcar na Villa de Aldêa Gallega, onde pernoitou. A 29 continuou a sua jornada, e dormio nas Vendas-Novas, oito legoas de Aldêa Gallega. A 30 marchou só quatro legoas até á Villa de Monte-Mór o novo, e jantou na quinta do Marquez de Gouvêa, que havia partido adiante para fazer os aprestos precisos, a fim de receber a Sua Magestade. Pernoitou na mesma quinta, e no dia 31 foi jantar a

Agoa de Peixes, Quinta do Duque de Cadaval, que tambem alli se achava esperando ElRei. Chegou neste dia á Cidade d'Evora; pousou nos Paços dos Arcebispos, vio a Sé, e depois a Universidade, onde fez mercê de hum anno aos Theologos, e de vinte dias de ferias aos Estudantes: mandou repartir setenta moedas de ouro aos pobres, e soltar da cadeia os prezos que não tivessem parte. De tarde assistio no coro de cima da Igreje Cathedral ás Vesperas da solemnidade de Todos os Santos, e no Domingo a todas as Horás Canonicas. No dia 2. segunda feira esteve tambem presente ao Officio de Defuntos até se recolher a procissão, e mostrou agradar-se do modo com que se fizerão todos os Officios. Fez muitas esmolas, deo a mão a beijar a todos com muita benevolencia, e partio de tarde para Estremôs, aonde chegou pelas duas horas da noite; e não houve demonstração alguma de festejo no seu recebimento, nem tiro de artilharia, nem luminarias,

por Sua Magestade o haver assim ordenado antecedentemente. No dia 3 passou a Villa-Viçosa, onde entrou já de noite. No dia seguinte foi logo visitar a milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição, a quem dedicára aquella Romaria, na antiga Igreja, que lhe edificou o santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e a quem seu Augusto Avô o Grande D. João IV. fizera tributario todo o seu Reino, como fica dito no Tomo IV. a fol. 111. Tendo satisfeito com a devoção, se divertio tambem na famosa Tapada da Serenissima Casa de Bragança, onde matou grande número de rezes com os Infantes seus Irmãos. A 8 foi vêr os campos de Montes-Claros. No dia 10 chegou á Cidade de Elvas pelas duas horas da tarde com os Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio: foi recebido com os repiques de todos os sinos, e grandes vivas de todo o povo: não se disparou a artilharia, porque ElRei assim o tinha ordenado. Logo se encaminhou á Sé, onde o Bispo

o recebeo em habitos Pontificaes com o seu Cabido, e se lhe fizerão todas as ceremonias costumadas; e sem se haver sentado se tornou a recolher ao coche em que vinha, e sahio pela porta da esquina, onde se apeou, e foi por dentro do fosso vendo a fortificação. Tornou a entrar na Cidade pela porta falsa, que chamão de S. Francisco junto ao Trem, e dalli foi pela muralha de trás do Castello, onde vio rebentar duas minas, que para isso estavão preparadas no fosso; de que mostrou grande contentamento. Dalli passou a vêr os armazens, e se recolheo ao Palacio do Bispo D. João de Sousa de Castello-Branco, que tinha feito grandes aprestos para o receber, e alli dormio. A 11 pela manhã foi vêr a Praça de Olivença, donde voltou á noite; e no dia 12 pela manhã foi vêr a Praça de Campo-Maior, aonde chegou pelo meio dia; visitou a milagrosa Imagem de S. João Baptista, vio a Igreja Matriz, o Castello, e a fortificação; e pelas quatro horas da tarde

nhio daquella Villa, e se recolheo a Elvas. A 13 pelas dez horas da manhã partio para Estremôz; e se recolheo á Côrte, deixando honrada a Provincia com a sua Real presença, e com as muitas mercês, que houve pôr bem conceder aos seus moradores.

CAPITULO XXIV.

Nomeação do primeiro Patriarcha de Lisboa. Sua entrada pública na Patriarchal, e o mais que diz respeito a este objecto.

TENDO o Summo Pontifice Clemente XI. concedido ao Senhor Rei D. João V. o erigir a sua Capella Real em Igreja Patriarchal, e Metropolitana pela Bulla Aurea, que começa *In Supremo Apostolatus Solio*, datada de 7 de Novembro de 1716, dividindo em duas esta grande

Cidade, e Arcebispado, nomeado ao primeiro Patriarcha. No dia 4 de Dezembro, em que a Serenissima Infanta D. Maria Barbara fazia cinco annos de idade, depois do Bejamão, recebeo o Bispo do Porto D. Thomaz de Almeida Aviso do Secretario de Estado de estar nomeado por Sua Magestade em Patriarcha, e Arcebispo Metropolitano da Patriarchal, novamente erecta por Sua Santidade, na sua Real Capella, attendendo o dito Senhor ás suas grandes letras, virtudes, qualidade, e mais partes que concorrião na sua pessoa; e sendo-lhe entregue no Paço o dito Aviso, tornou novamente com toda a Nobreza a beijar a mão a Suas Magestades.

O Conde de Avintes seu Irmão celebrou esta mercê com huma illuminação de mais de oito mil lumes, e muito fogo artificial, nas tres noites seguintes.

O Papa em Consistorio Secreto, a 7 de Dezembro deste anno, havia participado ao Sacro Collegio dos

Cardeaes os motivos da nova erecção da Igreja Patriarchal de Lisboa Occidental, nomeada em D. Thomaz de Almeida Bispo do Porto, a que assignou por Suffraganeos os Bispos de Leiria, Lamego, Funchal, e Angra, e hum Cabido constituido com seis Dignidades, de que a primeira era o Deão, e dezoito Conegos com tres Prebendas de Penitenciario, Theologo, e Doutoral, e doze Beneficiados Prebendados, e outros Ministros Ecclesiasticos para o serviço da Patriarchal. Ornou-se esta de hum egregio Cabido, composto de vinte e quatro lugares, nomeando ElRei, como do seu Real Padroado, as Dignidades, e Conegos (a que depois chamárão Principaes, titulo que o Papa approvou) ás pessoas mais esclarecidas em sangue, e tambem em letras, de todo o Reino, com grossas rendas para se conservarem na authoridade, que se lhes havia conferido; porque o Papa lhes concedeo as Vestiduras Episcopaes, e outras muitas graças, e privilegios, aos quaes El-

Rei tambem acordou todas as honras, e prerogativas de Grandes; que no seu Reino tem os Bispos nomeados por elle por Alvará de 24 de Dezembro de 1716. Na tarde do mesmo dia entrou o Cabido na posse da Santa Igreja Patriarchal com todas as honrras, privilegios, e graças concedidas pela Bulla de Sua Santidade a esta nova Sé, e cantárão solemnemente as Vesperas da Festa do Natal.

No dia 26 de Dezembro foi nomeado Vigario-Geral da nova Diocese Patriarchal de Lisboa Occidental o Doutor João Cardoso Castello; e a 7 de Dezembro do anno seguinte foi eleito Bispo Coadjutór do mesmo Patriarcha.

Aos 9 de Janeiro tomou posse da sua nova Dignidade, e Diocese o Patriarcha D. Thomaz de Almeida, por seu Procurador D. José Dionysio de Sousa, Arcediago da mesma Cathedral, a quem acompanhárão nesta função todos os seus parentes, e a maior parte da Nobreza, e Grandes da Côrte. Depois de feita a ceremo- 1717

nia da posse subirão todos a beijar a mão a Sua Magestade com o mesmo Cabido, que nesta occasião tomou posse das honras, que o mesmo Senhor lhe havia concedido, cobrindo-se na sua presença.

No dia 16 tomou o Patriarcha D. Thomaz de Almeida o Pallio na Igreja Parochial de S. Sebastião da Pedreira extra muros da Cidade, das mãos do Bispo do Algarve D. José Pereira de Lacerda.

No dia 13 de Fevereiro, que era hum Sabbado, de tarde fez o Patriarcha a sua entrada pública na Patriarchal, a que se deo principio na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde o esperava montada a cavallo toda a Nobreza da Côrte, e tomando o coche, veio marchando com todo este luzidissimo acompanhamento até á Igreja de Santa Martha, onde se apeou, e tomando a Capa Consistorial, continuou a cavallo a marcha até ás Portas de Santo Antão, onde estava levantado hum bem composto Altar. Aqui deixada a Capa Consistorial, se

revestio pontificalmente com Capa, e Mitra de tela branca, e montando em huma mula ruça cuberta com huma gualdrapa de tela branca, a levou de redea seu Irmão D. Luiz de Almeida, Conde de Avintes. Ao sahir das Portas de Santo Antão, o recebêrão debaixo de hum palio de preciosa tela os Vereadores dos Senados de ambas as Lisboas, e desta sorte por entre duas alas, que formavão as Communidades Regulares, Confrarias, e Irmandades de Lisboa, chegou á Santa Basilica Patriarchal; e se deo fim a este vistosissimo acto com o Hymno *Te Deum laudamus* cantado com toda a solemnidade, e o mais que se costuma praticar em semelhantes ocasiões: o que tudo se fez com huma pompa, e grandeza até então nunca vista.

Occupou este insigne Prelado grandes lugares; pois foi Desembargador da Relação do Porto, e da Supplicação, e Aggravos de Lisboa; Deputado, e Ouvidor-Geral das Terras, e do Conselho da Rainha; De-

putado da Meza da Consciencia, e Ordens; Chanceller-Mór do Reino; Secretario d'Estado; Sumilher da Cortina; Prior da Igreja de S. Lourenço de Lisboa; Bispo de Lamego, e do Porto; Governador das Justiças, e Milicias da mesma Cidade do Porto.

A esta excelsa Dignidade ficou annexa a de seu Capellão-Mór, concedendo ao Patriarcha, em razão de sua alta Dignidade, e a seus Successores novas honras, e todas as prerogativas, que são concedidas, e elle permittia nos seus Reinos aos Cardeaes da Santa Igreja Romana, por Decreto mandado á Meza do Desembargo do Paço de 12 de Fevereiro de 1717. ElRei lhe fez huma generosa doação de duzentos e vinte marcos de ouro todos os annos, no primeiro de Abril de 1719. E logo por outra passada no mesmo dia, e anno, lhe fez doação da Leziria da Foz de Almonda, de grande rendimento. Depois o Papa Clemente XII. por nomina d'ElRei creou ao mesmo Pa-

triarcha Cardeal, a 20 de Dezembro de 1737, declarando que esta Dignidade ficaria perpetua nos Patriarchas seus Successores, os quaes sendo preconizados em Consistorio, serião immediatamente creados Cardeaes, no seguinte.

Erigida a Santa Igreja Patriarchal pela divisão da antiga Metropoli de Lisboa, sendo o executor das referidas Bullas D. José Pereira de Lacerda, Bispo do Algarve, e depois Cardeal da Santa Igreja Romana, ficou então esta com o titulo de Archiepiscopal Oriental, e o Patriarchado com a parte do Occidente, e foi dividida a grande Lisboa em duas Cidades por hum Alvará Real, a que vai dar principio o Tomo VII. desta Obra.

Fim do Tomo VI.